

WAGNER WEY MOREIRA

A AÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA ESCOLA:
UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
1990



*Tese apresentada como exigência parcial para a
obtenção do Título de DOUTOR em EDUCA-
ÇÃO na Área de Concentração em Psicologia
Educativa à Comissão Julgadora da Universi-
dade Estadual de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Sérgio Goldenberg.*

Este exemplar corresponde á redação final da Tese defendida por WAGNER WEY MOREIRA e aprovada pela Comissão Julgadora em 07 de maio de 1990.

Data: 07 | 05 | 90

Assinatura: 

Comissão Julgadora

- Lívia Duarte

Carolina

J. Mat.

Tomás Viegas
Francisco Goleb

Agradeço ao Prof. Dr. Sérgio Goldenberg por sua constante disponibilidade e pela amizade ao longo dos anos.

Agradeço ao Prof. Dr. Joel Martins por sua demonstração de carinho e pelo muito que aprendi nesse espaço de tempo.

Para Lúdia, Simone, Sibeles
e Sabrina – razões maiores
da vida.

ÍNDICE

	Página
RESUMO	I
SUMMARY	III
CAPÍTULO I	
Introdução	1
Antecedentes Gerais	1
Antecedentes Específicos	8
Referências Bibliográficas	19
CAPÍTULO II	
O Fenômeno	22
As questões da Abordagem	22
Caracterização de Fenômeno	32
Referências Bibliográficas	36
CAPÍTULO III	
A Pesquisa	38
As descrições	40
Professor 01	41
Professor 02	49
Professor 03	64
Professor 04	75

CAPÍTULO IV

A Perspectiva Metodológica: Análise da Estrutura do Fenômeno Situado	87
Unidades de Significado e Análise Ideográfica.....	90
Professor 01.....	91
Professor 02.....	99
Professor 03	114
Professor 04	123
Referências Bibliográficas	132

CAPÍTULO V

A Perspectiva Metodológica: Análise Nomotética	133
Matriz Nomotética	136
Construção de Resultados.....	137
As Questões de Forma e Ritmo	137
A Questão do Esporte de Alto Rendimento	140
A Questão do Corpo.....	141
As Questões das Ausências do Prazer e Ludicidade.....	144
A Questão do Conteúdo Programático da Educação Física ...	146
Referências Bibliográficas	148

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES... ..	150
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	154
ANEXO I - Ficha Cadastro de Professores	160

RESUMO

A presente pesquisa está centrada na área da Educação Física Escolar, mais precisamente, na interpretação das ações e vivências do Professor de Educação Física em seu dia-a-dia na escola.

Para a consecução do objetivo básico "O que se pode desvelar da ação do Professor de Educação Física em seu cotidiano, na relação com os alunos das escolas de primeiro e segundo graus", optou-se por uma abordagem qualitativa em pesquisa, com base na análise do fenômeno situado, estando presentes as indagações problematizadoras: O que é essa Educação Física Escolar? É possível compreender a ação do Professor de Educação Física na Escola? A Educação Física Escolar estaria super valorizando a disciplina corporal? O corpo, trabalhado nas aulas da Educação Física Escolar, é o corpo do ser-no-mundo ou é um corpo objeto? Há relação entre o conteúdo da Disciplina Educação Física e os conteúdos das demais disciplinas curriculares na Escola? A Educação Física Escolar tem possibilitado ou tem impedido o espaço da criatividade no desenvolvimento do pensamento imaginativo?

A pesquisa foi realizada na cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, junto a quatro Professores, licenciados em diferentes cursos de graduação, que ministram aulas na Rede Oficial de Ensino. O pesquisador teve seis encontros de duas horas com cada sujeito da pesquisa, totalizando doze horas de observação por Professor, período em que foram registrados todos os acontecimentos presentes no desenrolar das aulas.

A análise do fenômeno situado, vivenciada na pesquisa, apresenta, metodologicamente, alguns momentos básicos, a saber: a) leitura das descrições ingênuas, procurando conseguir um sentido geral das proposições e compreensão da linguagem dos sujeitos; b) elaboração das unidades de significado, dentro de uma perspectiva psicológica; c) análise ideográfica; d) análise nomotética.

Após toda a reflexão do fenômeno, chegou-se, na matriz nomotética, a dezesseis unidades de significado individual, com grande porcentagem de convergência, indicando um padrão de ação e valores que, na

construção dos resultados, motivou as preocupações quanto às questões: de forma e ritmo; do esporte de alto rendimento; do corpo; das ausências de prazer e ludicidade; do conteúdo programático da Educação Física.

Na conclusão, com base na interpretação perspectival do fenômeno, as preocupações levantadas pelo pesquisador são transferidas, em forma de alerta, aos responsáveis pelos cursos de formação profissional em Educação Física e aos responsáveis pela estruturação e funcionamento da escola de primeiro e segundo graus.

SUMMARY

This research is focused on physical education at the school setting, more precisely, on the interpretation of actions and living experiences of the physical education teacher in his (her) routine at school.

In order to accomplish the basic objective, "what can be revealed of the physical education teacher in this (her) day-to-day relationship with student, of "first and second levels" (elementary through high school), the qualitative approach of inquiry was selected, based on the analysis of a situated phenomenon where the following questions were posed by the research: what is this physical education all about? Is it possible to understand the action of physical education teachers at school setting? Would physical education overemphasize body discipline at school? Is the body, worked out at physical education classes in schools, as a body "being-in-the-world" or simply as a body as an object? Is there any relationship between physical education contents and contents of other subjects in school curricula? Has physical education contributed or inhibited the space for creativity in developing the imaginative thinking process?

This research was developed in Piracicaba with four physical education teachers, graduated from different college programs, who teach in the Stele School System. The researcher had a series of six two-hour meetings with each one of subjects.

Results of observations of classes were then reported.

The analysis of the phenomenon experience during the research presented some methodological stages, as follows: (a) reading of naive descriptions in order to establish a general sense of propositions, as well as to understand the subjects' language; (b) to elaborate meaningful units, within a psychologic perspective; (c) ideographic analysis, and (d) nomothetic analysis.

After the thinking process of phenomena was completed a nomothetic matrix was developed, with 16 individual units of meanings, with a high percentage of convergence, indicating a pattern of values and actions. Results based on findings provided concerns in relation to elements such as: shape and rhythm; sports of high level performance; the body; the absence of pleasure and ludic actions and the physical education programmatic

content.

In conclusion: based upon the perspectival interpretation of the phenomenon, the questions asked by the researcher showed to be an alert to those who are in charge of professional preparation programs in physical education, as well as to those who are responsible for the structure and functioning of elementary and secondary schools.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendemos refletir sobre o fenômeno chamado vida, vida do pesquisador que o elabora. Em muitos momentos, esse fenômeno foi, equivocadamente, tratado como fato, do qual se buscou a análise de causa e efeito. Hoje, no entanto, preocupamo-nos em descrever a experiência que possuímos das coisas, dentro de uma intencionalidade consciente. Por essa razão, tentaremos redigir a tese num processo contínuo, onde, por exemplo, a bibliografia vai sendo mencionada, sem necessidade de um capítulo especial sobre "revisão bibliográfica".

Uma afirmação inicial, que irá permear os escritos, na qual cremos, é de Merleau-Ponty:

"Yo no soy el resultado o enervada de las múltiples causalidades que determinan mi cuerpo o mi 'psiquismo'; no puedo pensarme como una parte del mundo, como simple objeto de la biología, de la psicología y la sociología, ni encerrarme en el universo de la ciencia. Todo cuando sé del mundo, incluso lo sabido por ciencia, lo sé a partir de una visión más o de una experiencia del mundo sin la cual nada significarían los símbolos de la ciencia."(1)

ANTECEDENTES GERAIS

Um trabalho científico não se inicia apenas na sua elaboração ou

na sua descrição; a história do pesquisador está sempre presente.

A Educação Física Escolar, objeto desse estudo e dessa história, sempre foi para nós inquietante. Rememorando a passagem por essa disciplina escolar, em todos os graus, identificamos o profissional desenvolvendo seu trabalho de forma mecânica, repetitiva, reproduzindo os mesmos testes no início e no final de períodos letivos, ao longo dos anos. Esse mesmo profissional “planejava” as suas aulas segundo um modelo estanque, independente da faixa etária, que poderia ser resumido em: correr em coluna por um e no sentido anti-horário, um determinado número de voltas ao redor da quadra – esta é a fase denominada aquecimento; realizar uma série de exercícios ginásticos localizados, no modelo e ritmo do professor, e uma prática desportiva, na fase da aula denominada principal. Sem esquecer, é evidente, que no caso de chuva, não haveria aula.

Como se vê, uma inquietação no mínimo curiosa: uma disciplina escolar cujo conteúdo está na dependência de fatores atmosféricos!

A inquietante curiosidade sobre a Educação Física é transformada em problema quando da nossa formação universitária, pois encontramos a mesma forma, os mesmos “valores” pedagógicos sendo pregados pelos mestres acadêmicos, como dogmas imutáveis. Entenda-se aqui o termo “problema” na conceituação de Saviani(2), como uma questão cuja resposta se desconhece e se sente necessidade de conhecer, como algo que se ignora e sente necessidade de saber; ou seja, esse conceito de problema implica tanto a conscientização de uma situação de necessidade (aspecto subjetivo) como uma situação conscientizadora da necessidade (aspecto objetivo).

A este problema inicial - Educação Física Escolar sinônimo de imutabilidade - foram sendo somadas outras questões inquietantes, que mais tarde também se transformariam em problemas. Um deles é o confrontar da afirmação de Sérgio(3) com a situação anteriormente descrita. Diz o filósofo lusitano, afeto às questões da Educação Física, que a prática não acompanhada da teoria é cega e para pouco serve; já a teoria, sem a prática, para nada serve, pois definha no idealismo mais concêntrico. Se assim é, por que razões a Educação Física Escolar está historicamente enraizada a meras práticas? Não estaria ela cega? Não se faz necessário um transplante de córnea na Educação Física Escolar? Lembre-se ainda mais, o ditado popular que afirma: o pior cego é aquele que não quer ver.

Um segundo confronto surgido entre o pensamento de Sérgio(4) e a prática da Educação Física até aqui mencionada: afirma o autor que há aqueles que acreditam que o Homem, a Sociedade e a História podem ser conhecidos e transformados precisamente através da prática, e que a prática, ou se compromete na modificação da realidade objetiva, tendo em conta conjuntamente os domínios do político e do econômico, da cultura e da moral, ou apenas vai servir para que a inconsciência ocupe o lugar da consciência. Daí a questão problemática posta: a Educação Física Escolar tem transformado algo no seio da escola ao longo desse tempo, ou ela tem se prestado para servir de mascaramento ideológico, onde a inconsciência ocupa o lugar da consciência ou da crítica?

A par destas questões, desenvolveram-se outras relacionadas com os procedimentos científicos ao nível de pós-graduação e com o rigor acadêmico, onde muitas vezes o proceder metodológico se distancia do mundo do pesquisador. Neste sentido, optamos por realizar um trabalho dentro das exigências da reflexão filosófica, que satisfaça os requisitos da radicalidade, de rigorosidade e de globalidade, propugnados por Saviani(5), sem perder a coerência entre o discurso do pesquisador e seu mundo, sem relegar a um valor menor a vivência do pesquisador.

Esta decisão tem o respaldo de Gadotti(6) quando afirma que, se uma tese, por preocupação de rigor, de racionalidade, de academicismo, se desvia do cotidiano e se afasta do vivido, como contribuição na área da educação terá simplesmente perdido seu valor. O cuidado com a coerência é mais importante que a questão de "como" desenvolver uma pesquisa em educação. A eficácia de um discurso em educação não se deve à rigorosa lógica interna de sua metodologia. Deve-se, antes de mais nada, à coerência do conteúdo do discurso com o sujeito que o pronuncia. O discurso educativo é constantemente alimentado pela relação que tem com seu autor. No caso presente, falar em Educação Física Escolar, é, em última análise, dizer do sujeito que realiza esse discurso.

O ponto de vista do pesquisador identifica-se com o de Gadotti(7) quando diz: existem coisas a serem feitas e respostas a serem dadas. Se nossa tarefa não nos ajuda a nos educar, todo o nosso projeto em educação é inútil. Se saímos de nosso trabalho do mesmo modo como aí entramos, no mínimo, perdemos tempo. Enfim, se nossa pesquisa ficar exterior a nós, teremos feito a ciência dos cientistas, sucumbindo à tentação tecnocrática.

É também necessário evidenciar, nestes antecedentes, a visão de pesquisa e de ciência que deverá nortear o trabalho. Para tanto, recorremos ao pensamento de Demo, quando afirma em relação à pesquisa:

“Só tem algo a ensinar aquele que, por meio da pesquisa, construiu uma personalidade própria científica, aquele que tem uma contribuição original; caso contrário, não vai além de narrar aos estudantes o que leu por aí. E se atribuímos à universidade um compromisso com a comunidade em que está inserida, para que não fique apenas na teoria, mas consiga descer à prática, isto se consegue da melhor maneira possível, se a intervenção na realidade estiver baseada em pesquisa prévia, porque não se pode influenciar o que não se conhece.”(8)

Já em relação ao conceito de ciência, evidenciam-se as preocupações ainda levantadas por Demo(9). A primeira preocupação é definir o que seja ou não ciência. Por incrível que pareça, a coisa mais controversa em ciência, é a sua própria definição, o que leva à afirmação de que não se pode atribuir a ela, em momento algum, uma posição definitiva. A ciência, portanto, não passa de um modo possível de ver a realidade, nunca único e final; e não é possível ver a realidade sem um ponto de vista, que é perspectival.

A segunda preocupação é a lembrança que em ciência, notadamente a social, o que se faz está marcado pelos nossos condicionamentos temporais e sociais: vemos coisas que outros não vêem, consideramos relevantes aspectos secundarizados por outros, chegamos a conclusões contraditórias, partindo dos mesmos dados e estamos cercados de decisões subjetivas impostas a nós ou por nós. Não é possível a descrição pura, porque a ela agregamos algo de nós. A terceira preocupação é lembrar que:

“A adequação entre pensamento e pensado, entre conhecimento e conhecido, não pode ser solucionada aprioristicamente ou empiricamente, invocando um acesso imediato e não problemático ao objeto por parte do sujeito. Se não quisermos que as categorias analíticas permaneçam estranhas ao objeto, devemos aceitar a existência de noções prévias, mesmo indistintas e ideológicas, porque ninguém coloca uma pergunta se nada sabe da resposta; pois, se nada soubesse da resposta não haveria o que perguntar. Não é só o objeto que determina a seleção das categorias de análise, mas igualmente nosso processo de formação científica, nossa inserção nas ideologias dominantes, nosso posicionamento político, etc...” (10)

Ainda segundo Demo:

“O que percebemos da realidade é apenas aquilo pelo qual a ciência se interessa. A ciência é, assim, em parte a ideologia dos cientistas, a maneira de eles sobreviverem e se valorizarem; supõe uma concepção histórica do mundo, um processo de formação histórica inacabado e inacabável. Existe ciência porque os cientistas não conseguem resolver o problema da captação da realidade. A ciência não no-la dá pura, mas apenas numa construção dela.”(11)

Somente em teoria se pode dizer que a ciência é a interpretação verdadeira da realidade, porque na prática, toda interpretação realiza apenas uma versão historicamente possível.

Dentro desse quadro, aprofunda-se a nossa crença na ciência, e como decorrência, a crença na pesquisa científica. A fé que possuímos na ciência tem alguns traços distintos, revelados criticamente por Morin(12), quando menciona que a revolução científica não arrasta nenhum progresso humano, embora todo avanço científico seja progresso; ela, na verdade, mais pode consolidar poderes que favorecer emancipações, sendo portanto,

débil na sua radicalidade. Essa ciência já consegue aniquilar a vida, mas continua incapaz de reformar. Revolucionária, ativa, genial, também é cega, ébria. Donde se conclui que há necessidade de uma consciência para se dominar a ciência.

A ciência em que acreditamos não é dogma nem de verdade, nem de neutralidade. A ciência também não é nem deusa, nem ídolo; ela tende, cada vez mais, a se confundir com a aventura humana de que proveio. Assim, uma teoria é científica quando aceita que sua falsidade possa ser eventualmente demonstrada. O jogo científico não é o jogo da posse da verdade, mas sim de luta entre a possível verdade e o possível erro. Ou, melhor dizendo, nas palavras de Karl Popper, transcritas na obra de Morin: "Uma teoria científica é ciência, não porque provou sua verdade, mas porque oferece aos observadores ou experimentadores a possibilidade de provarem sua falsidade." (13)

Por isso cremos que o conceito atual de ciência deve ser interrogado. Ou melhor dizendo, o conhecimento científico, como afirma Morin, "é um conhecimento que não se conhece." (14) Esta ciência, que desenvolveu metodologias tão espantosas e hábeis para apreender todos os objetos exteriores a ela, não dispõe de nenhum método para conhecer-se e pensar-se a si mesma.

Por esta forma de pensar, fica evidente que este trabalho não pode ser desenvolvido dentro de um valor de pesquisa positivista ou empírica, que possuísse postulados a priori e definisse uma teoria. Não se pretende, com esta pesquisa, chegar a explicações concludentes, advindas da investigação da relação causa e efeito. Não se objetiva mensurar a ação do Professor de Educação Física. Em última análise, não nos preocupamos com o enfoque quantitativo da pesquisa natural. A ciência que advogamos, e por conseguinte a pesquisa científica valorizada, é aquela que irá trabalhar através de descrições do fenômeno observado, em abordagem qualitativa, dentro da área de ciência humana.

Melhor definindo, o que se quer, na verdade, é investigar se a Educação Física Escolar não se pauta, ainda, por uma prática pedagógica enraizada em um modelo empírico e manipulador de ciência. Daí a opção por uma abordagem qualitativa de pesquisa, pois esta, no dizer de Martins (15), não se preocupa em controlar, mas sim em descrever o fenômeno, sendo pois a descrição a condição básica fundamental para se fazer pes-

quisa qualitativa. Também optamos por esta abordagem porque a avaliação, na pesquisa qualitativa, busca, por um lado, uma compreensão particular e, por outro, uma idéia mais geral onde não há preocupação com generalizações, princípios ou leis. Dessa forma a generalização é abandonada e o foco está centralizado no específico, no peculiar, no individual, como forma de compreensão e não de explicação.

Portanto, a pesquisa científica que incorporamos, e através dela sua abordagem, deverá, em última análise, responder ao interrogado: é possível compreender a ação do Professor de Educação Física na Escola?

Juntando todas essas preocupações iniciais com o objeto de estudo desta pesquisa, convém, para maior clareza e já na determinação de criar a ponte relacional entre a introdução e as demais fases do trabalho, lembrar as considerações de Martínez, apropriadas ao momento:

“Las realidades cuya naturaleza y estructura pueden ser observadas, al menos parcialmente, desde afuera, podrán ser objeto de estudio de otros métodos. Las realidades, en cambio, cuya naturaleza y estructura peculiar sólo pueden ser captadas desde el marco referencia interno del sujeto que las vive e experimenta, exigen ser estudiadas a través del método fenomenológico. En este caso, no se está estudiando una realidad 'objetiva y externa' (como ordinariamente se califica), igual para todos, sino una realidad cuya esencia depende del modo como es vivida y percibida por el sujeto, una realidad interna y personal, única e propia de cada ser humano.” (16)

Uma observação final é feita em função do pensamento de Popper, que parafraseado, poderia ser dito assim: a determinação do objetivo desse trabalho é, em última análise, uma questão de tomada de decisão, ultrapassando, por conseguinte, a discussão racional. E mais, existe a crença de que, a priori, uma discussão razoável é sempre possível quando os interlocutores se interessam pela verdade e estão dispostos a dar atenção ao que dizem as várias pessoas que se manifestam. Ou mais precisamente, em suas palavras:

"Admito, com sinceridade que, ao formular minhas propostas, fui guiado por juízos de valor e por algumas predileções de ordem pessoal. Mas espero que as propostas se tornem aceitáveis para os que apreciam não só o rigor lógico, mas também a ausência de dogmatismos; para os que se importam com as aplicações práticas, mas se interessam ainda mais pelas aventuras da ciência, pelas descobertas que, uma após outra, nos acareiam com novas e inesperadas perguntas, obrigando-nos a tentar encontrar respostas novas e insuspeitas."(17)

ANTECEDENTES ESPECÍFICOS

A nossa preocupação constante ao longo desses anos de militância em Educação Física tem sido a área escolar. Esta empreitada não foge à regra, motivo pelo qual o trabalho será desenvolvido através da análise da atuação do Professor de Educação Física exercida regularmente nas escolas oficiais de primeiro e segundo graus.

No entanto, para compreender a ação da Educação Física Escolar, é necessário um breve olhar para algumas tendências ou concepções presentes na Educação Física brasileira.

Ghiraldelli identifica cinco tendências da Educação Física no Brasil(18): Educação Física Higienista (até 1930); Educação Física Militarista (1930-1945); Educação Física Pedagogicista (1945-1964); Educação Física Competitivista (pós 1964) e finalmente a Educação Física Popular. O ponto comum entre essas várias concepções é a tese da Educação Física como atividade capaz de garantir a aquisição e a manutenção de saúde individual.

No caso da Educação Física Higienista, a saúde está em destaque e o objetivo a ser alcançado pela Educação Física é a formação de homens e mulheres fortes, sadios, dispostos à ação. Nessa concepção, as atividades físicas devem disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral. A robustez corporal da parcela da juventude que sofre poucas

privações é colocada como paradigma para toda a juventude. Independente das determinações impostas pelas condições de existência material, o indivíduo, pela atividade física, pode e deve adquirir saúde. Nessa ótica, a Educação Física funciona como agente de saneamento público, para uma sociedade livre de doenças e vícios.

Já a Educação Física Militarista visa impor a toda a sociedade, via aulas de Educação Física, padrões de comportamento estereotipados, segundo os quais a juventude deve ser capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Como essa tendência crê na limitação das possibilidades da educação popular, cabe à Educação Física selecionar os mais aptos para exercer as atividades sociais e profissionais. O papel da Educação Física é colaborar no processo de “seleção natural”, eliminando os fracos e premiando os fortes. Na Educação Física Militarista, a ginástica, o desporto, os jogos devem eliminar os “incapacitados físicos” e promover a coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada.

Como as tendências anteriores não colocam de forma sistemática o valor educativo da Educação Física, surge então a vertente da Educação Física Pedagógica para suprir essa lacuna. Ela advoga a Educação Física não apenas para promover saúde ou disciplinar a juventude, mas a Educação Física como educação do movimento para promover a educação integral. Sua preocupação básica é com a juventude que frequenta as escolas, por isso a ginástica e os esportes são os meios de educação do aluno, são os instrumentos capazes de levar os jovens a aceitar as regras do convívio democrático e de estimular as novas gerações para o altruísmo, para o nacionalismo, etc. É a Educação Física Escolar encarada como utilidade social, acima de lutas políticas, acima dos interesses de grupos ou classes.

A quarta concepção anotada por Ghiraldelli(19) é a Educação Física Competitivista, que tem como objetivo principal a caracterização da competição e da superação individual como valores desejados pela sociedade moderna. Ao cultuar o atleta-herói, ela reduz a Educação Física ao desporto de alto nível. A metodologia utilizada é a da massificação da prática desportiva, para daí brotarem os expoentes capazes de brindar o país com medalhas olímpicas. Toda atividade física, como ginástica, desportos, jogos recreativos e outros, fica submetida ao desporto de elite. Dá-se, nesta fase, grande ênfase, através dos meios de comunicação de

massa, ao desporto espetáculo, ápice da pirâmide a ser alcançada pela Educação Física.

As concepções vistas anteriormente têm como paradigma o pensamento liberal, exceto a Educação Física Militarista que tem sua base no fascismo. Contrapondo-se a estas concepções, ligadas à ideologia dominante, tem-se a Educação Física Popular procurando privilegiar a ludicidade, a solidariedade, a organização e mobilização dos trabalhadores na tarefa de construção de uma sociedade efetivamente democrática, ou mais precisamente no dizer de Ghiraldelli:

“A Educação Física Popular não se pretende ‘educativa’, no sentido em que tal palavra é usada pelas demais concepções. Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes.”(20)

Não adentrando no mérito das tendências gerais esboçadas anteriormente, mas indo especificamente ao âmbito da Educação Física Escolar, pode-se, em seu interior, detetar decorrências que levantam preocupações.

A primeira abordagem seria questionada da seguinte forma: A Educação Física Escolar estaria super valorizando a disciplina corporal?

O Professor de Educação Física trabalha, basicamente, com o corpo do aluno, o que nos lembra Foucault quando menciona:

“O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe.”(21)

E ainda mais:

“Uma ‘anatomia política’ que é também uma ‘mecânica de poder’, está nascendo; ela define como ter o domínio do corpo dos outros, não apenas para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina produz assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Ela dissocia, portanto, o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.”(22)

A relação do valor dessa primeira decorrência com a possível ação do Professor de Educação Física é inquietante. Inquietação essa que aumenta quando se verificam outras passagens do mesmo Foucault, como por exemplo, esta ao se referir ao detalhe:

“Nessa grande tradição da eminência do detalhe viam se localizar, sem dificuldades, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, mas menos pelo sentido que nele se esconde que pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo.”(23)

Será possível encontrar situações acima descritas sendo reforçadas nas aulas de Educação Física Escolar? Será que o Professor de Educação Física está desenvolvendo eficientes técnicas para o domínio do corpo dos seus alunos, adestrando-os para fazer o que ele quer e da forma como ele deseja? Será que ainda se desenvolvem aptidões físicas e capacidades neuro-musculares que resultem em relações de sujeição?

O mesmo Foucault(24) revela que a disciplina procede, em primeiro lugar, à distribuição dos indivíduos no espaço e que o controle da atividade é fundamental, citando que, durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplina: eram especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares. Estaria havendo semelhança entre essa descrição e o trabalho da Educação Física Escolar hoje?

É óbvio que não se pode cair na ingenuidade de afirmar que a Educação Física Escolar é a única forma possível de disciplina encontrada na escola, e nem é esta forma mencionada exclusiva. A própria instituição escola favorece variações de controle, como salienta Althusser(25). Mas o objetivo deste estudo restringe-se ao espaço da Educação Física Escolar.

A segunda abordagem a ser considerada: A Educação Física Escolar trabalha mais os aspectos qualitativos ou os aspectos quantitativos de um determinado conteúdo programático?

Pode-se afirmar que hoje existe uma tendência "natural" em nossa estrutura econômica e social que privilegia a questão do ter, da quantificação, desprezando as dimensões qualitativas da vida. Dentre os autores que se preocupam com esta questão, mencionaremos Rubem Alves.

Ele pergunta se seria possível negar o fascínio que o tamanho, o poder, a rapidez, exercem sobre nós. Todas essas entidades são quantificáveis. Referindo-se a Schumacher, em seu "Implications of the Limits do Growth Debate - Small is Beautiful", lembra que:

"A condição da humanidade se deriva diretamente do domínio da quantidade, do materialismo, do culto do 'produto interno bruto', da aceitação do dinheiro e da aquisição como fins em si mesmos - em outras palavras, do fato de considerarmos a quantidade como fundamental e primordial, enquanto que os aspectos qualitativos da vida não merecem sequer ser levados em consideração."(26)

Diz ainda Rubem Alves(27) que o corpo, o organismo, centros de uma avaliação qualitativa do ambiente, são substituídos por instrumentos de medir: metros, balanças, termômetros, barômetros, velocímetros, dinamômetros, cronômetros. Estes instrumentos têm como função substituir, com muito mais rigor, os órgãos dos sentidos, exprimindo quantidade pura sem nenhuma interferência ou mistura com a qualidade.

O próprio Rubem Alves lembra que Marx já mencionava, nos Manuscritos de 1844, que “a desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento do valor do mundo das coisas.” (28) Aí se pergunta: o valor do mundo das coisas não se dá via quantificação?

Portanto, a segunda preocupação em analisar os valores trabalhados pelo Professor de Educação Física na Escola está diretamente ligada ao aspecto quantidade \times qualidade. Não estaria a Educação Física Escolar, no primeiro e segundo graus, mais uma vez, através de seus conteúdos, de suas estratégias de ação e avaliação, privilegiando o tamanho, a velocidade, expressos em resultados verificados nos instrumentos fidedignos de medição, independente da qualidade ou do prazer de se vivenciar tais aprendizagens?

Outra particularidade que está relacionada com o problema é saber se a Educação Física ministrada nas escolas de primeiro e segundo graus está sendo desenvolvida sob a ótica do rendimento esportivo competitivo.

Lima(29), dissertando sobre o significado do desporto de alta competição, levanta alguns pontos preocupantes, tais como: Que justificativa poderá adiantar-se em favor do desporto de alta competição quando se sabe que só é acessível a uma minoria de praticantes? Que legitimidade poderá aduzir-se face a uma política desportiva que valorize exclusivamente a alta competição sem uma justificação fundamentada e sem um relacionamento com os objetivos de uma prática desportiva como um direito dos cidadãos? Que significado poderá ter, por exemplo, a relação entre o número total de lugares construídos para os espectadores nos estádios, nos ginásios, nas pistas, nos recintos desportivos enfim e o número de praticantes que de fato existem no país? Afirma ainda que o fenômeno desportivo está bem longe de ser reconhecido, sem reservas, como um fenômeno social de inegável significado humano e humanizador.

Ainda Lima(30), lembrando escritos de Manuel Sérgio, observa

que parcela significativa de pessoas defendem a neutralidade desportiva como forma de reter as regras e dogmas da sociedade conservadora, recusando que o desporto possui uma perspectiva política, segundo a qual o importante é impedir a socialização e dificultar os meios de democratização do desporto. A esses, o que interessa, é um desporto que reproduza as relações de produção das sociedades capitalistas, ou seja, que toda a prática desportiva se oriente na via do consumismo. A esses interessa promover o espetáculo desportivo para consumo do trabalhador sem estatuto social e o lazer pelo desporto para quem possa comprar um desporto em que se exija saúde física e econômica.

Para esses, o que tem valor é “coisificar os atletas”, criando situações que contribuam para a conservação dos privilégios classistas da organização social que defendem, através dos negócios, transações e lucros. Importa ainda que o desporto de alta competição ganhe qualidade pela eliminação dos menos aptos.

O intento agora é, portanto, tentar identificar se os professores na escola estão ou não desenvolvendo seus trabalhos sob essa ótica, ou seja, sob a ótica de uma prática desportiva elitista, não oportunizada a todos, ideológica, prática essa que reproduz o paradigma da neutralidade desportiva.

Outro autor que trata do assunto é Dieckert(31), revelando que o Brasil precisa de um novo tipo de Educação Física Escolar, cujo objetivo central não pode ser a produção e a comprovação de rendimentos, mas a motivação de todos os alunos para uma prática esportiva por toda a vida. O estímulo do rendimento nas modalidades esportivas individuais ou nos jogos não pode mais ser o objetivo, mas sim o meio da satisfação motivadora no esporte, que atuará além da escola, em diferentes épocas e situações. O aluno não precisa praticar esportes apenas nas aulas de Educação Física, mas também aprender por que os pratica, como pode aprimorar-se, quando e onde praticá-los fora da escola. O Brasil precisa entender que o caminho para o esporte de alto nível é uma trilha estreita que só poderá ser disputada por alguns poucos selecionados. A escola não se presta a isto.

Seriam essas preocupações fundamentadas? A Educação Física Escolar propiciaria apenas o trabalho desportivo de alto rendimento? Como se revelaria este quadro, nas escolas da rede oficial?

Mais um aspecto a ser considerado é saber se a Educação Física pode ser entendida como uma disciplina curricular inter-relacionada com as demais disciplinas que compõem a grade escolar desse ensino de primeiro e segundo graus.

Quando há referência ao assunto interdisciplinar, fatalmente abordam-se duas vertentes. Uma, refere-se à equipe interdisciplinar, formada por profissionais como professores, orientadores educacionais, supervisores de ensino, etc...; outra, refere-se à ação integrada do corpo docente na disseminação de seus conteúdos programáticos.

A primeira trilha, ou seja, a da equipe interdisciplinar, apresenta alguns problemas sérios, analisados por Ferretti(32), revelando que a resultante desse processo é a exacerbação de uma concepção fragmentária de educação, que concebe o todo como soma das partes, dividindo assim o ato educativo e a criança em vários segmentos. Ferretti demonstra preocupação com as propostas de ampliação das equipes interdisciplinares, pois tendem a se assentar sobre: a) concepções fragmentadas a respeito do processo educativo e da criança a que se destina; b) uma concepção tecnicista e burocrática da escola e do sistema escolar; c) interesses de caráter mais corporativista do que educacional em defesa do trabalho da equipe interdisciplinar, embora dissimulados por justificativas teórico-práticas que argumentam em favor da melhoria da qualidade do ensino.

Já a segunda vertente interessa mais de perto. Tenta-se observar qual a relação entre a Disciplina Educação Física e as demais componentes do currículo escolar; procura-se identificar como o Professor de Educação Física se relaciona com os demais docentes, a nível do conteúdo programático. A Educação Física planeja suas atividades em consonância com as demais atividades escolares? O conteúdo trabalhado na Educação Física se relaciona com os demais conteúdos na escola?

Não se quer cair na ingenuidade de atribuir ou não problemas em relação à interdisciplinaridade apenas à Educação Física. Sabe-se que o paradigma educacional, tal qual o da ciência moderna, é cartesiano, reducionista, trabalhando na crença de que se conhecermos bem os detalhes, conheceremos melhor o todo. Por isso os horários escolares são fragmentados em aulas cognitivas para comunicação e expressão, matemática, ciências, etc..., como se o conhecimento fosse a soma lógica dessas partes.

Por essa razão, Capra(33) afirma que preferimos falar sobre a

“hiperatividade” ou a “incapacidade de aprendizagem” de nossos filhos, em lugar de examinarmos a inadequação de nossas escolas. Preocupamos, por isso esta análise, como essas questões são vistas sob a ótica da Educação Física Escolar, no trabalho e no discurso do professor da área. Enfim, a Educação Física faz parte do universo didático escolar ou é um apêndice do mesmo?

Também se pretende, nesta pesquisa, analisar se as aulas de Educação Física permitem veiculação de discussão de informações além do “stricto sensu” conteúdo de Educação Física, bem como se as teorias produzidas academicamente têm chegado ao dia-a-dia da aula.

Carmo(34) revela que as aulas de Educação Física em todos os níveis mostram uma atividade sem continuidade, sem articulação, sem unidade, sem consciência no ensino e sem relação com a realidade. Ele credita esses problemas ao fato de que quando um professor, durante sua formação, não é levado a trabalhar com situações que possibilitem utilizar suas capacidades e habilidades intelectuais tais como compreensão, aplicação e análise crítica, em relações cada vez mais amplas, dificilmente pode entender a essência dos fenômenos ensino e educação.

Associando essas preocupações com o pensamento de Ribeiro(35) sobre as responsabilidades da universidade, quando lembra que as atividades de cada universitário devem ser julgadas, fundamentalmente, em relação à fidelidade guardada a três princípios básicos: a)respeito aos padrões internacionais de cultivo e difusão do saber; b)compromisso ativo com a busca de soluções para os problemas do desenvolvimento global e autônomo da sociedade nacional e c) a liberdade de manifestação do pensamento docente e discente, fica-se mais interessado em identificar qual tem sido o comportamento do profissional de Educação Física na escola de primeiro e segundo graus, principalmente no momento em que se discute a modificação curricular nos Cursos de Graduação em Educação Física, surgindo, pela primeira vez na história brasileira, a figura do bacharel e do licenciado em Educação Física.

Uma última abordagem preocupante no decorrer da proposta da pesquisa: estariam as aulas de Educação Física na Escola impedindo espaço para a criatividade, para o desenvolver do pensamento imaginativo? Rubem Alves diz:

“E porque nossa imaginação foi castrada, é impossível encontrarmos alternativas. Estamos convencidos de que não existem saídas. Consequentemente, somos incapazes de um ato criativo, única coisa que nos poderia libertar da lógica do dinossauro e de nos abrir o caminho para o genuíno futuro novo.” (36)

Levando-se em consideração que a imaginação é pré-requisito do ato criativo, ou que a imaginação, no dizer de Rubem Alves(37), é a mãe da criatividade, estaria a Educação Física Escolar propiciando momentos de criação, ou ainda estaria trabalhando a perfeição, que impossibilita erros, que inviabiliza o fazer e o agir diferentes?

Rugg(38) afirma que “A chave da natureza do ato criativo consiste em abandonar pressuposições há muito mantidas e recomeçar a partir de uma nova orientação.” É possível o ato criativo nas aulas de Educação Física Escolar através da prática de desportos com suas regras fixas, elaboradas pelo mundo do adulto?

Ainda mais, buscando em Huizinga o significado do jogo, tem-se:

“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria.” (39)

O mesmo Huizinga(40) lembra que o jogo é movido em prazer, liberdade, ludicidade e não seriedade. No entanto, ele, que permite a criatividade, vai pouco a pouco se transformando em algo imutável, rígido, com regras perpetuadas, exacerbando a idéia de competição, na busca de rendimento, desaparecendo o prazer. Aí se questiona: a Educação Física Escolar está a propiciar isto?

Finalmente, mais uma associação julgada importante entre a Educação Física, a escola e os valores de nossa sociedade, para o que se recorre a Capra:

“Essa tecnologia tem por meta o controle, a produção em massa e a padronização, e está sujeita, a maior parte do tempo, a uma administração centralizada que busca a ilusão de um crescimento ilimitado. Assim, a tendência auto-afirmativa continua crescendo, e, com ela, a exigência de submissão, que não é o complemento da auto-afirmação, mas o reverso desse fenômeno. Enquanto o comportamento auto-afirmativo é apresentado como o ideal para os homens, espera-se das mulheres o comportamento submisso, mas também se espera esse comportamento submisso dos empregados e executivos, de quem se exige que neguem suas identidades individuais e adotem a identidade e os padrões de comportamento do grupo. Situação semelhante existe em nosso sistema educacional, no qual a auto-afirmação é recompensada no que se refere ao comportamento competitivo mas é desencorajada quando se expressa em termos de idéias originais e questionamento da autoridade.”(41)

Como estão sendo tratados e desenvolvidos o jogo e a competição na escola? É um jogo que busca o prazer, a ludicidade ou é a idéia de competição como fator de sujeição ou submissão?

Todos estes antecedentes estão presentes na história do pesquisador quando da realização da pesquisa. Por isso mesmo, torna-se necessária a pesquisa com uma atitude fenomenológica, isto é, a busca da prática da Educação Física como fenômeno, da Educação Física que se mostra de forma iluminada num discurso esclarecedor. Para dar conta desta tarefa, optamos, a seguir, por trabalhar o capítulo “O Fenômeno”, que irá explicitar a proposição e o desenvolvimento da problemática desta tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) MERLEAU-PONTY, M.- *Fenomenología de la percepción*. Trad. Jem Cabanes. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 8.
- (2) SAVIANI, D. - *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora/Aut. Associados, 1982, pp. 20-23.
- (3) SÉRGIO, M. - *A prática e a educação física*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Compendium, 1982, p. 15.
- (4) SÉRGIO, op. cit., p. 17.
- (5) SAVIANI, op. cit., pp. 24-26.
- (6) GADOTTI, M. - *A educação contra a educação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 27.
- (7) GADOTTI, op. cit., p. 28.
- (8) DEMO, P. - *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1986, p. 7.
- (9) DEMO, op. cit., p. 13.
- (10) DEMO, op. cit., p. 21.
- (11) Op. cit., loc. cit..
- (12) MORIN, E. - *Ciência com consciência*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publ. Europa-América, s.d., pp. 7-22.
- (13) MORIN, op. cit., p. 42.
- (14) MORIN, op. cit., p. 29.

- (15) MARTINS, J. - Texto mimeografado da disciplina "Fenomenologia do Corpo", Programa de Doutorado em Educação, Psicologia Educacional, Faculdade Educação-Unicamp, 1988.
- (16) MARTÍNEZ, M. - *Nuevos métodos para la investigación del comportamiento humano*. Caracas: Universidad Simon Bolivar, 1985, p. 179.
- (17) POPPER, K.R. - *A lógica da pesquisa científica*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny S. da Mota. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985, p.39.
- (18) GHIRALDELLI JR, P. - *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Ed. Loyola, 1988, pp. 15-21.
- (19) GHIRALDELLI JR, op. cit., p. 19.
- (20) GHIRALDELLI JR, op. cit., p. 21.
- (21) FOUCAULT, M. - *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977, p. 127.
- (22) Op. cit., loc. cit.
- (23) FOUCAULT, op. cit., pp. 128-129.
- (24) FOUCAULT, op. cit., pp. 130-146.
- (25) ALTHUSSER, L. - *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Trad. Joaquim J. de Moura Ramos. Lisboa: Ed. Presença/Martins Fontes, 1980, pp. 41-52.
- (26) ALVES, R. - *A gestação do futuro*. Campinas: Ed. Papirus, 1986, pp. 31-32.
- (27) ALVES, op. cit., p. 35.

- (28) ALVES, op. cit., p. 41.
- (29) LIMA, T. - *Alta competição: desporto de dimensões humanas?* Lisboa: Livros Horizonte, 1981, pp. 19-20.
- (30) LIMA, op. cit., pp. 22-23.
- (31) DIECKERT, J. et alii - *Elementos e princípios da educação física: uma antologia*. Trad. Profa. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986, pp. 1-11.
- (32) FERRETTI, C.J. - Equipe interdisciplinar, educação e ideologia. *Revista Educação e Sociedade*. São Paulo. Ano IX, 26: 105-120, 1987.
- (33) CAPRA, F. - *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987, p. 155.
- (34) CARMO, A.A. e ARAGÃO, R. de - Aspectos críticos de uma formação acrítica. *Cadernos Cedes*. São Paulo, 8: 32-37, 1985.
- (35) RIBEIRO, D. - *A universidade necessária*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 157.
- (36) ALVES, op. cit., p. 54.
- (37) ALVES, op. cit., p. 83.
- (38) RUGG, H. - *Imagination*. New York: Harper & Row, 1963, p. 289.
- (39) HUIZINGA, J. - *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 2ª edição. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980, p.33.
- (40) HUIZINGA, op. cit., pp. 41-119.
- (41) CAPRA, op. cit., p. 41.

CAPÍTULO II

O FENÔMENO

AS QUESTÕES DA ABORDAGEM

A presente pesquisa está centrada, como outras pesquisas em Educação Física, na idéia de corpo, e o olhar concentra-se na ação do Professor de Educação Física na Escola Oficial do Estado. É necessário, portanto, neste primeiro momento, fazer-se uma análise de que corpo falamos.

Historicamente, o corpo do homem tem sido visto e tratado preferencialmente do ponto de vista da sua anatomia e fisiologia. Nesta ótica, o que se procura transmitir aos educadores interessados na melhoria do corpo e na utilidade de seus movimentos, é um corpo humano no seu aspecto físico, em suas formas, na tonicidade de seus músculos e na explicação dos movimentos coordenados desse corpo.

Isto faz com que, ao longo desse processo, haja a transformação do corpo, que seria considerado veículo do ser-no-mundo, em um dos objetos componentes desse mundo. "Coisificamos" o corpo. Despreza-se a experiência do corpo e privilegia-se a idéia de corpo. Ou, no dizer de Merleau-Ponty:

“Despego de mi experiencia y paso a la idea. Como el objeto, la idea pretende ser para todos la misma, válida para todos los tiempos y todos los lugares, y la individuación del objeto en un punto del tiempo y del espacio objetivos se revela finalmente como la expresión de un poder proponente universal. Ya no me ocupo de mi cuerpo, ni del tiempo, ni del mundo, tal como los vivo en el saber antepredicativo, en la comunicación interior que con ellos tengo. No hablo de mi cuerpo más que en idea, del universo en idea, de la idea de espacio y de la idea de tiempo. Así se forma un pensamiento ‘objetivo’ (en el sentido kierkegaardiano) - el del sentido común, el de la ciencia - que, finalmente, nos hace perder el contacto con la experiencia perceptiva de la que es resultado y secuencia natural. Toda la vida de la consciencia tiende a pro-poner objetos, ya que no es consciencia de los mismos eso es, saber de sí, más que en la medida en que se reanuda y recoge en un objeto identificable. No obstante, la proposición absoluta de un solo objeto es la muete la consciencia, ya que ésta envara toda la experiencia como un cristal introducido en una solución la hace cristalizar subitamente.” (42)

Uma interrogação básica aqui se faz: Será que o corpo trabalhado nas aulas e na visão do Professor de Educação Física é um corpo “coisificado”? Será que o corpo experienciado é desprezado e o corpo idealizado é valorizado?

Ainda refletindo sobre o corpo, Merleau-Ponty(43) afirma que ele é o veículo do ser-no-mundo, e o possuir um corpo é para o sujeito, assumir compromissos, estar envolvido no mundo, identificar-se com objetos e projetos e estar continuamente comprometido com eles. Portanto, se fixarmos a idéia de um corpo dentro apenas dos padrões anátomo-fisiológicos, desligando o corpo da própria natureza do humano como ser-no-mundo, teremos uma pesquisa a nível de explicação causal, mas não chegaremos ao nível da compreensão do corpo, e menos ainda, à idéia de multiplicidade do corpo.

A idéia de corpo objeto não advém apenas da área anátomo-fisiológica. A própria psicologia clássica, ao pensar o homem, considerava-o dividido em corpo e alma, estando esta última ligada ao corpo pela transitoriedade desse corpo, como lembra Martins(44). Essa mesma psicologia clássica, diz Merleau-Ponty(45), ao descrever o próprio corpo, atribuía-lhe algumas características incompatíveis com o estatuto de objeto, querendo dizer que o corpo se diferenciava dos demais objetos do mundo, como por exemplo, uma mesa, uma cadeira ou uma lâmpada. Mas, afinal, ainda era um objeto, com características próprias e estabelecendo sempre uma relação de distância entre corpo e objeto, numa visão cartesiana de sujeito e objeto.

A presentidade do corpo não pode ser confundida com a permanência dos objetos no mundo, pois o corpo é nosso meio de comunicação com esse mundo, no horizonte de nossas experiências. Ou, nas palavras de Merleau-Ponty:

“No solamente la permanencia de mi cuerpo no es un caso particular de la permanencia en el mundo de los objetos exteriores, sino que éste no se comprende más que por aquélla; no solamente la perspectiva de mi cuerpo no es un caso particular de la de los objetos, sino que la presentación perspectiva de los objetos no se comprende más que por la resistencia de mi cuerpo a toda variación perspectiva. Si es preciso que los objetos no me muestren nunca más que una de sus caras, es porque estoy en un cierto lugar desde el que las veo, pero que yo no puedo ver. Si, no obstante, creo en sus lados ocultos, como también en un mundo que los abarca a todos y que coexiste con ellos, es en tanto que mi cuerpo, siempre presente para mí, y, con todo, empeñado en medio de ellos por tantas relaciones objetivas, los mantiene en coexistencia con él y hace palpitar en todos la pulsación de su duración.”

Así, la permanencia del propio cuerpo, si la psicología clásica la hubiese analizado, la habría podido conducir al cuerpo, no ya como objeto del mundo, sino como medio de nuestra comunicación con él; al mundo, no ya como suma de objetos determinados, sino como horizonte latente de nuestra experiencia, sin cesar presente, también él antes de todo pensamiento determinante. " (46)

Portanto, o fundamento justificador desta pesquisa, calcada numa abordagem científica qualitativa do fenômeno situado, é o de observar e descrever a ação de um profissional que trabalha com o corpo, corpo esse compreendido não como um objeto com características distintas dos demais objetos, mas entendido como fonte de experiências significantes, como veículo de comunicação com o mundo, ou mais precisamente, corpo como expressão possível do ser-no-mundo.

Por outro lado, é necessário deixar claro alguns conceitos que permearão todo o trabalho, dentro da ótica estabelecida para o desenvolvimento da tese.

O primeiro desses conceitos é o próprio conceito de abordagem, que é distinto de método e de conteúdo. Apoiando-nos em Giorgi(47), lembramos que ao estabelecer a categoria de abordagem levamos em consideração o próprio pesquisador no empreendimento da ciência. Designamos por abordagem o ponto de vista fundamental em relação ao homem e ao mundo que o cientista traz, ou adota, com relação ao seu trabalho como cientista, seja tal ponto de vista explícito ou implícito, lembrando ainda que ninguém poderia tornar completamente explicitadas todas as características de sua abordagem. Deste ponto de vista limitado, cada cientista afirma a verdade tal como a vê, deixando aos outros colegas cientistas a tarefa de criticar e modificar sua tese, permanecendo assim o que é verdadeiro e se apagando o que é falso.

Mas, por que em um ato de pesquisa o conceito de abordagem é importante? Quando estamos frente ao estudo de um fenômeno, temos que interrogar esse fenômeno, e isto implica numa posição por parte do interrogador ou implica numa certa abordagem. Ainda, os próprios métodos

científicos foram desenvolvidos através de um diálogo com o ponto de vista ou abordagem do pesquisador. Melhor dizendo, em qualquer corrente da psicologia os métodos que se adotam estão também relacionados à abordagem que se sustenta. No entanto, muitos trabalhos na área da psicologia partem da escolha do método ou da seleção de conteúdo, aprioristicamente, não deixando possibilidades para múltiplas abordagens, múltiplos métodos e conteúdos. Aí caímos num dogmatismo, num cientificismo, e não fazemos ciência.

Recuperar a importância da abordagem é afirmar, como diz Giorgi:

“Nossa principal idéia aqui é que qualquer pesquisador ou cientista, pelo menos implicitamente, tem certas visões a respeito dos fenômenos com os quais está preocupado e que ele deveria permitir que tais visões entrassem nos aspectos públicos da Ciência ao invés de tentar mantê-las escondidas ou tentar limitar todos os pesquisadores às visões comumente aceitas em qualquer época dada.”

E mais:

“As abordagens mais viáveis são aquelas que evoluem após algum diálogo com os fenômenos, ao invés daquelas que são impostas de uma forma apriorística”.(48)

Queremos, com isto, afastar deste trabalho a idéia de neutralidade, mesmo porque em pesquisa nas Ciências Humanas é essencial para o pesquisador estar presente de uma forma humana e não de uma forma neutra.

É importante salientar também que, privilegiar o ponto de vista que o pesquisador traz, através da reflexão sobre o conceito de abordagem,

parte da certeza de que a experiência do mundo-vivido é mais fundamental que a experiência do mundo científico, porque essa última sempre pressupõe a primeira. Da mesma forma que a pesquisa, em ciência humana, deve se preocupar, em nosso entender, com esse mundo-vivido, que é o mundo tal como o encontramos na experiência cotidiana, o mundo no qual buscamos nossas metas e nossos objetivos, o mundo como cenário de todas as nossas atividades humanas.

Ao optarmos, neste trabalho, por descrever a ação do Professor de Educação Física na Escola, sob uma abordagem fenomenológica em pesquisa qualitativa na área da Psicologia, queríamos, na verdade, resgatar a importância do mundo-vivido para a psicologia e enfatizar que ela precisa explicar seus fenômenos em termos de como eles se apresentam e como eles são experimentados, e não em termos de alguma idéia de como eles devem se apresentar.

Um segundo conceito que nos preocupa, e por isso mesmo a necessidade de deixá-lo transparente, é o conceito e o valor de método em fenomenologia. A pergunta: Existe um método em fenomenologia, pode ser respondida, segundo Tápia(49), de duas formas.

A primeira resposta é negativa, se o método for entendido como um procedimento canônico, do tipo: problema e hipótese; definição de variáveis; teoria explicativa; manipulação e medidas; tratamento estatístico. Tal proceder não constitui modo de investigação fenomenológica. No entanto, esta negação significa, na verdade, colocar em suspensão os padrões tradicionais de metodologia de pesquisa científica, numa forma de abstenção rigorosa desses padrões. Se considerarmos que uma concepção de metodologia de pesquisa científica pressupõe uma visão de ciência e esta implica numa concepção metodológica de pesquisa, concluímos que operar uma "epoché" ao nível metodológico significa necessariamente operar uma "epoché" ao nível dessa visão de ciência.

Tornando mais claro esse conceito, Martins(50) revela que "epoché", na denominação de Husserl quer dizer: Suspensão de qualquer julgamento, ou parada, após haver saído da maneira comum vigente de olhar as coisas e abandonar os pressupostos com respeito a eles.

Já uma segunda resposta à pergunta inicial torna-se afirmativa, pois a própria operação da "epoché", exercida nas várias instâncias de investigação fenomenológica; sugere uma perspectiva metodológica.

Reforçando essa análise, Aquiles von Zuben(51) afirma que, a partir dos esclarecimentos apresentados por Merleau-Ponty, podemos compreender a importância dos principais temas do método fenomenológico, a saber: volta às coisas mesmas como finalidade mesma da fenomenologia; a redução fenomenológica que irá revelar-nos a nossa abertura ao mundo (intencionalidade) e aos outros (intersubjetividade). Daí, deve ser tema da metodologia fenomenológica o revelar do mundo vivido, antes mesmo de ser significado, mundo onde estamos, onde nos encontramos com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões.

Merleau-Ponty, logo no início de sua obra “Fenomenologia da Percepção”, afirma que a fenomenologia tem como alvo descrever as coisas e não se preocupa em explicar ou analisar essas coisas como uma realidade em si. Nesse sentido, a fase da metodologia fenomenológica, que consiste no retorno às coisas mesmas, não tem o caráter de voltar ao objeto da ciência, nem o de voltar-se para dentro de si, para o interior da consciência. Segundo o autor:

“Volver a las cosas mismas es volver a este mundo antes del conocimiento del que el conocimiento habla siempre, y respecto del cual toda determinación científica es abstracta, signitiva y dependiente, como la geografía respecto del paisaje en el que aprendimos por primera vez qué era un bosque, un río o una pradera.”(52)

O retorno às coisas mesmas é a volta ao mundo anterior a reflexão, volta ao irrefletido, ao mundo vivido, sobre o qual o universo da ciência é construído. Esse retorno ao mundo da vida leva a rejeitar a relação cognoscitiva apresentada tanto pelo empiricismo quanto pelo intelectualismo.

No entanto, o retorno às coisas mesmas só se torna viável pela outra componente da metodologia fenomenológica que é a redução. A redução fenomenológica, segundo Merleau-Ponty, deve propiciar uma reflexão radical que sirva como meio de tomar consciência de nossa relação

com o mundo, de fazer aparecer o mundo, sem nos retirar do mundo. A reflexão reconhece no irrefletido o seu fundamento. E a redução é a única forma de reflexão que não anula o irrefletido; por outro lado, até o manifesta. A colocação do mundo entre parênteses, operada pela redução fenomenológica, significa a possibilidade do desvelamento, do surgimento do mundo enquanto tal. Pela redução, superamos a noção de consciência fechada sobre si, tida como ponto de partida e garantia do conhecimento. A consciência se torna tanto abertura ao outro como a si mesma.

Mesmo justificando a questão metodológica em psicologia fenomenológica, um lembrete importante se faz necessário. O alerta é feito por Keen(53), quando menciona que qualquer discussão sobre técnicas de pesquisa em psicologia fenomenológica deve ser necessariamente sugestiva e nunca definitiva, pois, ao contrário de outras metodologias, a fenomenologia não pode ser reduzida a um conjunto de instruções do tipo "livro de receitas". Ela é, antes de mais nada, uma abordagem, uma atitude, uma postura de investigação com um certo conjunto de objetivos. Mais ainda, o método utilizado em um projeto de pesquisa não é necessariamente apropriado para outro, pois cada projeto de pesquisa apresenta seus próprios objetivos e limitações, decorrentes de diferentes pesquisadores, que vão ao encontro dos fenômenos em seus próprios termos. Daí, por definição, o uso do mesmo método em interrogações diferentes viola a atitude fenomenológica, pois o fim é a descrição do fenômeno e não seu enquadramento em moldes presupostos.

O terceiro conceito a merecer atenção mais detalhada está ligado à explicitação da idéia de objetividade, pois é comum a afirmação de que uma pesquisa científica tem que ser objetiva, isto é, tem que ser possível quantificá-la, reproduzi-la e deve apresentar grande probabilidade de generalização. Isto, na realidade, não é objetividade, mas sim objetivismo. Luijpen aborda o assunto da seguinte forma:

"Não há inconveniente algum em designar como 'objetividade' a verdade enquanto desocultação. Só para os que professam uma concepção objetivista do objetivo não é bastante objetiva a objetividade da fenomenologia.

Essa objetividade sempre se liga ao sujeito, conforme os fenomenólogos, ao passo que, conforme os outros, apenas se pode falar de objetividade eliminando-se do encontro, que é o conhecimento, o sujeito. Assim, porém, destroi-se o próprio encontro, que é o conhecimento, e não se pode mais falar de objetividade em nenhum sentido.”

Ou ainda mais:

“A maioria dos profissionais das ciências positivas e alguns filósofos reservam o termo ‘objetividade’, contudo, para o que se prende à intencionalidade da atitude positivocientífica, podendo ser verificado pelos que adotam essa atitude. O objetivo nesse sentido não é idêntico com o desoculto; é apenas uma região ou uma multiplicidade de regiões dele; há mais coisas ocultas do que o que pode ser verificado pelas ciências.”(54)

Na mesma trilha, Giorgi(55) revela que o objetivismo se refere ao significado que o mundo teria em si mesmo, independente de qualquer homem como questionador do mundo. Deste ângulo, há a pressuposição que existe apenas uma forma de se conhecer o mundo, que é a de conhecê-lo como ele “realmente é”. Esta posição parte de uma filosofia realista, onde o mundo é completo e inteiro como tal, anterior e independente do homem. Além disso, com esse padrão de objetividade (que é objetivismo), o termo subjetivo é sempre pejorativo, pois significa falar sobre o mundo sem remover a presença do sujeito.

A conclusão inevitável dessa posição é que o objetivismo une forças com o cientificismo e estabelece o método como o fim básico para obtenção de dados, tendo como consequência que a objetividade só pode ser obtida por meio do método das Ciências Naturais. Quando esse sistema é aplicado ao homem, temos o homem-como-objeto, ou o homem objetivo sendo

estudado e não se respeita o homem como pessoa, como ser-no-mundo. Daí um erro muito frequente em pesquisa científica: estudam-se os problemas relacionados com o homem mais com base na disponibilidade de métodos do que em como os fenômenos se apresentam.

A opção pelo objetivismo irá nos levar a um distanciamento da análise do mundo-vivido. Esta preocupação é lembrada por Sanford e retomada em Giorgi(56), quando alerta que a psicologia deveria se aproximar do dia-a-dia, estudando os problemas com os quais as pessoas realmente se preocupam. Com isto, queremos dizer que o objetivismo não leva em consideração o conceito de que nenhuma ciência é completamente afastada da vida cotidiana, devendo ocorrer sempre algum tipo de diálogo com a vida cotidiana.

O objetivismo, ao dar primazia aos métodos da psicologia científica aplicada, faz com que ele se imponha ao mundo-vivido, criando assim uma rua de mão única, rejeitando o diálogo com esse mundo, que apareceria com a objetividade. O objetivismo privilegiado é um dos causadores do espaço ou da ruptura entre o trabalho da psicologia e a problematização do dia-a-dia do ser-no-mundo. Melhor dizendo, nas palavras de Giorgi:

“Há assim uma lacuna entre os fatos psicológicos e os problemas cotidianamente vividos, porque a Psicologia não é suficientemente receptiva àqueles problemas tal como eles existem na vida cotidiana. Em outras palavras, uma atitude que coloca uma posição privilegiada do lado dos ‘problemas cotidianos’, ao invés de colocá-la do lado dos princípios da psicologia científica. É necessário que haja um diálogo entre os dois ‘mundos’. Isso implica em que a transformação desses problemas para termos científicos transforme essencialmente esses problemas.”

Assim, a correção implícita nesse tema afirmaria que é perfeitamente legítimo para a Psicologia lidar com aqueles problemas que estão incomodando a maioria das pessoas na vida cotidiana, mas isso deve ser feito exatamente da forma como aquelas pessoas os experimentam - isto é, como seres humanos vivos, únicos. Ou, mais uma vez, nós deveríamos ser capazes de enfrentar melhor os problemas do mundo-vivido (Lebenswelt).”(57)

Em síntese: o fenômeno Educação Física Escolar, neste trabalho, será observado do ponto de vista do corpo encarnado do ser-no-mundo, através da ciência na psicologia, em uma abordagem fenomenológica, dentro da objetividade da descrição dos problemas do mundo-vivido.

CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

Podemos interrogar, de maneira simples e direta, o fenômeno que estamos investigando, da seguinte forma:

“O que se pode desvelar da ação do Professor de Educação Física em seu cotidiano, na relação com os alunos das escolas de primeiro e segundo graus?”

Se é fácil a interrogação do fenômeno gerador de nossas inquietações, a compreensão desse fenômeno não é tão simples ou direta, mesmo porque a ação desse professor está direcionada para o corpo do aluno, corpo esse muitas vezes explicado mas pouco compreendido.

Martins(58) revela que o corpo sempre foi considerado como um objeto, e conseqüentemente, como existindo uma parte dentro de outras partes. Quando inserimos o corpo no universo dos objetos queremos “ex-

plicar" o funcionamento do corpo.

É esse corpo objeto a forma preferencial do trabalho de disciplinas que compõem um currículo dos Cursos de Educação Física. Vemos a Anatomia explicando o funcionamento dos músculos, a Fisiologia preocupada com os sistemas respiratório e vascular, tudo numa relação causa e efeito ou estímulo e resposta. A consequência dessa visão é que temos uma anatomia e uma fisiologia humanas desligadas da própria natureza do humano como ser-no-mundo, e através delas, como dissemos, explica-se o corpo mas não se compreende esse corpo. Estaria o Professor de Educação Física, na interação com seus alunos, preocupado exclusivamente com essa idéia de corpo-objeto, com as relações causais dos aspectos anátomo-fisiológicos?

Interrogar esse fenômeno, ou seja, a possibilidade de desvelar a ação do Professor de Educação Física na Escola, levou-nos, evidentemente, a optar por uma abordagem fenomenológica, pois ela apresenta um novo enfoque do trabalho científico, que não o factual. E por que refutamos o trabalho factual?

Toda vez que estivermos falando de causa e efeito de alguma coisa, estamos nos referindo a uma ciência factual empírica, em que podemos repetir ou reproduzir estes fatos no laboratório e exercer, sobre eles, um controle. Em termos de Educação Física é isto que temos visto até agora; queremos controlar e fortalecer o corpo através de exercícios planejados, executados e avaliados. Quanto maior o número de exercícios executados, melhor será o resultado; com isso, temos uma relação de causa e efeito, o que nos leva a um distanciamento da preocupação com o acontecimento em si. Isto significa que, se em Educação Física estamos interessados em fortalecer o corpo, vamos encontrar um conjunto de causas que sejam eficientes para produzir os resultados desejados.

Estariam os Professores de Educação Física nas escolas preocupados com o fortalecimento do corpo e com a produção de movimentos? Se a resposta for positiva, estamos dentro de uma ciência factual, onde o corpo é um fato e é um acontecimento que podemos controlar. Pode-se, dessa forma, tomar organismos frágeis e transformá-los em organismos fortes e os organismos fortes em mais fortes; esta é uma crença histórica do ponto de vista empírico. Mas, quando se sai desta ciência empírica, desta factualidade, começa-se a se preocupar em perceber o corpo, com interrogações como: Quem é esse corpo que está aí? O que é esse corpo

que está aí? Como é que ele se mostra para mim? Daí passa-se a: como o Professor de Educação Física vê o corpo de seus alunos na escola? Ele vê numa perspectiva factual ou numa perspectiva fenomenal?

Se o paradigma for factual, é provável que o Professor veja corpos eficientes e corpos deficientes, e já anteveja que os últimos não apresentarão um bom desenvolvimento. No entanto, para o olhar fenomenológico, existe apenas um corpo que está diante de nós, não importando se ele é ou não eficiente. Trata-se de um corpo humano que está aí, encarnado (entenda-se encarnado como um corpo que é realmente do homem) - Martins (59). Por essa razão, a fenomenologia tenta ir além do fato, além do acontecimento em si, para chegar à natureza própria do corpo como um fenômeno.

Como estamos, a todo momento, nos referindo aos termos fato e fenômeno, convém deixá-los bem definidos; para tanto recorreremos a Martins (60).

Todas as vezes que estivermos buscando fatos, estamos buscando causalidades (causa e efeito), reproduzíveis e mensuráveis. As causalidades podem ser mensurações representadas através da grafia. Já fenômeno é tudo aquilo que se mostra a si mesmo na sua clareza, na sua luminosidade, diante de uma interrogação. No entanto, interrogar alguma coisa não significa perguntar apenas o que é isto? Esta pergunta dá como resposta uma definição, uma proposição. Por exemplo, ao perguntar a uma pessoa o que é um corpo humano, ele provavelmente responderá que esse corpo é um mamífero composto de cabeça, tronco e membros, podendo ser do sexo masculino ou do sexo feminino, e que nele habita a alma. Tem-se, nesta resposta, uma proposição definitiva.

Mas, ao se interrogar sobre um corpo humano como um fenômeno, perguntar-se-ia o que "é isto" que se chama corpo humano? Isto pede uma busca de essência do corpo. Então será necessário ver corpo, tê-lo diante dos olhos, tocar nesse corpo, sentir esse corpo. Então o corpo já não será mais "cabeça, tronco e membros", pois houve a experiência da pessoa com esse corpo.

Por isso optamos pela abordagem fenomenológica, pois ela realiza e descreve experiências com as coisas. Enquanto a ciência empírica factual trabalha com fatos (coleta dados), a fenomenologia trabalha com descrições do fenômeno. Como estamos aqui interessados em educação do

corpo, e não em medidas do corpo (altura, peso, circunferência torácica...), queremos que os Professores de Educação Física revelem como são os corpos de seus alunos, o que eles podem fazer com esses corpos, enfim, como eles vêem e sentem esses corpos.

O que é o corpo de um aluno na aula de Educação Física na escola? Como esse corpo é “trabalhado” pelo Professor nessa aula? Que experiências aparecem na relação didático-pedagógica entre o corpo do professor que ensina e os corpos dos alunos que aprendem? A essência das descrições oriundas desta forma de interrogar fatalmente nos levará ao fenômeno inicialmente referenciado: “O que se pode desvelar da ação do Professor de Educação Física em seu cotidiano, na relação com os alunos das escolas de primeiro e segundo graus?”

O presente trabalho nos fascina porque entendemos que o corpo não é apenas um objeto estático, passível de ser estudado através de suas partes. O corpo humano não está imóvel. Ele se movimenta e é o meio expressivo do ser do homem nas suas possibilidades. Daí ser necessário, segundo Heidegger(61), olhar o fenômeno “corpo” no modo pelo qual ele é no mundo, o seu estar-no-mundo, estar vivencialmente ligado ao mundo, interpretando nas coisas, nos entes-envolventes. Ainda que factualmente o corpo apareça como objeto, sua essencialidade pode ser compreendida ao olhá-lo “sendo-com”, isto é, andando, falando, relacionando-se com-os-outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (42) MERLEAU-PONTY, M.- *Fenomenología de la percepción*. Trad. Jem Cabanes. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 91.
- (43) MERLEAU-PONTY, op. cit., p.100.
- (44) MARTINS, J. - Texto mimeografado da Disciplina "Fenomenologia do Corpo", do Programa de Doutorado em Educação, Psicologia Educacional, Faculdade de Educação da Unicamp, 1988.
- (45) MERLEAU-PONTY, op. cit., pp. 108-109.
- (46) MERLEAU-PONTY, op. cit., p. 110.
- (47) GIORGI, A. - *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Trad. Riva S. Schwartzman. Belo Horizonte: Interlivros, 1978, pp. 123-137.
- (48) GIORGI, op. cit., p. 127.
- (49) TÁPIA, L.E.R. - Método em fenomenologia. In: MARTINS, J. e DICHTCHEKENIAN, M.F.. (Org). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984, pp. 69-74.
- (50) MARTINS, J. - Psicologia e cognição. In: MARTINS, J. e DICHTCHEKENIAN, M.F.. (Org). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984, p. 81.
- (51) VON ZUBEN, N.A. - Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau-Ponty. In: MARTINS, J. e DICHTCHEKENIAN, M.F.. (Org). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984, pp. 55-68.
- (52) MERLEAU-PONTY, op. cit., p. 9.

- (53) KEEN, E. - *Introdução à psicologia fenomenológica*. Trad. Heliana de Barros C. Rodrigues. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979, pp. 34-35.
- (54) LUIJPEN, W. - *Introdução à fenomenologia existencial*. Trad. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU Ed. Universidade São Paulo, 1973, p. 138.
- (55) GIORGI, op. cit., pp. 112-120.
- (56) GIORGI, op. cit., p. 89.
- (57) GIORGI, op. cit., p. 90.
- (58) MARTINS, J. - O corpo como objeto e a fisiologia mecanicista. Texto mimeografado do Programa da Disciplina "Fenomenologia do Corpo", do Programa de Doutorado em Educação, Psicologia Educacional, Faculdade de Educação-Unicamp, 1988, p. 1.
- (59) MARTINS, op. cit., p. 2.
- (60) MARTINS, op. cit., p. 3.
- (61) HEIDEGGER, M. - *Todos nós ... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. Trad. Dulce Mara Critelli. São Paulo: Moraes, 1981, p. 16.

CAPÍTULO III

A PESQUISA

A experiência do mundo-vivido é mais fundamental que a experiência do mundo-científico, porque esta sempre pressupõe aquela.

Para o estudo do fenômeno do “desvelar da ação do Professor de Educação Física na Escola” foi escolhida a Rede Oficial de Ensino da Cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, pois é nesse local que o pesquisador experiencia seu mundo-vida, agora também transformado em experiência do mundo científico. Nessa cidade se desenrolou a formação escolar do pesquisador, que nela reside, o que favorece o acesso às informações tanto a nível de Delegacia de Ensino como a nível das próprias escolas.

O Município de Piracicaba (incluindo os Distritos de Tupi e Sal-tinho, bem como as localidades de Anhumas, Tanquinho, Bairros Santana e Serrote, que se localizam fora do perímetro urbano) possuía em 1987, época do levantamento de dados, 49 escolas de primeiro grau das quais, 4 ofereciam também cursos de segundo grau, e mais 1 escola só de segundo grau, totalizando 50 escolas da Rede Oficial (sem computar as escolas particulares). Nelas, trabalhavam 49 professores na Disciplina Educação Física Escolar, sendo 21 do sexo masculino e 28 do sexo feminino.

O primeiro contato com os professores foi feito através de um cadastramento, via Delegacia de Ensino, em que se indagavam do professor dados sobre sua situação funcional e de sua escola, bem como sua disponibilidade e interesse em participar de cursos em Educação Física Escolar e do presente projeto de pesquisa. Esse instrumento-cadastro, constante do

Anexo I, foi levado pessoalmente pelo pesquisador a todos os professores nas escolas e recolhido 15 dias após, em primeira passagem, e 30 dias após, em novo regresso às escolas.

Dos 49 professores de Educação Física reconhecidos na pesquisa, 10 deles (5 homens e 5 mulheres) não responderam ao instrumento alegando "falta de tempo" ou "não tenho interesse em preencher o documento porque não terei benefícios na carreira com essa ação." Dos 39 cadastros devolvidos, levantamos algumas informações de caráter geral, que são interessantes: a) quanto ao tempo de magistério no serviço público, encontramos professores com 1 mês de serviço e outros até com 26 anos de "casa"; b) dos 16 representantes do sexo masculino, apenas 5 não possuem outra atividade além do magistério estadual. Os demais atuam como professores em curso superior, em academias de ginástica, em clubes esportivos na iniciação desportiva ou treinamento de equipes, passando também por atividades de representantes comerciais ou vendedores; c) das 23 representantes do sexo feminino, 14 se dedicam profissionalmente apenas às aulas de Educação Física Escolar. As 9 restantes exercem atividades complementares como professoras no terceiro grau, em academias, de dança infantil em pré-escola, além de técnicas de equipes esportivas e até vice-diretora de escola; d) todos os professores que ministram aulas de Educação Física na Rede Oficial de Ensino de Piracicaba são graduados e cursos de licenciatura oferecidas por universidades particulares ou faculdades isoladas particulares do Estado de São Paulo.

Como abordamos os professores numa dupla vertente neste cadastramento, ou seja, a possibilidade e interesse de participar de um projeto de pesquisa em Educação Física Escolar e de cursos de atualização sobre Educação Física Escolar, é oportuno salientar que todos os 39 se dispuseram a participar de cursos de atualização, mesmo alguns alegando problemas com disponibilidade de horário, e 17 aceitaram colaborar na pesquisa.

Para atender a expectativa sobre cursos, registramos que no ano de 1988 foram divulgados e oferecidos dois Cursos de Extensão em Educação Física Escolar, convênio da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas com a Delegacia de Ensino de Piracicaba, na área de Educação Física de Primeiro Grau, realizados nos finais de semana (área e época mais solicitadas nas respostas ao instrumento

de pesquisa), e apenas 3 professores do grupo de 39 estavam presentes. As outras vagas, 40 em cada curso, foram preenchidas por professores de Educação Física que a partir de 1988 assumiram as aulas de Educação Física no Ciclo Básico e por professores P I, os chamados polivalentes.

Por último, dos 17 professores que se colocaram à disposição para participar do projeto de pesquisa, escolhemos 4 deles, obedecendo à prioridade abaixo, nos critérios básicos de: a) graduação em instituições de ensino superior diferentes; b) ação pedagógica junto a escolas que representam realidades sociais diferentes; c) compatibilidade de horário dos pesquisados com o pesquisador para o acompanhamento dos seis encontros programados.

AS DESCRIÇÕES

A metodologia de pesquisa qualitativa, com uma abordagem fenomenológica do fenômeno situado será o próximo capítulo desta tese, e conta com três grandes momentos: descrição, redução e interpretação. Desses momentos, é na descrição que encontramos pesquisador e sujeitos interagindo, comprometidos na ação da pesquisa. Por essa razão estamos incluindo no item Pesquisa o descrever do pesquisador e dos sujeitos em relação ao fenômeno pesquisado.

Entenda-se por descrição, neste momento, o discurso dos Professores de Educação Física em suas aulas, anotado pelo pesquisador, bem como as observações realizadas pelo pesquisador em relação a todos os pormenores que compunham o quadro da aula de Educação Física. Sempre que as palavras ou frases vierem entre parênteses e em itálico, significam manifestações textuais dos sujeitos.

Aos quatro professores, sujeitos desta pesquisa, foi dito que acompanharíamos suas aulas durante seis encontros e que estávamos interessados em observar tudo o que ocorria em uma Aula de Educação Física, e que, tanto eles como as escolas que representavam, não seriam revelados na pesquisa, garantindo assim o absoluto sigilo. Essa informação também foi passada aos diretores das escolas.

Atendendo ao princípio do rigor em uma pesquisa científica, optamos por transcrever as descrições na forma em que ocorreram, não alterando vocábulos das anotações ou expressões ditas pelos sujeitos, mesmo quando estas continham erros gramaticais.

Professor 01

Professor graduado em uma universidade do interior do Estado de São Paulo, em 1982; está como professor da Rede Oficial há 4 anos.

A Escola é de primeiro e segundo graus, localizada nas imediações do centro de Piracicaba, com alunos nos três períodos. Possui um ginásio de esportes coberto, com quadra poliesportiva e outra quadra poliesportiva descoberta. Existem vestiários masculino e feminino, com chuveiros e o almoxarifado de Educação Física é provido de grande quantidade de material.

As aulas de Educação Física são realizadas em dois dias na semana, duas aulas num dia e uma em outro, fora do período normal das demais disciplinas, em turmas separadas (masculinas e femininas). Este professor trabalha com as turmas masculinas.

1º Dia de Observação

Terça-Feira 09:10hs 6ª e 7ª Séries

28 alunos 2 aulas 1 bola de futebol de salão

Os alunos estão sentados na quadra, enquanto o Professor, para realizar a chamada, senta-se numa cadeira, atrás da mesa, localizada na lateral da quadra, quase à altura da risca central.

*“Vamos lá então. Atenção para a chamada. 6ª série: 1,2,3..”
“Número 27, você não fez o exame médico né? Na próxima aula tem que trazer um atestado de médico particular, porque senão não faz aula e fica com falta.”*

O Professor realiza a chamada da 7ª série da mesma forma, com tom de voz alto, agressivo, ríspido e seco. Nesse momento um aluno chega

e vai sentar-se junto aos outros, ao que o Professor reage:

“Atenção, já avisei que não podem chegar atrasados.”

Finda a chamada, colocando-se em pé, com braços cruzados à frente do corpo, o Professor reclama dos alunos que ainda não estão uniformizados:

“Já temos aulas 2 semanas e tem gente que ainda está sem uniforme. Na próxima semana quero todos com uniforme.”

“Atenção, de pé. Coluna por dois, cobrir. Frente para a esquerda. Escola, firme. Agora vocês vão sair em acelerado, devagar, rodeando a quadra, mantendo as duplas.”

Para o cumprimento dessas ordens, os alunos formam duas colunas com maiores à frente, e o mestre ainda troca alguns de lugar, colocando os menores para trás. Enquanto os alunos correm no sentido anti-horário, o Professor observa, andando em círculos no meio da quadra, segurando um dos braços com uma das mãos.

“Agora correndo nas riscas da quadra de volei, em todas elas, mantendo as duplas.” “Agora correndo nas linhas de handebol.”

Os alunos cumprem o determinado, mas há confusão no entendimento da ordem junto aos que vão à frente das colunas, ao que o Professor repreende:

“Tá dormindo né? Voltando a correr na quadra de volei, dando a volta certinha por trás da risca.” Esta última observação foi feita em função do grupo de alunos da retaguarda, que, cansados, já começam a diminuir o trajeto da corrida.

Observo um alunogordinho, que já parou de correr há algum tempo, limitando-se a andar ao redor da quadra, sendo ignorado pelo Professor. Só no final dos 12 minutos de corrida, que é encerrada com um pique no centro da quadra, de um gol ao outro, é que o Professor se dirige ao gordinho observando:

“Cansou né? Também só pensa em comer.”

“Vamos lá, sentando. Quero goleiros.”

Começa a escolha dos times que irão jogar; e um dos alunos chega-se ao Professor e solicita para não jogar, pois não está se sentindo bem, e recebe como resposta:

“Pelo menos o primeiro jogo de seu time tem que jogar.” “Mas que turma mole. Se fosse a 5ª série todo mundo já teria sido escolhido.” Esse é

o argumento do Professor para exigir mais rapidez na escolha. Terminada a escolha, um aluno é escalado para apitar o jogo e são escolhidas as equipes que irão jogar e as que irão esperar.

Em cada uma das equipes que está jogando, há um aluno mais habilidoso que joga praticamente sozinho e reclama muito de seus companheiros quando de seus erros. Num desses questionamentos, o aluno protesta contra o medo de um companheiro em ficar à frente de um chute dizendo:

“É para fechar a frente meu. Virou marica agora é meu.”

Enquanto a aula se desenrola, com jogos após jogos de futebol de salão, o Professor passa o tempo todo preenchendo diários de classe, não se atendo ao que acontece em aula. Já na competição em quadra, o aluno maior comanda: *“A lá, vai nele, vamos nele moleza...”*, e entra com rispidez em todas as jogadas, com risco para os menores, pois são bem perigosos seus fortes chutes.

Após algum tempo de aula, o professor deixa a quadra, voltando uns 10 minutos após, para continuar seu trabalho de preenchimento de diários de classe.

Dois alunos menores jogam sempre longe de onde a bola está, como se estivessem se escondendo dela. Um deles leva uma bolada no rosto e sente muita dor, mas o Professor nada observa, apesar dos comentários dos colegas que estão fora da quadra tipo: *“Nossa meu, que paulada meu.”*

Agora o Professor ergue a cabeça (estava até aqui olhando para as cadernetas na sua mesa) e ordena ao “juiz” que acabe o jogo, perguntando o resultado. Informado que há empate, decide trocar os dois times, fazendo entrar os 3º e 4º times. Os alunos dessas equipes discutem, pois ninguém quer tirar a camiseta e o impasse só se resolve quando o Professor manda uma turma tirar a camisa.

Neste segundo jogo, três acontecimentos interessantes: o primeiro, é que há confusão quando uma das equipes faz um gol, pois os alunos da outra equipe reclamam demais de um colega que até abandona a competição; o segundo, é que o garotinho mais robusto joga o tempo todo parado em um setor da quadra, com os braços cruzados atrás do corpo, esboçando reações de participação só quando a bola vem em sua direção; o terceiro, é que mais uma vez, um aluno é atingido por uma bolada, desta vez no estômago e fica caído por alguns instantes, mas o jogo prossegue

sem providências dos colegas ou do Professor.

Durante o segundo jogo, o Professor novamente se retira da quadra. Pouco tempo depois, o aluno que está apitando a partida encerra a competição e é o aluno mais habilidoso que decide o grupo que irá enfrentar a quinta equipe que ainda não participou dos jogos, assumindo a função de juiz. Enquanto o Professor não retorna à quadra, esse aluno administra os jogos, decidindo tudo.

Ao regressar, o Professor presencia uma reclamação aos gritos do aluno mais habilidoso contra o colega que está arbitrando o jogo e interfere dizendo:

“Fulano, vou ter que mandar você embora? Tá nervoso por que?”

Após alguns minutos o professor encerra a aula. É importante salientar que nesta altura da aula, só estão presentes os alunos que estão jogando, pois os demais já foram embora.

O Professor agora caminha em minha direção e diz:

“Você vê que trabalho a gente tem. Tenho que por em dia todas as cadernetas de todas as turmas até a semana que vem. Isso é uma enchecão de saco, mas fazer o que né?” Pergunto qual a razão disto, pois as aulas só começaram na semana passada (aulas de Educação Física que estiveram todo esse tempo aguardando a passagem do médico para a realização do Exame Médico), ao que ele me responde:

“A instrução da direção da escola é essa, para preencher um conteúdo qualquer nas cadernetas e atribuir um conceito bom neste bimestre.”

2º Dia de Observação

Terça-Feira

14:00hs

Estava chovendo. Cheguei à escola às 14:00 hs e não encontrei o Professor, apesar da presença de alguns alunos. Esperei até 14:15hs e fui perguntar ao outro Professor de Educação Física da escola se não haveria aula (esse outro Professor estava ministrando aulas na quadra coberta). Fui informado de que, quando chove, o Professor que está na quadra descoberta dispensa os alunos e que cada Professor trabalha uma semana na quadra coberta e uma semana na quadra descoberta.

3º Dia de Observação

Terça-Feira	14:00hs	7ª Série
18 alunos	2 aulas	1 bola de futebol de salão e 1 bola de handebol

Estou à espera do Professor na entrada da quadra e, quando ele chega, 10 minutos atrasado, faz um comentário, dirigindo-se para o centro da quadra, indicando o lugar onde os alunos devem permanecer sentados:

“Você vê que azar o meu. Esta semana que estou na quadra coberta é que chove.” “Atenção para a chamada. Hoje são duas aulas né? 1,2,3,4..” A chamada é feita pelos números. O Professor solicita informações sobre os alunos que não estão vindo às aulas de Educação Física e pergunta se eles saíram da escola. No final da chamada pergunta para dois alunos: *“Cadê o shorts vermelho?”*

“Atenção. Vamos lá. Formar por dois aqui. Maiores à frente. Escola, cobrir. Firme. Atenção, 10 voltas ao redor da quadra.” Os alunos correm em duas colunas, no sentido anti-horário. O Professor observa, andando no centro da quadra, com as mãos nos bolsos da blusa. Pouco depois sai da quadra e vai buscar uma bola de handebol na sala de materiais. Quando ele se retira, os alunos começam a “enganar” na corrida, andando e combinando aumentar o número de voltas dadas na contagem. No seu retorno, alguns alunos estão conversando, ao que o Professor comenta:

“Virou bagunça já é?”

Quando o Professor surge, com a bola de handebol nas mãos, um aluno comenta para seu colega: *“Ih, essa droga aí é.”*

“Quem nunca jogou handebol aqui?” Três alunos levantam a mão. O Professor explica rapidamente as principais regras e escolhe alunos para formarem as equipes, orientando as escolhas. Terminada a divisão, indica as equipes que deverão jogar e a equipe que deverá esperar sua vez. É indicado um aluno para ser o árbitro e o jogo se inicia. Várias vezes o Professor interrompe a partida para explicações da regra como:

“Se voltar a bola para o goleiro é pênalti... Cobra a lateral com um pé na quadra e outro fora... A defesa tem que ficar com o braço levantado...”

Decorridos alguns minutos, o Professor se dirige a um aluno da

seguinte forma:

“Bermudão, marca 10 minutos” e sai da quadra. A partir daí, o jogo fica mais movimentado e lúdico, com os alunos brincando uns com os outros. No regresso do Professor, há confusão na interpretação das regras, o que faz com que ele assuma a arbitragem, apitando com convicção e gritando o tipo de infração cometida:

“Falta... Lateral... Não pode bater, segurar e bater a bola... Gol...” E mais: *“Ei, chuta no gol aí do canto. Tá livre lá, chuta no gol... Já disse que a marcação é assim na barreira, com braços levantados.”* Essas são as recomendações passadas durante o transcorrer do jogo.

Mudam as equipes para uma nova partida; o Professor passa o apito para um aluno e fica sentado na mesa, ao lado da quadra, conversando com alguns alunos. Através do “par ou ímpar” é sorteada a equipe que deverá tirar a camisa. Um garoto obeso não retira a camiseta e essa situação, apesar dos protestos do time adversário, persiste até o Professor ordenar:

“Ah, que é isso? Pode tirar já a camisa.” - no que é obedecido, apesar do constrangimento do aluno.

O aluno árbitro assinala uma falta e um jogador cobra a infração rapidamente e faz gol. Os alunos do time adversário reclamam que não tiveram tempo de providenciar a barreira, ao que o Professor comenta:

“Não tem que esperar nada. Quem é vivo é que ganha o jogo. É assim que é para ser, o mundo é dos vivos.”

Após 50 minutos de aula, o Professor solicita a bola de handebol e vai guardá-la na sala de materiais, voltando com uma bola de futebol de salão. Coloca os alunos sentados no meio da quadra e indica 3 para a escolha de novas equipes. Aponta para os que deverão iniciar jogando e determina que as partidas serão de 10 minutos cada uma, devendo permanecer na quadra a equipe vencedora. Entrega o apito a um aluno e sai da quadra, voltando apenas no final da aula para seu encerramento.

4º Dia de Observação

Terça-Feira

07:30 hs 1ª, 2ª, 3ª Séries: 2º Grau not.

18 alunos

02 aulas 1 bola de voleibol

O Professor chega e já vai montando a rede de voleibol na quadra.

Indica aos alunos onde devem ficar na quadra e determina 3 rapazes para que façam as escolhas dos times. Um dos alunos indicados para a escolha hesita em sua função, recebendo o seguinte comentário do Professor:

“Fulano, pelo amor de Deus, faz 3 horas que estamos esperando você escolher. É a sua vez.”

“Pessoal, vamos primeiro para o aquecimento. Atenção, 10 voltas ao redor da quadra.” Os alunos cumprem a ordem correndo em coluna por um, no sentido anti-horário, por fora da cerca que envolve a quadra. Enquanto os alunos correm, o Professor vai buscar a bola de vôlei.

Alguns alunos tentam ir mais lentos na corrida (parando ou dando desculpas que o tênis desamarrou), mas são apontados pelos colegas na volta do Professor. Este, por sua vez, manda que os “enganadores” dêem mais duas voltas ao redor da quadra.

Dois times jogam e um aluno apita. Os outros ficam sentados na cerca ao redor da quadra. Como o jogo é tecnicamente ruim, o Professor comenta:

“É duro heim! Esse joguinho e vocês já estão no colegial heim!”

Enquanto o jogo se desenrola, o Professor senta em sua mesa para preencher suas cadernetas. Após algum tempo, vem conversar comigo e convida para um café. Vamos conversando e voltamos em aproximadamente 10 minutos. Ao entrar no ginásio, os alunos estão brincando, gritando, e o Professor esbraveja:

“Hei, começou a bagunça é? Vai todo mundo embora já, já.”

O jogo se desenrola até o final da aula, sempre trocando os times quando um atinge 15 pontos, permanecendo na quadra o time vencedor. Ao final, o Professor chama os alunos perto de sua mesa e faz a chamada pelos números, dispensando a seguir os alunos.

Esta turma de 2º grau é a única turma das 6 classes noturnas de 2º grau que o Professor conseguiu formar para as aulas de Educação Física.

5º Dia de Observação

Terça-Feira

09:10hs 6ª e 7ª Séries

24 alunos

02 aulas 1 bola de handebol

Professor bate palmas para chamar a atenção dos alunos e indica

o local na quadra onde devem ficar sentados. Aí, realiza a chamada, pelos números.

“Atenção. Coluna por 2, maiores à frente. Cobrir.” O Professor, percorrendo as colunas, altera a posição de 2 alunos numa das colunas, colocando o menor atrás e o maior à frente. Após isso, continua ditando suas ordens:

“Firme. Atenção, 10 voltas ao redor da quadra.” Alunos correm no sentido anti-horário, por fora da cerca da quadra.

“Atenção. Quero corrida sem bagunça, direitinho, sem essa de um querer passar pelo outro. Quero ordem certa. Se for bagunçado ou solecado, da próxima vez vamos correr até o Jupuíá, vocês vão ver.” O bairro mencionado pelo Professor é distante da escola e para se chegar lá, tem -se que superar uma grande subida. Terminada a corrida, o Professor separa 4 alunos para a escolha das equipes. Após a divisão, indica os times que jogam e os que esperam. Entrega o apito a um aluno e o jogo começa. Cada partida é de 10 minutos, trocando as equipes no final desse período.

“Ei, não é basquete, tem que passar a bola... Vai lá, ergue o braço. Tem que erguer o braço na defesa para marcar... Vamos marcar certo...” Essas são as principais observações feitas pelo Professor no início do primeiro jogo.

No segundo jogo o Professor se ausenta da aula para tomar café e conversar com o outro Professor de Educação Física. Os alunos administram a aula através da prática e direção dos jogos. Quando o Professor retorna, quase ao final do tempo de aula, ele não faz mais observações, limitando-se a conversar com os alunos que estão fora da competição, esperando a vez de jogar. Vários jogos se sucedem e após o término de mais um, a bola é solicitada e a aula encerrada.

6º Dia de Observação

Terça-Feira	07:30 hs	1ª , 2ª , 3ª Séries: 2º Grau not.
14 alunos	02 aulas	1 bola de futebol de salão

O Professor, ao chegar para a aula, reúne os alunos no centro da quadra e faz uma reclamação, falando seriamente:

“Na aula passada, quinta-feira, nós já havíamos combinado que não haveria aula. Eu então não vim. Mas alguns de vocês apareceram e

ficaram perturbando aqui, inclusive soube que soltaram uma bomba aqui no ginásio. Resultado: vieram me encher o saco. Isso não pode acontecer. Quando a gente combina as coisas isso tem que ser cumprido. Espero que isso não aconteça de novo."

"*Bem, o que vocês querem jogar hoje?*" A resposta é uníssona indicando o futebol de salão. O Professor determina 3 alunos para que escolham os times e vai buscar a bola de futebol de salão. Na volta define as equipes que devem iniciar os jogos e a que deve esperar. Os jogos são desenvolvidos em 10 minutos cada, e a equipe que vai vencendo permanece na quadra (uma das equipes jogou o tempo todo).

Um aluno apita o jogo e os dois alunos obesos são os escolhidos para goleiros em dois times. Mais uma vez, após o início do primeiro jogo, o Professor se vê às voltas com o preenchimento de suas cadernetas (são 12 cadernetas em cima da mesa).

No final do 5º jogo, o Professor pede a bola, faz a chamada pelos números e aí indica 2 alunos para nova escolha de equipes. Os que são escolhidos vão jogar e os demais são dispensados da aula. Esse novo jogo dura aproximadamente 30 minutos, após o que o Professor solicita a bola e encerra a aula. Nesse período o Professor está ausente da aula, voltando só para o encerramento da mesma.

Professor 02

Professor Graduado em uma faculdade de Educação Física do interior do Estado de São Paulo, em 1973 e está como Professor da Rede Oficial há 10 anos. Assumiu a atual escola na mesma época da realização desta pesquisa, sendo encarregado das turmas femininas da escola.

A Escola e o sistema de desenvolvimento das aulas de Educação Física são os mesmos mencionados na descrição do trabalho do Professor 01.

1º Dia de Observação

Terça-Feira	14:00hs	6ª e 7ª Séries
18 alunas	2 aulas	3 bolas de voleibol

Apesar de estarmos na última semana de abril, as alunas desta escola só realizaram o exame médico na semana anterior, estando agora aptas às aulas de Educação Física, segundo o conceito da administração da escola e do Professor de Educação Física. Por essa razão, tivemos o privilégio de acompanhar as primeiras aulas do Professor na escola, junto a estes grupos de alunas.

Às 14:05hs o Professor chegou, passou pela quadra coberta onde estavam as alunas e as cumprimentou. Após, foi à sala de materiais de Educação Física buscar as cadernetas de chamada. Na volta, solicitou a uma aluna para verificar se não existiam outras alunas no pátio. Cantarolando, ligou as luzes da quadra e os ventiladores de parede (são 6, localizados nas laterais da quadra). Até aqui, as alunas estão sentadas na região central da quadra e o Professor senta-se em cima da mesa e começa a dizer:

“Bom, hoje é nosso primeiro dia de aula, por isso vou dar alguns avisos importantes e mostrar o que pretendo fazer, bem como quero revelar qual é a minha forma de trabalho. Como eu sou o professor de vocês, quero que vocês me vejam mais como amigo do que como professor. Também quero que vocês vejam que a Educação Física é importante porque trabalha a saúde e a higiene.”

Levantando-se, chama agora a atenção das alunas para alguns avisos importantes:

“É necessário estabelecer algumas regras importantes neste início de atividades. Lembro a vocês que o uniforme é calção vermelho, camiseta do colégio, tênis de qualquer cor e uso de meias.” Algumas alunas reclamam do uso da meia, ao que o Professor argumenta:

“Eu também não gosto de algumas coisas na vida, mas tenho que fazer assim mesmo. Como Educação Física é higiene, o uso de meia revela essa higiene, pois o pé não fica em contato com areia, terra, etc... formando aquela situação anti-higiênica. Portanto, a utilização de meia nas aulas de Educação Física é a mesma higiene que escovar os dentes, lavar o rosto de manhã ou como as mães de vocês limpando e lavando

pratos e panelas. Com essa ação higiênica, vocês não pegam o 'pé de atleta', que são aquelas cascas de peles nos pés. Agora, se vocês, fora da aula de Educação Física, não quiserem usar meias, o problema não é meu. Mas continuo achando anti-estético."

"Outra regra importante a ser decidida neste início, é com respeito à disciplina. Todos nós temos nosso dia disciplinado. Temos disciplina na hora de levantar, na hora de chegar na aula, na hora de almoçar, na hora de dormir, o dia inteiro. Por isso a disciplina é importante, o que acontece também na Educação Física. Por exemplo, no vôlei, existem 3 na frente e 3 atrás, e se não for jogado assim vira bagunça, vira indisciplina. Por exemplo, se uma aluna começar a jogar no lugar da outra, o time perde. Essa indisciplina não é punida pelo juiz, mas é uma indisciplina tática. Por isso, é importante na Educação Física a disciplina. Ainda no vôlei, se a gente ensina dar toque por cima flexionando as pernas e a aluna não faz isso, é indisciplina que no jogo vai refletir a perda, porque o juiz dá dois toques, prejudicando o time. Também aqui nas aulas, vamos ter disciplina para separar os times, não colocando só gente alta num time e baixa no outro, por exemplo."

"Já que estamos falando em ordem, vou pedir uma coisa que, a partir de hoje, fica valendo. Do jeito que vocês estão sentadas aqui, eu preciso me virar para a esquerda e para a direita pra falar com vocês. Por isso, nós vamos melhorar essa distribuição e também porque se chegar alguém aqui e vê isso, dá idéia de bagunça, de falta de organização."

O Professor, aproximando-se das alunas, mostra que não pode andar entre elas, porque não estão organizadas e disciplinadas e solicita que se levantem.

"Olha, agora vou mostrar pra vocês como é uma formação organizada. Sempre que eu for iniciar as aulas, de hoje em diante, quero que vocês estejam nessa formação que vou ensinar. Quero as menores à frente, em coluna por quatro, por exemplo, onde a menina da frente, coluna da esquerda, levantará o braço esquerdo na vertical e se diz base. A partir dela, as demais cobrem, com o braço esquerdo, sendo que as da frente estendem o braço à lateral e as que estão atrás estendem o braço no ombro da colega da frente." Aí, o processo é demonstrado.

"Também vocês vão obedecer aos comandos: Escola cobrir. Escola firme."

“Vocês não acham que esta distribuição está melhor que a que vocês estavam?” Antes de qualquer resposta, pede às alunas para sentarem, e anda entre elas para comprovar que a distribuição é melhor. “Vocês vêem, agora eu posso passar entre vocês, pois vocês estão organizadas e disciplinadas. Aí o trabalho rende mais e melhor.”

“Que esportes vocês sabem jogar?” - pergunta. A resposta principal é voleibol.

“Muito bom. Vou utilizar com vocês uma metodologia de ensino de prática de esportes, começando pelo vôlei, que vocês sabem mais. É importante lembrar que quando vocês fizerem os exercícios aqui, vocês devem fazer sem cansar demais, para não aparecer amanhã dores musculares. Mas não cansar demais não é levar a aula na moleza, né?”

Encerradas as explicações, o Professor comanda o aquecimento, onde as alunas devem correr em volta da quadra, em coluna por um, partindo da coluna da esquerda, no sentido anti-horário. A partir daí, todos os comandos são dados seguidos de demonstração do exercício ou atividade, e com palavras de incentivo como:

“Vamos lá... Só mais um pouquinho... Vai, vai... Um pouco mais de força...”

Após 4 voltas ao redor da quadra, quando algumas alunas já começam a andar, o Professor solicita que corram batendo palmas acima da cabeça, em frente do tronco, atrás do corpo. As alunas já andam a maior parte do percurso.

“Vamos lá. Correndo normalmente. Agora, batendo palmas quando o pé esquerdo tocar no solo. Vamos lá.” - demonstra. No momento em que todas as alunas já estão caminhando, o Professor diz: “Pode andar e aproveitem para puxar o ar inspirando profundamente pelo nariz e expirando pela boca. Isto é importante para o coraçãozinho voltar ao lugar.” “Está bom. Podem parar, assim em círculo mesmo.”

O professor separa uma dupla. “Agora vocês duas vão correr e pegar quem vocês conseguirem, e a medida em que forem pegando alguém, irão aumentando essa corrente. Atenção, não vale desfazer a corrente para pegar as outras colegas. Todo mundo pode começar a correr, só na quadra de basquete. Vamos lá.” No final, três alunas não são pegas e o Professor solicita uma salva de palmas a elas. Poucas aplaudem.

“Atenção. Não é para encostar uma na outra, é para dar espaço.

Vamos fazer o seguinte: coloquem as mãos na cabeça e andem até o meio da quadra no passo agachado.” (marcha do pato). Demonstra uns três ou quatro passos e ordena a execução. Várias alunas caem ou andam de joelhos ou ainda se levantam antes do meio da quadra, ao que o Professor observa:

“Vocês lembram o que eu falei. É preciso andar certo até o meio da quadra. Algumas de vocês já causaram a indisciplina e a desordem.” Forma agora duas fileiras, uma defronte a outra.

“Vamos fazer agora um exercício que vai doer, mas é necessário, pois é para a barriga, onde não tem ossos nem costelas. Esse exercício é para os músculos da barriga, para segurar as vísceras.” O Professor demonstra o exercício, que é levantar as pernas unidas e estendidas, com apoio dos cotovelos no chão. Conta até 10 para que as alunas mantenham as pernas levantadas.

“Vamos mais uma vezinha?” Apesar dos protestos e da negação, conta novamente até 10, de forma lenta.

“Atenção para o novo exercício. Vocês vão deitar e executar o abdominal, durante 10 vezes, mantendo o ritmo de minha contagem.” *“Está bom. Podem relaxar.”* Após alguns segundos, solicita outra série, pedindo que a execução seja de forma mais rápida possível.

“Atenção. O exercício agora é este.” - demonstra 3 vezes o polichinelo e manda que executem, marcando um ritmo que vai apressando. Após a série de exercícios, solicita a um grupo de alunas que tragam o poste de volei e a rede. Encaixa o poste no lugar e arma a rede.

“Olha, enquanto eu ponho a rede, aproveitem para ir tomar água.” Na volta das alunas, solicita a três delas que escolham os times. Sorteia duas equipes para o jogo e recomenda que as outras alunas devem ir executar o toque por cima, no fundo da quadra, com as duas bolas restantes. Uma das meninas não vai jogar no fundo da quadra. Ela é magra, baixa e usa óculos (a única de óculos da turma). Quando o Professor solicita uma voluntária para marcar os pontos do jogo, ela prontamente se oferece.

O Professor senta-se à mesa e fica apitando o jogo. O tempo todo é praticado apenas um jogo de manchetes, com devolução na primeira bola, mas o Professor limita-se a apitar quando o ponto é decidido ou quando do autorizar do saque. Por duas ou três vezes apita invasão no saque, mas também não explica, exigindo o rodízio do outro time apenas.

A maioria das alunas parece não entender o que acontece.

Uma aluna chega atrasada, fala com o Professor e este ordena que ela vá bater bola no fundo da quadra. Solicita a contagem para a menina de óculos e muda os times. Inicia novo jogo entre o time vencedor e a equipe que estava fora. Nesse jogo uma aluna solicita a explicação sobre o rodízio e é atendida pelo Professor.

Interessante é notar a reação da aluna de óculos, que continua a marcar pontos no centro da quadra. Todas as vezes que uma bola vem em sua direção, mesmo de forma lenta, ela sai de seu lugar até que uma outra aluna pegue a bola, após o que volta ao seu lugar. Em muitas oportunidades esse fato se repete, com essa aluna saindo correndo e após retornando lentamente ao seu canto, mas o Professor não observa o acontecido.

Um saque passa a rede e a aluna mais próxima de onde cai a bola não vai ao encontro da mesma. Aí o Professor para o jogo e, comentando, demonstra corporalmente a importância de se ir em direção da bola.

Importante mencionar que, durante os jogos, as alunas ficam paradas em seus lugares na quadra, só se movimentando quando a bola vem ao encontro ou quando o Professor ordena rodízio.

Após algum tempo, o Professor convoca as alunas no centro da quadra e comenta sobre os principais erros que estão cometendo. Manda que continuem a jogar e justifica que sairá por momentos da aula, pois irá avisar as turmas da tarde sobre as aulas de Educação Física para a manhã seguinte. Com a saída do Professor, as alunas se manifestam na conquista de ponto, com gritos e palmas (isto não acontecia na presença do mesmo). Também vão gritando umas com as outras para ir ao encontro da bola. O ambiente adquire nova feição, mais alegre.

O jogo é apitado pelas alunas. Numa certa altura, essa aluna que está apitando a partida exige, em voz alta, gritando, silêncio das companheiras.

O Professor volta para finalizar a aula e a menina de óculos passou o tempo todo na marcação dos pontos das equipes e fugindo das bolas.

1º Dia de Observação	2ª Turma Observada
Terça-Feira	16:00hs 8ª Série
20 alunas	2 aulas 3 bolas de voleibol

Alunas sentadas na quadra e o Professor em pé, se apresenta e começa os informes, colocando frequentemente a mão direita em frente da boca.

“Meu método de trabalho é o de incentivar para os esportes.” Pergunta a seguir: *“Quem já jogou vôlei?”* - várias levantam as mãos; *“E basquete?”* - duas se manifestam; *“E handebol?”* - agora apenas uma se apresenta.

“Bem, já que a maioria joga vôlei, vou começar pelo volei e depois passarei por outros esportes. Vocês já estão na 8ª série e devem sair do 1º grau com o conhecimento e a bagagem em todos os esportes. Portanto, esta será a metodologia aplicada.”

A seguir informa sobre o uniforme e utiliza a mesma argumentação da higiene da aula anterior. Levanta também os conceitos de disciplina e ordem, com o exemplo do voleibol da aula anterior e acrescentando um exemplo do basquete:

“No basquete, por exemplo, quando o professor diz para jogar a bola com uma só mão e para uma determinada companheira, é isso que deve ser feito, senão nós perdemos a bola e o jogo.”

Procede de forma idêntica à aula anterior quanto aos conceitos, estratégias e exemplos em relação aos conceitos de disciplina e ordem, acrescentando o exemplo:

“Lembro que disciplina é importante, como vocês vêem nos desfiles, se marcha durinho, direitinho, e isto é disciplina.” Finalmente uma última recomendação:

“De hoje em diante, até daqui 15 dias, quem não estiver uniformizada não faz aula e vai ficar com falta. Portanto, vamos entrar em ordem.”

“Nossa aula de hoje vai ser de voleibol, com um trabalho de vôlei. Eu hoje não vou falar nada, só quero ver vocês jogarem para avaliar, pois eu não conheço vocês. Só na próxima aula eu vou dizer que quero isto ou aquilo de vocês.”

O aquecimento é a corrida em coluna por um, no sentido anti-

horário, assim justificada: *“Essa corrida é para aquecer os músculos, para evitar a distensão num músculo frio.”*

Outras observações durante esse período: *“Atenção. Agora corrida com elevação de joelhos... Corrida normal... Corrida com elevação de calcanhares... Corrida normal.”* A cada variação o professor demonstra como deve ser o movimento, com seu próprio corpo, postado no centro da quadra.

“Na corrida normal, aproveitem e respirem muito mais pelo nariz e soltem pela boca.” - reafirma o Professor.

“Andando agora. Atenção. Dêem mais espaço entre uma colega e outra, pois vamos andando normalmente, e ao apito vocês começarão a correr dando três passadas laterais com frente para o interior da quadra e três passadas laterais com frente para fora da quadra, continuamente.” - demonstra e começa o exercício.

“Tá bom, pode andar e aproveitem para puzar o ar pelo nariz e soltar pela boca.”

Indica a formação em círculo para as alunas e propõe os seguintes exercícios, todos demonstrados no seu início:

“Flexionar o tronco à frente, pernas separadas, e tocar as mãos no chão três vezes: à frente, entre as pernas e atrás das pernas” *“Mãos no quadril, pernas em afastamento lateral, exercício de insistência lateral à esquerda, três tempos, e à direita, três tempos.”* *“Mesma posição anterior, três tempos levando o tronco à retaguarda.”* *“Mesmo exercício, só que três tempos à frente.”*

Todos os exercícios obedecem ao ritmo do Professor, que conta insistentemente: *“1, 2, 3, 4...1, 2, 3, 4...”*

“Agora sentadas. Vamos sentar numa perna e deixar a outra estendida na frente, vamos segurar na ponta do pé da frente e contar até 10.” *“Tá bom. Agora, trocando de perna.”* *“Agora o exercício é para a barriga. Apoiadas nos cotovelos, vamos levantar as pernas estendidas e unidas e contar até 10.”* *“Mais uma vez só.”* *“Tá bom. De pé. Agora vocês vão executar o polichinelo até chegar ao 30.”*

Todos os exercícios são demonstrados e a contagem e o ritmo são de competência do Professor. No último exercício, enquanto o Professor demonstra o exercício, uma aluna o executa de forma jocosa bem atrás do mestre.

Nomeadas três alunas, estas começam a dividir as equipes: duas com 7 meninas e uma com 6. No processo da escolha, as alunas menores são as últimas a serem escolhidas. Duas equipes jogam e a terceira é orientada a executar o toque por cima no fundo da quadra. O jogo começa e o Professor aproveita a oportunidade para ir beber água. Voltando, avisa que os sets serão de 10 pontos.

Numa jogada de rede, uma aluna grita para a sua colega pegar a bola, e, imediatamente, pede desculpas para o Professor. Este, sorrindo, diz que pode gritar. A partir dessa informação as alunas gritam e participam mais do jogo.

O jogo se desenrola e agora estou sentado na lateral oposta da quadra onde se localiza o Professor. Uma aluna se aproxima e pergunta o que estou fazendo. Digo que estou apenas observando a aula para aprender (o Professor no início da aula referiu-se a mim como um estagiário). Ela se afasta, mas pouco convencida do fato.

Agora é o Professor que deixa as alunas jogando e vem conversar comigo:

“Você sabe que é bem mais fácil trabalhar com as meninas do que com os meninos? Elas não afrontam, não são tão metidas, são mais tranquilas que os meninos.” Eu concordo com ele para não alongar o assunto e ele ainda comenta alguns erros que vão ocorrendo no jogo. Logo após encerra a aula, solicitando a bola das alunas.

2º Dia de Observação

Terça-Feira	14:00hs	6ª e 7ª Séries
18 alunas	2 aulas	3 bolas de voleibol

“Escola cobrir. Firme. Esquerda volver.” As alunas estão em duas colunas.

“Prestem atenção. Na próxima semana o uniforme deve ser completo.”

Três alunas chegam atrasadas e uma delas diz: “Cheguei seu fulado.” - abreviando o nome do Professor. Este por sua vez recomenda: *“Tem que chegar no horário, heim! Eu chego no horário.”*

“Atenção para a chamada. 6ª série: 1, 2, 3, 4... 7ª série: 1, 2, 3, 4, ...”. No final reforça o aviso: *“Olha, quem chegar atrasada agora ficará*

com falta, está entendido?"

A aula se inicia em acelerado, coluna por um, correndo em volta da quadra descoberta, no sentido anti-horário, e quando algumas alunas começam a conversar o Professor repreende:

"Vai lá gente, sem brincadeira, sem papo. Vocês já chegaram atrasadas e ainda começam a brincar. Tá vendo, vocês não fazem direitinho e quando a gente leva vocês para a ginástica vocês ainda reclamam."

As alunas são perfiladas em duas fileiras para a ginástica, em grande afastamento lateral e uma série de saltitamentos no lugar é passada, sempre com demonstração inicial:

"Saltitando normal... Saltitando com as pernas flexionadas atrás... Agora pernas estendidas à frente, batendo palmas... Normal... Agora as pernas chutam na lateral." Os exercícios são acompanhados de incentivos:

"Vamos lá, não parem... Vamos mais um pouquinho, sem moleza..."

"Atenção. Vamos para um novo exercício. Vamos deslocar contando até 10 à frente, com palmas e passo repicado e volta rapidamente de costas." O exercício é demonstrado duas vezes até a outra lateral da quadra e em seguida as alunas executam, com certa dificuldade.

"Idem ao exercício anterior, só que com as pernas estendidas à frente." *"Contando em voz alta, para padronizar a execução."* - mas as alunas não contam.

"Viu como vocês conseguem fazer sozinhas? Só quero que contem alto para manter o ritmo e o grupo bem unido." *"Esses exercícios que vocês estão fazendo são importantes para quem pretende dançar, certo? Olha o ritmo. Todas juntas, vamos... Aí, podem ir parando. Vocês estão fracas, né?"*

"Vamos treinar voleibol. Já falamos a vocês que estamos nestas aulas em voleibol." O Professor forma 3 grupos de 6 colunas com uma bola em cada grupo. Cada duas colunas, uma frente para outra, e a ordem é tocar a bola por cima da cabeça e voltar atrás da coluna. O Professor explica e demonstra uma vez em cada coluna. As principais recomendações são:

"Vamos procurar dar o toque, procurando não deixar a bola cair, e voltar rapidamente para o final da coluna... Atenção, se a bola vier ruim,

segura a bola e toca direitinho na mão da colega da frente. É preferível dar o toque direitinho na mão da colega que jogar a bola longe... Atenção, pra colega pegar a bola é preciso jogar a bola pra cima. A bola tem que ser tocada acima da cabeça. Vamos caprichar, flexionando a perna. Vamos lá... Este grupo aqui não pode deixar a bola cair. Vocês estão na 7ª série, não?"

Toda a orientação do Professor é para o toque correto, demonstrado por ele sempre que um grupo erra e a bola cai no chão. Dirigindo-se para o grupo da 7ª série recomenda:

"Vocês que são melhores, vamos fazer o seguinte. O exercício agora é tocar na bola para cima e sair enquanto a colega de trás entra e bate na bola para cima, e assim por diante." Esse exercício simplesmente não se realiza.

"Vocês da 6ª série continuam o exercício normal."

Na mesma formação anterior, o Professor passa a exigir o toque em manchete, com recomendações do tipo:

"Lembrem-se, este toque é só para as bolas que vêm baixa, por isso não esqueçam de flexionar as pernas... Flexionem mais o tronco e batam a bola nos braços e não nas mãos."

"Podem parar e venham aqui. Agora vamos ver saques, como se dá. Antes, três minutos para tomar água." Todas as alunas saem correndo. Na volta destas o Professor reinicia a aula.

"Você aí que é grande, dá um saque aí." A aluna indicada levanta e executa.

"Vocês viram, a bola veio mas o saque foi fraco. No volei, o saque deve cair na quadra adversária. Se existir uma jogadora ruim na outra equipe é nela que vamos jogar. Por isso vamos treinar dar o saque no lugar que a gente quer." Após este comentário, vai até a zona de saque e demonstra corporalmente como se deve sacar por baixo, explicando concomitantemente:

"Flexiona o tronco à frente, a perna esquerda à frente, fazendo balanceamento de tronco e de braço. Entenderam?"

"Vamos fazer o seguinte: Da mesma forma que estávamos, cada uma dá o saque lá da linha de fundo e entra no final da coluna, ok?" As alunas executam a tarefa e a maioria não acerta o movimento, ao que o Professor diz:

“Atenção. Ninguém está flexionando o corpo. É assim óh!” - demonstra executando 3 saques.

O restante da aula é consumido na execução dessa tarefa e como há uma grande demora para chegar a vez de sacar, várias alunas preferem sentar no fundo da quadra e ficar conversando. O Professor fica corrigindo o movimento corporal das alunas que não conseguem êxito no sacar.

Quase no final da aula, é colocada uma caderneta em cada lado da quadra e as alunas são desafiadas a acertar nas cadernetas com seus saques. Para encerrar a aula o Professor reúne as alunas e mais uma vez ratifica a importância do saque dirigido com a argumentação:

“Vocês vêem a importância do saque dirigido? Com ele nós ganhamos o jogo. Nós vamos treinar isso com vocês e pretendo avaliar vocês assim: Coloco 4 meninas no outro lado e peço para vocês darem 4 saques, um em cada menina. Ai, dou a nota.” Após essa informação encerra a aula.

3º Dia de Observação

Terça-Feira	07:30hs	7ª e 8ª Séries
14 alunas	2 aulas	1 bolade voleibol

As alunas estão formadas em colunas por 3, e o Professor, de posse da caderneta, realiza a chamada pelos números.

“Vamos lá para o aquecimento. Correndo.” - as alunas executam a corrida como as demais turmas.

“Tá bom, nessa quadra aqui.” As alunas são orientadas para se posicionarem em duas fileiras para o início dos exercícios localizados. Todos os exercícios são ritmados pelo Professor e demonstrados no início, uma ou duas vezes:

“Vamos lá. Flexionar as pernas, como se fosse correr no lugar, mas sem tirar todo o pé do chão.”... “Vai, tô vendo um monte de gente sem fazer. Vai com vontade, pois isto é bom para vocês mesmas.”... “Agora vamos começar a levantar o pé do chão, saltitando e batendo palmas.”... “Atenção, parou. Vocês não estão seguindo o ritmo. Façam o exercício e contem comigo. Agora, começar: 1, 2, 3, 4... É nesse ritmo, vamos: 1, 2, 3, 4...” *“Mesmo exercício com chutes das pernas a lateral.”* *“Agora o polichinelo: 1/2, 1/2, 1/2...”*

"Tá bom. Podem sentar aqui. Atenção. Vocês estão em 14 e vôlei se joga com 6 de cada lado, mas nós vamos jogar em 7. Cada time coloca 4 atrás e 3 na frente." Forma uma equipe na quadra e explica como vai ser o rodízio. Agora indica duas alunas para que escolham os times. Feito isto, entrega a bola e o jogo se inicia. O Professor senta-se à mesa para a tarefa de atualizar suas cadernetas. As alunas controlam o jogo e a contagem e jogam durante uns 40 minutos. Todo esse tempo o Professor está entretido com suas cadernetas.

No final da aula o Professor comenta comigo:

"Você vê a nossa situação. Tenho que preencher cadernetas desde fevereiro, quando as aulas começaram faz 15 dias. Tenho que dar conceitos a alunas que ainda nunca vi. O que faço: vejo com as alunas sobre esta ou aquela que não apareceu. Se elas dizem que não vem mais, coloco 'E' e faltas. Mas as que dão dúvida, coloco 'C' e algumas faltas apenas. Você vê que burocracia temos de inventar, e é ruim porque pode ser que eu coloque presença e conceito para uma aluna que em todas as outras disciplinas já não vem mais." Lembro novamente que as aulas de Educação Física começaram agora em função do exame médico.

4º Dia de Observação

Terça-Feira	09:00hs	5ª Série
24 alunas	2 aulas	3 bolas de voleibol

"Coluna por 4, cobrir. Base levantando o braço, menores à frente. Escola firme." O Professor altera a posição de 3 alunas nas colunas. "Ok, podem sentar."

A chamada é feita por números e o aquecimento segue o padrão das demais aulas.

"Prestem atenção. Eu vou estipular o horário certo de vocês. Você, você...vão entrar na turma da 6ª série." Aponta para 6 alunas maiores da turma e comunica o horário que elas deverão fazer aulas a partir da próxima semana.

"Hoje nós vamos jogar voleibol. Como vocês sabem, são 3 no ataque e 3 na defesa, mas nós somos 24 aqui. Então vamos fazer 3 times de 8 cada."

"Hoje eu tenho um serviço para fazer, então vocês vão jogar à

vontade. Vamos dividir vocês em equipes para vocês brincarem, procurando dar os três toques que já aprenderam." "Vôlei tem que chegar a 15 pontos para ganhar, mas com diferença de 2 pontos. Por exemplo: 15 x 14 não ganha jogo. Quando isso acontece, você vai jogando até ter dois pontos de diferença: 16 x 14, 17 x 15 ou 18 x 16 por exemplo. Hoje aqui vamos fazer um joguinho de até 8 pontos. Quem fizer 8 primeiro ganha e entra o time que está fora. Já a equipe que está fora fica batendo bola lá atrás da quadra, 4 com cada bola, certo?"

Aí indica 3 maiores para que escolham os times e seleciona as equipes que vão iniciar o jogo. Explica também como será o rodízio na equipe de 8, demonstrando uma vez. Logo no início do jogo há confusão no rodízio e o Professor faz com que todas rodem várias vezes para mecanizar o movimento.

Não sai jogo. Dificilmente a bola do saque ultrapassa a rede e quando passa, raramente ela é devolvida. O Professor tenta incentivar através de comentários:

"Vai na bola... Olha a bola gente... Atenção para o que eu falei. Presta atenção na bola e vai nela..."

Como são dados muitos saques errados, o Professor para várias vezes o jogo e explica, demonstrando corporalmente, como sacar. Mesmo assim, continua não saindo jogo.

Interessante notar que a expectativa das meninas, que no início era alegre pela oportunidade do jogo, vai se transformando em tensão, com atitudes corporais revelando essa ansiedade.

As observações do Professor, na tentativa de concretizar o jogo são:

"Aí, força... Flexiona o tronco e balance o braço... Vocês aí estão muito perto da lateral da quadra... Vocês erram porque não prestam atenção... O saque não é questão de ter força e sim de caprichar mais..."

Fica claro que as meninas não estão preparadas para o jogo da forma que foi executado. Todos os saques foram dados na zona regular de saque e a rede estava numa altura normal de jogo.

Como o Professor não pode fazer seu serviço, anunciado no início da aula, dispensa as alunas mais cedo para poder executar o preenchimento de suas cadernetas.

5º Dia de Observação
Terça-Feira 07:30hs

Está chovendo. Sete alunas comparecem mas o Professor não. Como é a semana da turma feminina estar na quadra descoberta, não há aula.

Neste mesmo dia, na parte da tarde, encontro com esse Professor e ele faz o seguinte comentário: *“Estou com sorte hoje, pois tenho um tempinho livre por causa da chuva.”*

6º Dia de Observação
Terça-Feira 07:30hs 7ª e 8ª Séries

Não está chovendo. O dia é ensolarado, mas houve chuva na noite anterior e a quadra está molhada. As alunas chegam querendo saber se haverá aula, e o Professor informa:

“Não vai haver aula hoje porque a quadra está molhada e é perigosa para vocês, pois vocês podem se machucar.”

Surge outro grupo de alunas e o Professor comenta:

“Olha, a quadra está molhada. Não dá pra jogar, pois é perigoso vocês se machucarem e além do mais estraga a bola.” Interessante, no entanto, é notar que a rede ficou armada a semana toda na quadra, exposta ao sol e chuva.

“Eu não vou fazer chamada e aquelas que quiserem podem ir embora. Agora, se alguém quiser jogar, pode pegar a bola lá no quartinho.”

Algumas alunas vão embora, mas um grupo de 8 meninas prefere ficar. Vão com o Professor à sala de materiais e pegam duas bolas e um rodinho para enxugar a quadra. O Professor vai tomar café e as alunas ficam brincando. Quando ele volta, uma das alunas mostra a blusa toda suja pela bola e o Professor comenta:

“Eu avisei a vocês que não dava prá jogar, mas vocês são teimosas. Agora, essa sujeira não é problema meu. Eu bem que avisei que não dava.”

Novamente o Professor sai da quadra e as alunas ficam mais algum tempo jogando. Quando uma resolve ir embora, todas decidem procurar

o Professor e devolver as bolas.

Professor 03

Professor graduado em uma faculdade de Educação Física do interior do Estado de São Paulo, em 1978 e está como Professor da Rede Oficial há 8 anos.

A Escola é de 1º Grau, distante do centro da cidade, num bairro cujo nível sócio-econômico é de classe média baixa, com alunos nos três períodos. Possui uma quadra poliesportiva cercada com alambrado de mais ou menos 3 metros de altura, separada por um muro do restante da Escola. Não há chuveiros no único vestiário existente, anexo à sala de guarda de materiais de Educação Física.

As aulas de Educação Física seguem o padrão dos casos anteriores.

1º Dia de Observação

Quarta-Feira	07:30hs	6ª e 7ª Séries
21 alunos	2 aulas	1 bola de basquetebol e 1 bola de handebol

Professor chama os alunos da 6ª série junto à sala de materiais e faz a chamada pelos números: "1, 2, 3, 4...". Após, ordena que corram em volta da quadra no sentido anti-horário. Em cada canto da quadra determina uma estação de exercícios, a saber: 1) polichinelo; 2) flexão e extensão dos braços; 3) abdominal, deitado em decúbito dorsal e pernas estendidas e 4) novamente polichinelo.

Enquanto os alunos da 6ª série realizam os exercícios, o Professor convoca os alunos da 7ª série para a chamada, junto à sala de materiais. Também controla a presença pelos números e à medida que o aluno responde, é orientado para ir correndo à quadra participar do aquecimento que se desenrola com a 6ª série. O número de alunos da 7ª série é maior que o da 6ª série.

Depois de deixar as cadernetas na sala, o Professor se dirige para

a quadra e apitando diz:

“Agora vocês vão fazer o seguinte: corram meia quadra e andem na outra metade da volta.” É mantida a formação em coluna por um e quando os alunos andam ou começam a conversar o Professor reage:

“Sem conversa, senão vamos direto para a ginástica.”

Agora ele separa os alunos em dois círculos, colocando num a bola de basquete e no outro a bola de handebol e recomenda:

“Agora vocês vão fazer o passe de ombro.” Demonstra o exercício que consiste em passes que um aluno, no centro do círculo, faz a todos os outros, cedendo seu lugar para um companheiro quando a volta é completada. Após algum tempo, o Professor ordena que os alunos recuem mais (os círculos se abrem) e executa o mesmo exercício só que com o passe picado. Também aqui demonstra umas duas ou três vezes em cada círculo. Os principais comentários nesta fase são:

“Tem gente passando a bola muito mole... Flexiona o tronco no passe... Tem que dar um passo à frente para o passe... Olha para o pé para ver se está certo...”

“Tá bom, pode parar.” Segura as bolas embaixo dos braços e indica 3 alunos para a escolha dos times. Após a escolha sorteia o time que irá esperar.

“Vocês aí tirem a camisa.” - ordena a umã das equipes. Dois alunos tiram parcialmente a camisa e ele ordena que tirem completamente com o seguinte comentário, que provoca risos nos outros alunos:

“Os meninos não querem mostrar os peitinhos é?” *“Hoje vamos jogar handebol. Relembrando as principais regras: a área é só do goleiro e se a defesa entrar nela é pênalti. Ao cobrar a falta, não pode com a bola andando, como vimos na aula passada.”* Ato contínuo, apita autorizando o início do jogo e os primeiros comentários são:

“Atenção, você e você devem marcar na frente.” - aponta para dois alunos da equipe sem camisa. *“E você deve marcar na frente.”* - recomenda para um aluno da outra equipe.

“O resto de vocês, os mais altos devem ficar na marcação no meio da defesa enquanto os mais baixos devem marcar na lateral. Entenderam?” Prossegue o jogo e o Professor fica na metade da quadra apitando e orientando o jogo com observações tipo:

“Fulano, perca a mania de ficar batendo a bola e passe. Levante a

cabeça e passe... Parou, parou. Eu não disse para marcar na sua quadra?... A barreira deve voltar logo e marcar na sua quadra.” (barreira aqui quer dizer defesa) *“Prestem atenção na jogada, gente... Não pode deixar o atacante livre.”*

Agora interrompe o jogo novamente e demonstra que um aluno tem condições de fazer o gol por não estar marcado. Daí comenta energicamente com os alunos:

“Olha aí, ele está livre e vai fazer o gol.” Continuam as observações técnicas e táticas: *“Não bate bola, não bate bola poxa... Parou. Fulano, existe a possibilidade de marcar gol daqui?”* (a resposta é negativa) *“Então volta marcar na sua defesa que é o importante.”*

Uma das equipes consegue um gol e o Professor comenta:

“Viu, a culpa é de vocês que não fazem a barreira no lugar certo. Aí leva gol mesmo.” O jogo continua e as observações não param:

“Parou. Não quero disputas de bola no meio da quadra. Quero marcação meia quadra e primeiro precisamos aprender a marcar... Fulano, perdeu a bola, então tem que voltar correndo para marcar...”

Uma observação digna de nota é feita pelo Professor no momento em que há uma falta e os alunos que formam a barreira hesitam em levantar os braços para interceptar a bola:

“Atenção, na cobrança da falta quero os braços erguidos. Já avisei que não pode levar bolada no rosto e no escroto, né? Se isso acontecer o juiz apita falta e desclassifica quem fez o arremesso. Portanto, braços erguidos bem acima da cabeça, entenderam?”

Ainda apitando, dirige-se aos alunos da equipe que espera para entrar, que estão sentados atrás de um dos gols e diz:

“Já não avisei que pode levar uma bolada aí? Não reclamem depois.” Os alunos se levantam e vão para a lateral da quadra.

“Vocês vão marcar com um aluno na frente.” É a recomendação dada à nova equipe que inicia sua participação na aula. Logo na primeira jogada dessa nova partida, dois alunos se desentendem e o Professor, como árbitro, desclassifica os dois por dois minutos informando:

“Brigaram, né? Pois eu vou cumprir a lei do jogo em vocês. Dois minutos fora.”

“Atenção. Vou colocar uma nova regra. Agora não pode mais bater a bola. Só vale passe. Só pode bater a bola na hora de fazer o gol.”

Quem bater a bola vai perder a posse da bola. Estou colocando essa regra porque quero que passem a bola para os companheiros e percam essa mania de jogar sozinhos.” Esse comentário é feito especialmente para dois alunos maiores que passam bola apenas entre si continuamente.

“Parou. Levante a sua cabeça e passe a bola para quem estiver perto e livre. O jogo é de equipe e todos devem jogar. Os piores só vão melhorar se jogarem mais.” “Parou. Não adianta falar, né? Onde faz a barreira? Quem marca lá em cima? Os dois aí querem mudar de time? Querem jogar contra e atacar para o outro lado?” Essas são as reclamações feitas a dois alunos.

Apita agora encerrando o jogo e convoca todos os alunos para o centro da quadra, iniciando sua preleção:

“Agora quero que os goleiros, quando defenderem a bola, olhem para a quadra toda e lancem rápido a bola para ser mais esperto que a outra equipe e lançar o contra-ataque. Às vezes a gente vai ganhar o jogo com uma equipe mais inteligente, mesmo sendo inferior tecnicamente. É importante ser inteligente nesse jogo. Vocês viram quando coloquei para fora por dois minutos os dois ali. Isso é ruim, pois a equipe indisciplinada sempre fica prejudicada e pode perder o jogo que poderia ser até fácil de ganhar. Portanto, a equipe indisciplinada fica sempre prejudicada, por esse motivo não quero mais indisciplinada aqui na aula.”

“Nós agora teremos dois reservas, que irão entrando no jogo. Assim aprenderemos também a fazer as substituições num jogo pra valer.” Aí indica dois alunos para que escolham novas equipes. Nessa altura da aula, cinco garotos já foram embora. O Professor apita para o início do jogo e fica conversando com os reservas, principalmente sobre como entrar no campo, só após o companheiro indicado se retirar da quadra. Ele vai escolhendo as trocas e efetuando o revezamento. Também nesta partida repete muitas vezes a preocupação com a marcação meia quadra.

Após algum tempo mais, apita encerrando o jogo e solicita que todos venham sentar-se no círculo central para os avisos finais.

“Atenção pessoal. Na sexta-feira não vai haver aula porque tenho que participar de uma reunião na minha outra escola, ok? Bem, hoje o jogo melhorou porque vocês pararam de bater tanto a bola e passaram mais.” Além desses comentários, recapitula mais uma vez as principais regras do handebol à luz dos erros e infrações cometidos pelos alunos durante a aula.

Para encerrar a aula perfila os alunos em coluna por 4 e comanda:

"Classe: posição fundamental. Fora de forma - marche." Os alunos gritam e saem de forma.

2º Dia de Observação

Quarta-Feira 09:10hs 7ª e 8ª Séries

27 alunos 1 aula 1 bola de handebol

"1, 2, 3, 4,..." Alunos sentados na quadra e o Professor realiza a chamada pelos números. Esta turma é composta por alunos do período noturno, que são mais velhos e maiores.

"O que combinamos para hoje?" - pergunta. Os alunos respondem que foi acertado jogar futebol.

"Vocês trouxeram a bola de futebol de salão? Pois eu falei pra vocês que não tinha bola aqui, né? Se querem futebol, tem que trazer a bola."

Os meninos trouxeram uma bola de futebol de campo e solicitam para jogar com ela na quadra, recebendo como resposta a negativa do Professor com o argumento:

"Na quadra não pode jogar com bola de futebol. É como se a gente jogasse volei com a bola de medicine ball."

"Quem aqui nasceu de 1971 ou antes?" Ninguém se identifica e o Professor não explica o por que da pergunta aos alunos. Mais tarde, no entanto, ele vem em minha direção dizendo que já estava pensando em montar times da escola para os Jogos Estudantis e o limite de idade é para alunos de 1972 em diante.

"Hoje nós vamos jogar um basquetão." Os alunos mais uma vez solicitam futebol com sua bola, mas não há resposta. E, na realidade, o jogo que será praticado é o handebol.

"Pessoal, como ficou combinado, quando é uma aula só a gente só joga." Os alunos começam a conversar, ao que o Professor reage:

"Atenção, quanto mais a gente conversa, menos tempo a gente joga. Agora quero 4 goleiros para a escolha dos times." Dois alunos logo se apresentam e um terceiro aparece mais ou menos um minuto após. Não surge o quarto voluntário para o gol e após esperar um pouco o Professor propõe:

“Moçada, cada um num quadradinho da quadra e vamos começar a ginástica, já que não temos outro goleiro.” Quadradinho é cada divisão do acimentado da quadra (placas de cimento). Há protestos gerais e finalmente se oferece como quarto goleiro um garoto negro, tímido. O Professor coloca os 4 goleiros nas pontas da quadra e vai apontando para quem deve escolher. Sobram 3 alunos que não são escolhidos e o Professor coloca dois deles em duas equipes e o terceiro, um garoto obeso, que se afastou da turma na escolha, o Professor o coloca como 2º árbitro. É importante salientar que esse garoto passa toda a aula como 2º árbitro mas não apita nenhuma vez.

“Atenção, vocês aí e aí vão começar jogando. Os outros dois times, 15 voltas ao redor da quadra, fora do alambrado.” A corrida, para variar, é no sentido anti-horário e em coluna por um.

“Atenção. Este time tira a camisa. Hoje vamos aplicar as regras do handebol. Indisciplina ou falta grave, ou agressão, o aluno será expulso e não jogará na próxima aula.” Feita essa comunicação, indica um aluno para ser o primeiro árbitro e o jogo começa. O Professor aproveita o desenrolar da partida para se dirigir à sala de materiais onde vai guardar a caderneta, voltando uns 10 minutos após, caminhando em minha direção com o comentário:

“Hoje os alunos estão se comportando melhor por causa de sua presença, acho, e isso é bom.” Ele fica comigo uns 10 minutos só controlando o tempo para a troca das equipes, comentando seus planos na outra escola onde leciona:

“Na outra escola trabalho diferente, dando todos os esportes, mas organizo também os alunos em função das competições dos Jogos Estudantis. Você sabe se este ano vai haver e quando será realizados os Jogos?” Minha resposta é negativa.

Voltando à quadra, o Professor troca o primeiro árbitro e logo há confusão na interpretação das regras. Ele pára o jogo e explica. O jogador mais hábil, que centraliza as ações de sua equipe não concorda com a explicação e discute energicamente com o Professor; este, por sua vez, chama todos os alunos, dá a mesma explicação demonstrando a jogada com a bola. Após, indica os dois primeiros goleiros para que escolham novos times. Os alunos não escolhidos são colocados na lateral da quadra, e o Professor solicita que eles também se dividam em dois times. Começa

o jogo e após um gol, um aluno fica bravo com seus companheiros. O Professor suspende a partida e explica:

“Fulano, se o jogo fosse prá valer você estaria fora por 2 minutos por essa reclamação, mesmo se dirigindo só aos seus colegas. Isto é atitude anti-esportiva prevista nas regras e que os juízes marcam.” Logo a seguir o mesmo aluno reclama de uma falta, ao que o Professor comenta:

“Num jogo em que o juiz não marca a falta e o atleta reclama, o juiz dá cartão para o atleta. Portanto fulano, jogo é para jogar e não para ficar aí falando.”

Já no final da aula, chama o garoto obeso para perto de si e diz que ele não deve ter medo de apitar, pois senão ele estará deixando as decisões só para o outro árbitro. Na troca dos times, os que acabaram de jogar começam a ir embora, indo também nessa leva o garoto obeso.

No encerramento da aula o Professor observa ao aluno mais habilidoso que ele deve passar mais a bola, não a retendo tanto, batendo-a no solo.

3º Dia de Observação

Quarta-Feira

07:30hs 6ª e 7ª Séries

16 alunos

2 aulas 1 bola de basquetebol

O dia está frio e com uma densa neblina.

“Atenção. Vamos correr 10 voltas em torno da quadra”. Os alunos saem em coluna por um, sentido anti-horário e correm por fora do alambrado que circunda a quadra. Um dos alunos solicita para dar mais algumas voltas e o professor responde:

“Você pode dar 50 voltas para esquerda.”

A orientação agora é para a formação de uma coluna, em frente à tabela do basquete, na altura da zona de lance livre.

“Atenção. Vamos ficar aqui em frente à tabela. Nós vamos arremessar a bola com uma mão. Arremessa tentando fazer a cesta e depois volta para o final da coluna.” O exercício é demonstrado uma vez. Os alunos iniciam a atividade proposta e o arremesso é na altura da linha de lance livre, feito de forma parada, com as pernas paralelas.

“Cada um conta a sua cesta e vamos ver quem faz mais, certo?” O professor, postado em baixo da cesta, devolve a bola dos arremessos para

o primeiro da coluna e logo observa que os alunos não estão contando as cestas. Nesta fase as principais recomendações são:

“Estende mais o braço ... Para segurar a bola, abre bem os dedos, pois a bola não é quadrada, né?... Isso, melhorou, Mas é preciso acertar a cesta.” Em um dado momento pede a um aluno que arremesse novamente. Ele arremessa e erra, ouvindo do Professor:

“Isso, viu como melhorou?” Depois disto, o Professor propõe mudanças no exercício.

“Prestem atenção agora. Dois arremessos e o último que arremessou tenta pegar o rebote antes que a bola caia no chão. Os alunos que ficam para pegar o rebote, devolvem a bola para o primeiro da coluna e vão para o final da coluna, ok? Também vamos arremessar mais atrás. Vamos dar dois passos atrás.”

Como a distância é maior, os alunos arremessam de qualquer forma, procurando fazer a bola chegar à cesta, mas o Professor reage:

“Prestem atenção. Vocês fizeram arremesso com uma mão, mas tem gente que não tem força. Quem acha que com duas mãos pode arremessar melhor, pode fazer assim. Mas experimenta com uma mão, ok?”

Um aluno cospe na quadra e o Professor repreende:

“Olha, depois é você que vai cair aí.”

Enquanto os alunos prosseguem os arremessos, o Professor se aproxima de mim e comenta:

“A turminha é legal, faz certinho e não reclama. O único recalçado é o fulano. Esse é fogo. Ele é lento, recalçado e a gente sabe que se falar muito com ele, ele pode reagir e aí fica difícil.” Novamente um aluno arremessa e acerta, mas o Professor vai até ele e corrige a posição do braço. Aí o aluno arremessa e erra e o Professor diz:

“Viu como melhorou a posição do braço agora e a bola foi mais forte?”

O aluno “recalcado” quase nunca fica para pegar o rebote, apesar dos pedidos insistentes do Professor. Numa dessas insistências o aluno diz que vai molhar o nariz e fica uns 10 minutos no vestiário.

Até aqui, os alunos passaram mais de 50 minutos na ação de arremessar, pegar o rebote e voltar atrás da coluna no prolongamento do garrafão.

“Vamos jogar. Quero duas equipes. A bola no aro vale um ponto

e a cesta vale dois. A bola que vale um ponto é a que bate em cima do aro e não em baixo ou do lado, certo?” Aí indica dois alunos para a divisão das equipes. O “recalcado” é o último a ser escolhido, e os times são compostos de 8 alunos que devem acertar como irão marcar, mas logo suspende a prática e recomenda:

“Parou. Cada um tem que marcar um né? Então você marca você...” - indica toda a marcação das duas equipes. Aí reinicia o jogo. Notem-se as preocupações do Professor nesta fase:

“Atenção. A partir de agora quero marcação meia quadra. O ataque não pode marcar ... Parou. Perdeu a bola não pode disputar a bola no ataque. Tem que voltar na sua quadra... Parou. Fulano, você está segurando. O juiz dá falta intencional e são dois arremessos contra sua equipe.”

Uma observação curiosa também foi feita neste momento:

“Parou. Fulano, tira o relógio. Eu já avisei que relógio, brinco, bracelete, correntinha não pode na hora de jogar.” - algumas risadas dos alunos são ouvidas.

O jogo vai até o final da aula, quando o Professor solicita a bola, vai buscar a caderneta e realiza a chamada pelos números, dispensando a seguir os alunos.

4º Dia de Observação

Quarta-Feira 07:00hs

A partir desta semana, houve modificações de horários, começando a aula mais cedo. Mas, como está chovendo, o Professor e os alunos não aparecem e o portão que dá acesso à quadra está trancado com corrente e cadeado.

5º Dia de Observação

Quarta-Feira 09:00hs 7ª e 8ª Séries Noturno

22 alunos 1 aula 1 bola de basquete

“Atenção. Correndo ao redor da quadra.” Alunos obedecem da forma habitual e o Professor vai buscar as cadernetas de chamada. Após 12 voltas, o Professor chama os 4 alunos maiores ao centro da quadra para

que iniciem a escolha dos times, enquanto os outros continuam correndo, só parando à medida que são escolhidos. Os menores e os menos ágeis ficam correndo até o fim. Como dois alunos chegaram atrasados, o Professor revela:

“Quem chegou atrasado vai dar 10 voltas na quadra depois, heim!”

Isto, até o final da aula, evidentemente não ocorre. Na escolha das equipes sobram 4 alunos no final, e o Professor manda que eles escolham as equipes que querem jogar:

“Escolham o time logo, é um jogo de homens e não é para ficar escolhendo time bonito.” Um desses alunos é alto, magro, sendo chamado pelos colegas de “He-Man”.

“Atenção. Cada time numa ponta da quadra. Esse time faz o polichinelo; esse faz o apoio de frente; esse o pique no lugar e esse último salta e depois joga as pernas para trás. Vou marcar um minuto para a execução dos exercícios depois troca de estação. Vamos lá, começar.” São as recomendações dadas a cada equipe sobre a atividade a ser executada, demonstrando uma vez cada exercício.

Como o Professor fica cronometrando o exercício no centro da quadra, os alunos que estão às suas costas não executam a atividade. Eles só se movimentam quando o Professor vira na direção deles.

“A partir da próxima aula vamos fazer esse circuito por tempo. E dentro de 15 dias vamos distribuir uma tabelinha a cada um que vai controlar sua atividade.” “Tá bom. Vamos jogar sem juiz hoje e começam os dois times de 6. Se alguém tem relógio, anel, pulseira, brinco, correntinha, se tem tira. E atenção, quero marcação meia quadra.”

O jogo é disputado com a orientação do Professor dentro das regras oficiais e as principais observações são:

“Evita fundo bola debaixo da tabela, pois dificulta lançar a bola longe... Passem mais a bola e batam menos... O jogo tem que ser jogado por todos.”

As partidas são de 5 minutos ou 4 pontos, terminando na situação que ocorre primeiro. As equipes vão se revezando, mas permanece mais tempo o time que vence sempre. No terceiro jogo o Professor diz:

“Até agora vocês jogaram à vontade. Agora quero a marcação no garrafão. Atenção prá marcação no garrafão que eu pedi.” “Parou você aí, a bola já não passou da metade da quadra? Então não adianta ficar aí que

não vai receber bola né?...Atenção. Eu já vou proibir bater bola. Tá muito bate bola. Tem gente viciada em bater bola." - são outras preocupações demonstradas pelo Professor.

Todos os jogos são desenvolvidos em função dos que jogam melhor. Após algum tempo, o Professor recomenda a escolha de 2 novos times e os alunos não escolhidos são dispensados. Esses dois novos times jogam até o final da aula, enquanto o Professor continua preocupado com o sistema de marcação.

6º Dia de Observação

Quarta-Feira

07:00hs 6ª Série

08 alunos

1 aula 1 bola de basquetebol

O Professor alterou o horário dos alunos, pois deixou 3 aulas nesta escola, por problemas de complementação de carga horária no Estado.

"Atenção. 10 voltas na quadra." - recomenda em sua chegada, sendo obedecido pelos alunos que correm de forma habitual. Divide logo após duas equipes, com 4 alunos em cada uma e inicia o jogo de basquete, com as observações:

"Perdeu a bola volta marcar na defesa... Parou. Não pode voltar a bola para sua quadra. A posse de bola é do outro time... Fulano, perdeu a bola volta a marcar na sua quadra... Parou. Vocês estão viciados a ficar dentro do garrafão. Isso não é proibido mas o juiz apita e vocês prejudicam o seu time, que irá perder o jogo. Arremessou, sai do garrafão... Parou, Você bateu a bola, segurou e bateu novamente. Isso não pode... Fulano, tenta arremessar soltando a bola a frente do rosto, com uma das mãos, porque assim é melhor... Voltem marcar na defesa. Perdeu a bola volta rapidamente para sua quadra, pois assim melhora a marcação. Será que estou falando inglês e ninguém entende?"

O Professor reúne os alunos no centro da quadra e comenta mais uma vez:

"Vocês não viram o jogo da seleção na semana passada? Quando perde a bola todas voltam correndo para a marcação. É assim que se ganha jogo." Após essa explicação, libera os alunos para que bebam água. No retorno dos alunos, ele reinicia o jogo e vai para a sala de materiais, passando por mim com o seguinte comentário:

"Vou botar em dia as cadernetas, senão no fim do mês é aquele sufoco." Os alunos ficam jogando (às vezes param um pouco) até o final da aula, quando o Professor vem com a caderneta, anota as presenças e dispensa os alunos.

Professor 04

Professora graduada em universidade do interior do Estado de São Paulo, em 1975; está na Rede Oficial há 10 anos. Leciona na atual escola desde 1982.

A escola é de 1º Grau, localizada em bairro próximo ao centro da cidade, habitado por representantes da classe média, com alunos nos três períodos. Possui uma quadra esportiva de pequena dimensão, sem marcação e tabelas para o basquete, cercada por muros, fora do contato com as salas de aula; não há vestiários específicos para a Educação Física.

As aulas de Educação Física, idênticas aos demais casos, são realizadas fora do período normal de aulas, com duas aulas consecutivas em um dia e uma outra em outro dia da semana, com turmas separadas (masculinas e femininas).

1º Dia de Observação

Quarta-Feira	14:00hs	7ª e 8ª Séries
34 alunas	2 aulas	4 bolas de handebol

Neste primeiro dia de observação, havia também alunas de 6ª série que estavam repondo aula, por isso o número elevado de alunas. Estas estão brincando quando a Professora chega, solicita silêncio, coloca as meninas sentadas na quadra e realiza a chamada pelos nomes. Terminada essa ação, solicita:

"Atenção. Tirem os relógios, pulseiras, etc... e guardem em suas bolsas." *"Moçada, na semana que vem todas têm que vir de uniforme, hein!"*

A Professora organiza as alunas em duas colunas e orienta o aquecimento, que é feito no sentido anti-horário ao redor da quadra.

“Vamos sair em acelerado e, ao meu comando, vocês devem trocar de coluna, sem parar, correndo normalmente.” “Vamos lá, mais uma vez.” “Agora andando normalmente, com braços acima da cabeça, esticados e andando nas pontas dos pés... Normal agora... Volta na ponta dos pés.” Esses são os comandos nesta fase da aula e sempre que muda a ação, a Professora demonstra uma ou duas vezes a atividade nova.

“Tá bom. Agora à vontade nesta metade da quadra.” As alunas ficam em coluna por 6, enquanto a Professora propõe uma série de exercícios, sempre explicando e demonstrando uma ou duas vezes no início.

“Mãos na cintura, afastamento lateral, flexão de uma perna e extensão de outra lateral, sem tirar a sola do pé do chão. Agora, para a esquerda e para a direita.” “Atenção, mesmo exercício só que com a extensão da perna atrás e flexão da outra à frente... Vamos lá agora... Tá bom, troca de perna agora.” “Agora forçar os braços atrás das costas, um por cima da cabeça e outro por trás, à altura da cintura e após inverte as posições... Vamos lá. Quem não está conseguindo?” Pergunta e ao mesmo tempo a Professora se desloca para auxiliar as alunas que não fizeram o exercício.

“Vamos lá que dá, força mais um pouquinho.” - incentiva a Professora. Todos os exercícios são demonstrados por ela.

“Agora sentadas. Primeiro exercício: pernas unidas, bem estendidas, segura as pontas dos pés com as mãos, colocando a cabeça no joelho. Manter a posição por alguns segundos. Vamos lá, dá um jeitinho que vai.” “Atenção, quem tem problema de coluna não força.” “Segundo exercício: pernas separadas, colocar as mãos no pé esquerdo, voltar e colocar as mãos no pé direito... Vamos lá, vai, volta, vai, volta... Tá bom.”

“Em pé. Quero quatro colunas, uma em cada canto da quadra, no prolongamento da linha de vôlei.”

A Professora forma uma turma e solicita que as outras três turmas fiquem na mesma posição. *“Agora, cada coluna divide em duas, ficando uma de frente para a outra.”* A Professora joga uma bola para cada grupo e diz:

“O exercício é o seguinte: vamos correndo com a companheira e trocando passes. Vejam, as pernas não se cruzam, pois se isto acontecer vocês caem.” Ela demonstra o exercício com uma aluna, indo e voltando pela quadra, fazendo os passes em deslocamento lateral.

Agora ela fica no centro da quadra, controlando a saída das duplas dos 4 grupos e observando:

“Cuidado com a bola da outra dupla que vem vindo... Atenção, o passe agora é picado, por isso precisa dar mais espaço entre uma e outra... Olhem, a corrida agora é para frente e o passe é de lado... Uma joga na ida com a mão esquerda e na volta com a mão direita. Vamos lá... Atenção, joga a bola no chão... Fica mais longe... Parem. Gente, não dá pra jogar assim. É assim, de lado, ok?” Todas as explicações são demonstradas e as falhas corrigidas. Quando há acerto, a Professora incentiva batendo palmas e falando:

“É isso aí fulana, muito bom!”

Uma nuvem provoca alguns pingos de chuva e a Professora, dirigindo-se a uma aluna comenta:

“Você não está com dor de garganta? Pode sentar aí no coberto.”

Todas as vezes que a Professora corrige um movimento de qualquer aluna, chama essa aluna pelo nome. Já as alunas chamam a Professora por “Dona”. Durante a realização da atividade, a Professora anda entre os quatro grupos observando e corrigindo.

“Ei, vocês quatro estão passeando e não jogando, né?” Com essa observação, solicita mais empenho a um grupo de alunas.

“Atenção. Fiquem onde vocês estão, em 4 grupos só que agora em círculos. Agora vamos passar a bola para a companheira do lado, assim.” - demonstra o passe à altura da cintura, mão reversa, para a direita. As alunas têm dificuldade para jogar a bola na mão da companheira e a Professora pára o exercício e demonstra novamente como se faz. Nas duas primeiras vezes que tenta demonstrar ela também não consegue êxito, com a bola caindo no chão.

No reinício da atividade faz a pergunta a um grupo:

“E agora, tá muito difícil aí?”, ouvindo imediatamente a resposta de uma aluna: “Não, dona, tá saindo mais ou menos.”

“Atenção. Agora é o mesmo exercício só que bate a bola uma, duas ou três vezes em direção ao centro do círculo e passa para a companheira do lado. Certo?” - demonstra algumas vezes. Neste exercício a dificuldade é maior e as bolas começam a sair várias vezes do círculo. O incentivo da Professora vem através de:

“Vamos lá, rapidinho. Vamos fazer mais rápido... Este grupo

está bom... Lembrem-se, têm que ficar de olho na bola pois ela não vem na mão, então vocês têm que ir ao encontro dela."

A Professora transforma os círculos nos 4 grupos anteriores, na formação em colunas; uma aluna de cada coluna posta-se no centro da quadra.

"Quero duas goleiras." - as alunas atendem prontamente. "O exercício é o seguinte. A primeira menina de cada coluna vem batendo a bola até a menina que está na metade da quadra, passa a bola lateralmente a esta e fica no seu lugar. Esta vai batendo a bola até a linha da área e arremessa no gol. Depois vai atrás da bola e entrega para a primeira companheira da sua coluna, entrando no final da coluna. Entendido?" - demonstra a seqüência toda, uma vez. E as observações para a atividade são:

"Atenção para o passe e na hora do arremesso. Não pisem na linha da área, senão o gol não vai valer... Atenção, saindo da coluna de uma vez, para não jogar as duas bolas ao mesmo tempo na goleira."

Como na quadra existem pintadas duas áreas, a do futebol de salão e a do handebol, uma aluna pergunta: "Dona, qual a risca que é para jogar?" A Professora responde:

"É essa branca mais forte, aquela que no ano passado a gente fazia com giz. O zelador este ano pintou. Ainda está faltando a outra risca, mas a do arremesso já tem." A risca que falta é a linha pontilhada do handebol.

"Atenção. Trocando de goleiras." Neste momento uma aluna passa a bola com força para uma colega que não está prestando atenção e a bola bate forte em sua perna, originando o comentário da Professora:

"Prestem atenção. Só passem a bola quando a outra está olhando, senão machuca a companheira, certo?" O exercício continua e as observações também.

"Certo. Muito bom... É isso aí... Na hora do arremesso, vocês lembrem-se do que a gente dizia no ano passado. Olha para um lado e joga no outro. A gente com isso engana o goleiro adversário e faz o gol. Não se esqueçam, certo?"

Como as colunas estão grandes, as meninas ficam algum tempo esperando para participar da ação. Uma delas senta num tronco de madeira, ao lado da quadra e a Professora, chamando-a pelo nome diz:

“Fulana, vamos, ficando em pé. Já tá com preguiça, é?”

“Atenção. Quem joga no gol não deve tentar segurar a bola, mas sim bater ou empurrar a bola para fora.” Essa observação é dirigida às alunas que estão fazendo as vezes de goleiras.

A Professora forma novos grupos, numerando as alunas de 1 a 4 em cada grupo e depois organizando grupos de números um, dos números dois, dos três e dos quatro. Uma aluna encaminha-se para seu novo grupo lentamente e é repreendida.

“Olha aí na retardatária. Vamos, corra.” Também num desses novos grupos a turma está conversando e rindo e recebe o comentário da Professora:

“Onde há conversa e riso não há trabalho.” Os exercícios são os mesmos dos grupos anteriores e a última observação da Professora é:

“Vamos lá, capricha, porque senão depois na hora do jogo não sai nada.” Ela apita encerrando a atividade e indicando 4 meninas para que escolham times recomendando:

“Dois times vão jogar e os outros dois devem ficam trocando passes atrás da quadra.”

Começa o jogo e a Professora fica apitando e orientando nas substituições das reservas. Acontece um gol e a equipe troca de goleira. A Professora comenta:

“Atenção, não é porque fez gol que tem que trocar a goleira. A defesa é que tem que ajudar levantando o braço.” Nesta fase, toda vez que apita interrompendo o jogo, a Professora aproveita para explicar itens da regra do jogo.

É interessante notar que nos jogos, em nenhum momento foi utilizado o passe lateral reverso, durante tanto tempo treinado. Também é importante ressaltar que a Professora deixa o jogo correr sem a excessiva preocupação com detalhes da regra. Após a troca das equipes que estão jogando, a Professora apita encerrando a competição e solicita que as alunas fiquem na metade da quadra. Elas formam 6 colunas, deitam-se e a Professora propõe um relaxamento, todas permanecendo com olhos fechados e em silêncio. A Professora anda entre as alunas, falando baixo, e após uns três minutos encerra a aula.

2º Dia de Observação

Quarta-Feira 14:00hs

As alunas estavam presentes às 14:00hs na frente do portão de entrada da quadra, mas a Professora não compareceu. Elas esperaram até 14:20hs, quando uma resolve ir até a secretaria da escola para saber se havia algum recado. Logo após volta e informa as colegas que a Professora não virá, pois está de licença para tratamento de saúde por uma semana, e elas vão embora.

Na semana seguinte a Professora me informou que esteve imóvel na cama durante 5 dias em consequência de uma distensão muscular sofrida em um jogo de voleibol, por isso não compareceu à escola, e que a secretaria havia esquecido de avisar as alunas desse dia.

3º Dia de Observação

Quarta-Feira 15:40hs 5ª Série
17 alunas 2 aulas 4 bolas de handebol

Alunas sentadas em fila sobre a linha lateral da quadra de voleibol. A Professora realiza a chamada pelos nomes, com a caderneta na mão, assinalando as presenças. Ao término da chamada, divide as alunas em 4 colunas na posição do prolongamento das linhas laterais da quadra de voleibol, indicando onde as alunas devem ficar e coloca uma bola em cada grupo.

“Atenção. Vocês vão batendo a bola até entregar à companheira da frente. Não pode bater a bola alta. É na altura da cintura, certo?” - demonstra. As alunas executam e ao entregar a bola, entram atrás da coluna. As correções são feitas com o movimento corporal da Professora, que chama cada aluna por seu nome.

“Tá bom. Agora é o mesmo exercício, só que não vale andar. É em acelerado. Entendeu, moçada?” Aí ela demonstra em ritmo acelerado e vai fazendo as seguintes observações:

“Vamos mais rápido. Vocês já sabem bater a bola... Tem gente que está fazendo direitinho, ok!... Atenção. Agora vai batendo com a mão direita e volta batendo com a mão esquerda.”

“Agora vocês vão fazer o passe para a colega da frente, até o ou-

tro lado da quadra. Cuidado para não cruzar os pés, senão cai.” Cada grupo agora é dividido em duas colunas, na mesma formação anterior. É executado o passe de peito com deslocamento lateral, demonstrado pela Professora e uma aluna. Duas meninas, as menores, têm dificuldade de executar o movimento. A Professora troca essa dupla, colocando duas meninas maiores com elas. Pouco tempo depois, uma das meninas maiores pergunta se pode voltar à dupla anterior, e a professora responde:

“Daqui a pouco pode. Primeiro vamos deixar as baixinhas mais firmes.”

“Vamos fazer o mesmo exercício que estávamos fazendo, só que de forma mais rápida ainda.” Aqui a Professora forma novos grupos, numerando as alunas de 1 a 4, como já fizera em aulas anteriores.

“Atenção. Agora tem que passar a bola para a companheira da frente, na mão. Após jogar a bola, volta para trás da coluna.” Para esta atividade, a Professora coloca as colunas 4 a 4, de frente, a uma distância de mais ou menos 3 metros e demonstra o exercício. Nessa demonstração ela recomenda atenção especial com o movimento de pulso e de ombro. As principais observações são:

“Vamos lá. Recebe e passa, recebe e passa, sem deixar a bola cair no chão... Vamos lá, sem moleza pessoal... Fulana, você está fazendo um passe e a bola tem que chegar na mão dela... Gente, se a bola vem vindo e vejo que não vem na minha mão, eu tenho que ir em direção dela, certo?...”

“Agora vamos fazer uma competiçõzinha. Vamos ver o grupo que não deixa a bola cair no chão. Atenção, tá valendo.” Nessa competição, a menina menor recebe o passe, mas depois de passar errado duas vezes não executa mais o passe. Ela se limita a receber a bola e dar à outra aluna para que execute o passe.

“Agora vamos fazer um outro joguinho, para ver qual o grupo mais esperto. A gente vai passar a bola bem depressa e contar até 30. Vamos ver quem chega primeiro no 30. Cada um conta o seu passe.” O grupo que tem as “baixinhas”, na primeira vez não conta e na segunda vez chega até o 14 quando os outros já terminaram, o que provoca a reclamação de uma aluna do grupo: *“Dona, aqui a gente vai ser sempre o último.”*

A Professora agora faz 3 turmas (6 colunas, 3 × 3) misturando as “baixinhas” e repete o joguinho.

“Vamos mudar. Quem quer ir ao gol? Vamos fazer arremessos ao gol.” Coloca as três colunas na intermediária da quadra, uma em cada linha lateral da quadra de voleibol e outra no centro e as crianças vão batendo bola até a entrada da área e arremessam ao gol. Após, pegam a bola e entregam à primeira de sua coluna, entrando atrás dessa coluna. Quando esse exercício está se desenvolvendo, a Professora vem em minha direção e comenta:

“Não troco minha profissão por nada deste mundo. Você sabe, eu tenho pedagogia e já fui convidada para assumir a assistência de direção. Mas não aceitei, pois não troco esta liberdade, este sol, por nada. Sabe, eu prefiro trabalhar com esta idade, as alunas de 5ª série, pois acho o trabalho mais gratificante.” Após algum tempo de conversa, ela retorna ao controle da aula.

Agora volta a dividir em 4 colunas, duas frente a cada gol, e prossegue executando arremessos. Depois elabora outra competição, onde os grupos de um lado da quadra indicam um goleiro para o outro lado e vice-versa, devendo ser vencedora a turma que alcançar 10 gols primeiro. Essa competição na realidade termina em 5 a 4, pois os gols demoram a acontecer e as principais recomendações da Professora são:

“Olha de um lado e joga do outro... Chega rápido na área e arremessa rápido... Não dêem tempo para a goleira defender... Olha lá, a outra descobriu que jogando no chão fica mais difícil para a goleira defender. Vamos então tentar jogar no chão...É isso aí... Não pode pisar na risca para arremessar. Assim o gol não vale.”

Dois meninas são indicadas para dividir as equipes para jogar queimada, que é desenvolvida nas riscas da quadra de voleibol. A Professora escolhe uma bola murcha para não machucar as meninas e o jogo é administrado pelas alunas. Mais uma vez a Professora, durante este jogo, vem até onde estou e comenta:

“Incrível, antigamente só davam queimada. Agora, isto está também sendo esquecido. As crianças não sabem nem jogar queimada. Isso significa que os nossos colegas nem queimada dão mais.”

Há algumas dúvidas durante o jogo (se queimou ou não, se vale queimar quando a bola toca primeiro no chão...) que são esclarecidas pela Professora. Às 17:15hs começa a chover e a aula termina com a criançada saindo correndo.

4º Dia de Observação

Quarta-Feira

14:00hs 7ª e 8ª Séries

13 alunas

2 aulas 5 bolas de handebol

Alunas sentadas na quadra e a Professora sentada num tronco de madeira, na lateral de quadra, realiza a chamada pelos nomes, anotando as presenças na caderneta. Algumas alunas conversam e a Professora brinca:

“Hoje estão tocadas, não?” Aí uma aluna chega atrasada e a brincadeira da Professora continua:

“Oi fulana, veio dar a honra de sua presença? Que satisfação!”

“Atenção. Duas de vocês na linha de lá da quadra de volei e uma para cá. Grupos de três alunas, e cada grupo com uma bola. Por enquanto, passando a bola com a mão direita sem deixar cair. Bola de arremesso e não de passe.” - demonstra o exercício.

“Agora, mais perto um pouco. Quero o passe com a mão esquerda. Para isso, tem que colocar a perna direita à frente.” Uma aluna reclama: *“Dona, com esse braço não dá.”*

A Professora fica acompanhando o desenvolvimento da atividade com incentivos às alunas.

“Agora bem lá atrás, na risca preta. Bate a bola no chão, conta 1/2/3 dando as 3 passadas e passa para a colega da frente. Lembrem-se: bola na mão direita, que pé que começa?” - alunas respondem que é pé esquerdo. *“Agora, bola na mão esquerda, que é que começa?”* - a resposta é pé direito.

“Olha, vamos diminuir um pouquinho a força, pois tá fazendo passe e não está arremessando no gol... Agora quero ver esse passe mais rápido, pois vocês estão andando e eu quero ver os 3 passos correndo... Se a menina não estiver olhando não joga, senão vai acertar no rosto...” são as principais recomendações. A Professora observa e corrige os erros, indicando as alunas pelos seus respectivos nomes. Em alguns momentos vai até a aluna que erra e auxilia, do lado dela, na execução das passadas.

“Tá bom. Podem parar. Essas meninas que estão no sol, ficam lá atrás. Atenção. É o mesmo exercício só que joga a bola para o alto, pega na mão, dá as três passadas e executa o passe para a colega da frente.” Agora a distribuição das alunas é no sentido do comprimento da quadra.

Após algum tempo recomenda:

“Vamos tomar cuidado com esses passos. Tem muita gente jogando a bola, pegando e dando 4 passos. No jogo, se isso é feito, o lance é invalidado.” “Atenção. Quem não está conseguindo, faz devagar mas faz certo.” - é a recomendação principal. Nova formação para as alunas. Dois grupos em colunas, nas diagonais da quadra e duas goleiras, e a explicação do exercício:

“Agora vem batendo a bola e ao chegar no centro da quadra, dá as três passadas e arremessa no gol. Quem arremessa fica no gol e a que estava no gol pega a bola e devolve na sua coluna, entrando no final dela. Entenderam?” - o exercício é demonstrado uma vez. As correções dessa fase:

“Atenção. Tem que esperar a menina chegar no gol... Atenção. Se a menina que arremessa for pegar a bola, fica confuso. Quem vai atrás da bola é quem está no gol... Quem está no gol rebate a bola, não tenta segurar... Isso, bela bola, jogou certinho... Tem gente que está jogando no chão e é legal, pois fica mais difícil para a goleira defender.”

A Professora propõe agora arremessos ao gol, com três alunas na defesa tentando impedir os arremessos, trocando essa formação a cada descida para o ataque. As alunas cumprem o determinado.

“Atenção, vocês que estão atacando estão em vantagem, 3 contra 3. Por isso é para sair o arremesso certo. No jogo isto é uma grande coisa, quando se está 3 contra 3, e portanto não tenham tanta pressa para arremessar.”

A atividade parece estar agradável às alunas, pois elas fazem uma espécie de competição entre os trios para ver quem faz o gol. Isto não foi proposto pela Professora.

“Agora o mesmo exercício só que com 4 colunas. Quero que vocês ocupem todo o espaço da largura da quadra para arremessar nas laterais, pois é sempre aí que sobra espaço no jogo.”

“Podem parar e podem ir tomar água.” No regresso das alunas ela determina a escolha de duas equipes, que irão jogar até o final da aula. A Professora controla o tempo das substituições e faz recomendações do tipo:

“Trabalhem mais a bola... Parou. Quero a defesa lá no seu campo e não combatendo aqui no ataque... A defesa eu quero em cima da risca

branca.”

Para encerrar o jogo a Professora apita e desafia as alunas:

“*Correndo aqui. Quem chegar por último é Maria Mole.*” As alunas deitam no chão para um breve relaxamento e a aula é encerrada.

5º Dia de Observação

Quarta-Feira

15:40hs 5ª Série

18 alunas

2 aulas 4 bolas de handebol

Alunas sentadas em fila na risca da lateral da quadra de voleibol e a Professora sentada no tronco da árvore ao lado da quadra. A chamada é realizada pelos números (é a primeira vez que esta Professora age dessa forma). Logo a seguir, distribui as alunas em 4 grupos, no prolongamento das linhas laterais da quadra de voleibol e informa:

“*Atenção. Batendo bola com a mão esquerda na vinda e quando vai bate a bola com a mão direita. Aí entrega a bola para a companheira e entra no final da coluna.*” O exercício se desenvolve e as recomendações são:

“*Vamos lá, mais rápido... Não bata a bola tão alta assim, procurando manter a bola na linha da cintura... Olhando para frente e não para a bola. Olha lá na coluna da frente.*”

“*Atenção. Agora, quando chegar na metade da quadra, dá uma voltinha e continua até entregar a bola para a companheira.*” Os exercícios são sempre demonstrados no início da mudança. As crianças fazem a voltinha, a maioria, andando para trás, para depois continuar andando para frente e batendo a bola.

É proposta nova formação, agora em círculo, com uma aluna no meio.

“*Presta atenção. Eu vou jogar a bola para a coleguinha no centro e vou no lugar dela e assim por diante.*” Essa atividade, no início não sai, mas logo depois se acerta.

“*Vocês perceberam que primeiro eu joga a bola e depois vou correndo atrás dela.*” Algumas meninas ainda saem correndo com a bola na mão.

A Professora separa agora em dois círculos menores e propõe:

“*Vamos lá, rápido. Vamos fazer o mesmo exercício. Vamos ver*

qual a turma que faz mais depressa. É um joguinho que tem que contar até 30. Quem chegar primeiro ganha. Cada vez que passa a bola conta. Está ok?” Na primeira tentativa os dois grupos não chegam ao final, pois há confusão. Depois, o joguinho é realizado por 4 vezes e o círculo formado pelas crianças menores vence 3 vezes. Como prêmio, a Professora diz:

“Esse grupo que ganhou pode ir tomar água primeiro.” As alunas dessa turma saem correndo.

“Agora, 2 colunas na frente de cada gol. Uma bola em cada coluna. Vamos ver agora que turma faz mais gols. Vocês vão batendo a bola até a área e arremessam no gol. Cada turma vai contando seu gol. Quem chegar primeiro a 10 vence.” A Professora demonstra o exercício, escolhe duas goleiras e inicia o joguinho. Quando a primeira turma chega a 10, ela encerra a aula e dispensa as alunas.

6º Dia de Observação

Quarta-Feira

14:00hs

A Professora novamente adoeceu e entrou em licença saúde. O período é longo, pois a escola até já estava providenciando substituta, motivo pelo qual não foi feita a sexta observação.

CAPÍTULO IV

A PERSPECTIVA METODOLÓGICA: ANÁLISE DA ESTRUTURA DO FENÔMENO SITUADO

O MÉTODO

Para interpretar adequadamente os dados coletados e apresentados no Capítulo anterior, necessitamos trazer à luz, para compreensão, os momentos da pesquisa qualitativa do fenômeno situado. Esse momentos são referenciados por Martins(62).

O trabalho desenvolvido tem como intenção o conhecimento do sentido da vida cotidiana do Professor de Educação Física em sua ação na escola. Por sua vez, todo conhecimento do mundo, tanto no senso comum como no científico, supõe construções mentais, sínteses, generalizações, formalizações e idealizações específicas ao nível de organização do pensamento. Portanto, na coleta de dados em pesquisa qualitativa buscando a compreensão do fenômeno situado, o objetivo metodológico principal é a interrogação dos princípios gerais segundo os quais as pessoas organizam as suas experiências na vida cotidiana.

O mundo vivenciado e experienciado pelos sujeitos é um mundo social e cultural, no interior do qual os indivíduos se relacionam de múltiplas formas, em diversos graus de intimidade e de normas. Para fins práticos, de certa maneira, passamos a conhecer suas condutas, seus motivos, suas

escolhas e seus planos, que se originam em suas circunstâncias biograficamente determinadas. No entanto, é apenas em situações particulares, de modo fragmentário, que podemos experimentar os motivos, os objetivos, as expectativas, os valores dos outros, os significados que são atribuídos por eles às suas ações.

Quais os significados que podem ser desvelados na ação do Professor de Educação Física na escola oficial, quando se relaciona com os alunos em situação de aula? Com essa interrogação, submetemos as descrições à análise, em quatro momentos que se expressam da seguinte forma:

A - Leitura e descrição sem buscar, ainda, qualquer interpretação ou sem identificar qualquer atributo ou elemento, a fim de conseguir um sentido geral de todas as proposições.

O sentido do todo prende-se à capacidade de compreender a linguagem do sujeito. Nesta fase o pesquisador lê as descrições quantas vezes sejam necessárias, até familiarizar-se com elas e obter um "insight" sobre o que os sujeitos revelam; é a busca da evidência. Essa leitura, base para o próximo momento quando se farão as identificações das unidades significativas, deverá possuir um sentido que só é explícito ao pesquisador que interroga.

B - No momento em que se conseguiu um sentido do todo, o pesquisador deve voltar ao início e ler novamente o texto, com o fim específico de discriminar "unidades de significado", dentro de uma perspectiva psicológica e focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado.

Aqui, fracionamos o texto em diversas unidades, utilizando para esse fracionamento critérios psicológicos. Portanto, as unidades de significado que surgem como conseqüência da análise são discriminações percebidas nas descrições do sujeito, quando o pesquisador assume uma atitude psicológica diante da descrição e tem a certeza que a descrição é o exemplo do fenômeno que está pesquisando. É importante salientar que a constituição das unidades de significado existe somente em relação à atitude e à disposição do pesquisador, dependendo, em conseqüência, da perspectiva do pesquisador.

Uma observação a mais sobre este momento, para o que recorremos mais uma vez a Martins:

“Isto quer dizer que, na pesquisa qualitativa, se opera com a suposição de que a realidade psicológica não está pronta à mão no mundo e que não pode ser vista simplesmente, mas que precisa ser constituída pelo pesquisador. As unidades de significado também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador.” (63)

C - Ao obter unidades de significado, o pesquisador percorre todas as unidades identificadas e expressa o “insight” psicológico contido nelas mais diretamente. Isto é especificamente verdadeiro para as unidades de significado que são mais reveladoras do fenômeno considerado.

As transformações das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno que se investiga, dão-se, basicamente, através de um procedimento de reflexão e de variação imaginativa. A intenção é chegar a categorias, através das expressões concretas e não por meio de abstrações ou formalizações, que podem ser seletivas de acordo com o critério adotado. Tais transformações são imprescindíveis, pois as descrições ingênuas expressam formas ocultas de realidades múltiplas e o que pretendemos esclarecer são os aspectos psicológicos do acontecimento, em uma radicalidade adequada.

D - Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado transformadas numa proposição consistente referente às experiências do sujeito.

Aqui se dá a síntese das unidades de significado transformadas em proposição ou afirmação consistente da estrutura do fenômeno. Neste último passo, o pesquisador necessita integrar os “insights” contidos nas unidades de significado transformadas, numa descrição consistente da estrutura psicológica do fenômeno. Nesta síntese, todas as unidades de significado transformadas são levadas em conta. A estrutura então é comunicada a outros pesquisadores com a finalidade de confirmação ou de crítica.

Neste Capítulo, cumprimos os primeiros momentos dessa ca-

minhada, quando levantaremos as unidades significativas, concomitantemente com a transformação da descrição ingênua em linguagem psicológica, bem como realizaremos a análise ideográfica, deixando a análise nomotética para o próximo Capítulo. Mas, antes de empreender essa caminhada, afirmamos que estamos conscientes das dificuldades de se conduzir uma pesquisa em psicologia dentro da modalidade fenomenológica, lembrando Martins:

“A Fenomenologia surge como uma Filosofia interessada em estudar os procedimentos conscientes dependentes de objetivos universais, tais como aqueles existentes na Matemática e na Lógica. Inicia-se com a tentativa de descobrir um modo verdadeiramente filosófico de estudar a consciência que era redutível à Psicologia. Mas logo que se inicia a elaboração de uma Filosofia da consciência, fenomenólogos como Husserl e Merleau-Ponty chegaram à constatação de que havia nessa Fenomenologia, essencialmente filosófica, grandes possibilidades para práticas nas Ciências Humanas, especificamente na Psicologia. Essas implicações vêm sendo discutidas por filósofos e por psicólogos, mas a sua prática real ainda está longe de ser executada. Isso se deve, em parte, a dificuldades intrínsecas à Psicologia e, em parte, a outros fatores. Uma Psicologia genuinamente fenomenológica, posta em prática por filósofos e por psicólogos com boa formação, tanto na Psicologia como em Filosofia, ainda não surgiu.”(64)

UNIDADES DE SIGNIFICADO E ANÁLISE IDEOGRÁFICA

O trabalho a ser executado neste item consiste em confrontar as unidades significativas discriminadas com essas mesmas unidades em linguagem psicológica, apreendidas da ação dos quatro Professores de

Educação Física em suas aulas junto aos alunos de 1º e 2º graus, e em seguida realizar a análise ideográfica do discurso.

Para todos os Professores, utilizaremos uma numeração para as unidades significativas, que serão representadas, em primeiro lugar, em impressão normal, por “Unidades Significativas Discriminadas, Expressas na Linguagem do Sujeito”, e logo após, impressas em itálico, as “Unidades Significativas Discriminadas em Linguagem Relevante ao Fenômeno Pesquisado”.

A análise ideográfica aparecerá ao final do levantamento e da transformação das unidades significativas, fechando a interpretação individual de cada sujeito.

Professor 01

- 01) “Vamos lá então. Atenção para a chamada - 6ª série: 1, 2, 3, 4... Número 27: Você não fez exame médico, né? Na próxima aula tem que trazer um atestado de médico particular, porque senão não faz aula e fica com falta.”

Sujeito adverte alunos e impõe silêncio através da ordem “atenção” e realiza o controle de presenças de forma impessoal. Também exige de um aluno um atestado que comprove seu estado de saúde física, ameaçando-o de punição legal.

- 02) “Atenção. Já avisei vocês que não podem chegar atrasados.”

Nova advertência, prevenindo alunos da necessidade do cumprimento do horário estipulado.

- 03) “Já temos aulas duas semanas e tem gente que ainda está sem uniforme. Na próxima semana quero todos com uniforme.”

Enfaticamente, chama atenção dos alunos pela ausência do vestuário confeccionado segundo modelo oficial. A advertência é feita de forma impessoal com ameaça de sanções para a próxima semana.

- 04) “Atenção. De pé. Coluna por dois. Cobrir. Frente para a esquerda. Escola firme! Vão sair em acelerado, devagar, rodeando a quadra, mantendo as duplas.” “Agora correndo nas riscas da quadra de vôleibol, em todas elas, mantendo as duplas.”

Continuam as advertências impessoais e os comandos para que o grupo permaneça imperturbável, rijo e vigoroso. A ação de deslocamento é orientada de forma dúbia: num andamento mais ligeiro e ao mesmo tempo mais lento, mantendo as duplas sempre juntas e no mesmo ritmo, nos traçados da quadra poliesportiva.

- 05) Os alunos cumprem o determinado, mas há confusão no entendimento da ordem junto aos que vão à frente das colunas, ao que o Professor repreende: “Tá dormindo, né?”

Repreende um aluno alegando distração ou descuido. Ele não percebe que suas ordens são contraditórias.

- 06) “Voltando a correr na quadra de vôlei, dando a volta certinha por trás da risca.”

Lembra a necessidade de executar a atividade precisamente, referindo-se a um grupo que já começa, pelo cansaço, a andar ou diminuir o percurso das voltas na quadra.

- 07) “Cansou, né? Também só pensa em comer.”

Indaga se um aluno obeso está fatigado. Antes de qualquer resposta, oferece o diagnóstico para a falta de condição física: o aluno deve passar o tempo todo se alimentando.

- 08) Inicia-se a escolha dos 5 times e um aluno solicita para não jogar, pois não se sente bem. Resposta do Professor: "Pelo menos o primeiro jogo de seu time tem que jogar."

O argumento do aluno não é levado em consideração. A idéia do dever de participar da atividade proposta é imposta, mesmo que na sua forma inicial.

- 09) "Mas que turma mole. Se fosse a 5ª série todo mundo já teria sido escolhido."

Um grupo de estudantes é identificado como sem energia, lento e frouxo. O sujeito afirma, comparativamente, que esses alunos têm uma vivacidade inferior a alunos mais novos.

- 10) Enquanto a aula se desenrola, com jogos após jogos de futebol de salão, o Professor passa o tempo todo preenchendo diários de classe, não se preocupando com o que acontece na aula. Já na competição em quadra, um aluno mais habilidoso, que joga praticamente sozinho, reclama muito dos erros dos companheiros com observações tipo: "É pra fechar a frente, meu. Virou marica agora é, meu." "Alá, vai nele, vamos moleza."

A aula tem como estratégia de desenvolvimento a competição entre equipes. O sujeito está atento ao serviço burocrático de preencher e atualizar diários de classe, descompromissando-se com os alunos e a aula. O rendimento atlético é que comanda as ações e os padrões de julgamento entre os alunos. Alunos menores, na opinião dos colegas

maiores, são considerados medrosos e inaptos para o jogo.

- 11) Dois alunos menores jogam sempre longe de onde a bola está, como se estivessem se escondendo dela. Um deles leva uma bolada no rosto e sente muita dor, mas o Professor nada observa, apesar de comentários dos colegas que estão fora da quadra tipo: “Nossa, meu, que paulada, meu.” Logo a seguir, mais um aluno é atingido por uma bola chutada, desta vez no estômago e fica caído por alguns instantes, mas o jogo prossegue sem providências dos colegas ou do Professor.

Não há sentido de cooperação no desenvolvimento da aula. O objetivo é vencer e os lances que causam constrangimento aos alunos menores são considerados naturais e conseqüências inevitáveis da competição. O Professor continua alheio ao que acontece com os corpos dos seus alunos.

- 12) Ao regressar à quadra, o Professor presencia uma reclamação, aos gritos, do aluno mais habilidoso contra o colega que está arbitrando o jogo, interferindo no assunto com o seguinte comentário: “Fulano, vou ter que mandar você embora? Tá nervoso por que?”

Dirigindo a atividade como um chefe, o sujeito ameaça, aos brados, dispensar um aluno da aula. Indaga, mas não quer saber a resposta, qual a razão da irritação ou da excitação do aluno.

- 13) “Você vê, que trabalho a gente tem. Tenho que pôr em dia todas as cadernetas de todas as turmas até a semana que vem. Isso é uma encheção de saco, mas fazer o que, né?” “A instrução da direção da escola é essa, para preencher um conteúdo qualquer nas cadernetas e atribuir um conceito bom neste bimestre.”

É justificada, ao pesquisador, a razão do preenchimento dos diários de classe durante as aulas, atividade considerada enfiada. Registram-se a frequência, o conceito e o sumário hipotético do conteúdo desenvolvido, para cumprimento da ordem, sem se questionar o mérito dessa ação.

- 14) Estava chovendo e alguns alunos estavam presentes. O Professor não comparece. Fui informado de que, quando chove, o Professor que está na quadra descoberta dispensa os alunos...Em outra oportunidade é comentado pelo Professor: "Você vê que azar o meu. Esta semana que estou na quadra coberta é que chove."

Institucionalizou-se o acordo de que quando chove, não há aulas de Educação Física. Na semana seguinte, o sujeito indaga se consigo reconhecer seu infortúnio, seu revés, pois terá que cumprir com a sua obrigação de ministrar aulas.

- 15) "Atenção. Vamos lá. Formar dois aqui. Maiores à frente. Escola cobrir: Firme. Atenção: 10 voltas ao redor da quadra."

Marcialmente, através de comandos, o sujeito administra as ordens, colocando alunos de corpos mais desenvolvidos à frente, como exemplos a serem seguidos. A ação inicial é de correr em coluna, ao redor da quadra, cumprindo 10 voltas no sentido anti-horário.

- 16) Quando o Professor se retira para buscar a bola de handebol, os alunos começam a "enganar" na corrida, andando e combinando aumentar o número de voltas dadas na contagem. No seu retorno, alguns alunos estão conversando, ao que ele comenta: "Virou banguça, né?"

Alunos, libertos do controle, evitam continuar executando a atividade que não lhes dá prazer. Voltando ao controle, o sujeito identifica a

diferença e pergunta o por quê dos alunos passarem da ordem deixada para a desordem ou confusão daquele momento.

- 17) “Se voltar a bola para o goleiro é pênalti... Cobra a lateral com um pé na quadra e o outro fora... A defesa tem que ficar com o braço levantado... Falta... Lateral... Não pode bater, segurar e bater a bola.”

Em tom imperativo, recapitula as regras do jogo aos alunos e interrompe várias vezes a competição explicando detalhes dos lances, exigindo eficiência. Demonstra pormenores da ação com o movimento de seu próprio corpo.

- 18) Decorridos alguns minutos, o Professor se dirige a um aluno e diz: “Bermudão, marca 10 minutos” e sai da quadra. A partir daí, o jogo fica mais movimentado e lúdico, com os alunos brincando uns com os outros.

Impessoalmente um aluno é determinado para controlar o tempo de jogo. Aí o sujeito se retira do local da aula, fato que modifica o comportamento dos alunos; eles estão mais alegres, brincalhões, criando uma atmosfera de maior participação.

- 19) Através do par ou ímpar é sorteada a equipe que deverá tirar a camisa. Um garoto obeso não retira a camiseta e essa situação, apesar dos protestos do time adversário, persiste até o Professor ordenar: “Ah, que é isso? Pode tirar já a camisa.”

Exprime espanto por sua ordem ainda não haver sido cumprida e determina a um aluno a retirada imediata da camisa.

- 20) O aluno-árbitro assinala uma falta e um jogador cobra a infração rapidamente e faz gol. Os alunos do time adversário reclamam que

não tiveram tempo de providenciar a barreira, ao que o Professor comenta: “Não tem que esperar nada. Quem é vivo é que ganha o jogo. É assim que é para ser, o mundo é dos vivos.”

Afirma que não é necessário, de modo nenhum, presumir que se deva aguardar autorização para o reinício do jogo. Ele reforça a idéia de que para se obter a vitória é necessário ser vivaz, ligeiro, rápido. Fazendo assim, os alunos vencerão na vida.

- 21) Como o jogo é tecnicamente ruim, o Professor comenta: “É duro, heim! Esse joguinho e vocês já estão no colegial, hein!”

Expressa seu descontentamento pela forma que se desenvolve o jogo, criticando a ação dos alunos, principalmente levando em conta que já estão no 2º grau e, portanto, deveriam ser mais habilidosos.

- 22) Ao entrar no ginásio de esportes, os alunos estão brincando uns com os outros, gritando, e o Professor grita: “Hei, começou a bagunça, é? Vai todo mundo embora já, já.”

Chama a atenção dos alunos por entender que a alegria do jogo é desordem. Intimida todos os alunos de punição imediata, caso não alterem seu comportamento.

- 23) “Atenção. Quero corrida sem bagunça, direitinho, sem essa de um querer passar pelo outro. Quero ordem certa. Se for bagunçado ou solecado, da próxima vez vamos correr até o Jupuíá, vocês vão ver.”

Impõe silêncio e determina uma corrida em ordem dentro dos padrões habitualmente exigidos. Exige a ação dos alunos numa disposição metódica, pré-estabelecida e condiciona essa disciplina à regra com penalidades aos infratores, na forma de um esforço físico

estressante.

- 24) “Na aula passada, quinta-feira, nós já havíamos combinado que não haveria aula. Eu então não vim. Mas alguns de vocês apareceram e ficaram perturbando aqui, inclusive soube que soltaram uma bomba aqui no ginásio. Resultado: vieram me encher o saco. Isso não pode acontecer. Quando a gente combina as coisas isso tem que ser cumprido. Espero que isso não aconteça de novo.”

Sujeito lamenta o não cumprimento do pacto feito anteriormente, do não comparecimento às aulas. Lembra que ele cumpriu sua parte, mas alguns alunos não e compareceram para provocar desordem. Como consequência, ele foi instado a dar satisfações, o que lhe causou aborrecimento. Esse fato é inconcebível, pois quando pessoas pactuam interesses, isto deve ser cumprido.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - Professor 01

Qual o retrato perspectival que se pode fazer da ideologia que permeia as ações e as descrições deste Professor?

Vemos que ele possui atitudes formais e autoritárias que dificilmente conduzem a um ato educativo. Em vários momentos a preocupação central, através de imposições, é a manutenção do autoritarismo, desde argumentos, como os apresentados em relação ao uniforme, até a própria visão da Educação Física no trabalho com padrões fixos, no cumprimento mecânico e rigoroso, sem questionamentos, de ordens estabelecidas. (Itens 1, 2, 3, 4, 6, 15, 19, 23).

O corpo do aluno é visto como um objeto que deve ser melhorado em sua utilidade, e, em muitas situações de aula, ele é ridicularizado através de comparações depreciativas. Esse corpo, na visão do Professor, deve estar sujeito à ordem disciplinadora imposta e receber punição quando ousar afrontar o estabelecido pelas regras. (Itens 5, 7, 8, 9, 10, 18, 22, 23).

A forma preferencial de desenvolvimento da aula é através de competições, onde o rendimento atlético e a observância aos preceitos legais são destacados como fins em si mesmos. (Itens 17, 20, 21).

É interessante observar que, em vários encontros, a atividade burocrática, como preencher cadernetas, torna-se central e a ação de aula ou o cuidado com os alunos passam a ser atividades problemáticas, que de certa forma, impedem a eficiência burocrática. Assim, evidencia-se mais uma vez a importância do formalismo e do controle na visão desse Professor. O conceito de planejamento demonstrado é o de técnica formal, onde objetivos, conteúdos e estratégias são referenciados e registrados adequadamente, sem no entanto haver a reflexão do por quê, para que, em função de quem se realiza e se desenvolve esse planejamento. (Itens 10, 11, 13).

Outro pormenor observado é a ausência, nas atitudes do Professor, e por conseguinte na ação dos alunos, de qualquer sentido de ajuda ou cooperação na prática das aulas. O que se vê é a exacerbação do individualismo, do rendimento técnico, onde o objetivo é vencer, mesmo que para isso haja constrangimento aos outros alunos. (Itens 10, 11, 12, 20).

Foi também revelado pelo sujeito aquilo que poderíamos caracterizar como a antítese de sua profissão, quando indaga se consigo reconhecer seu infortúnio, pois não está chovendo e terá que dar aulas. Esse desprazer se revela em várias oportunidades no trato com os alunos, a ponto de se observar que nos momentos em que o Professor se ausenta da aula, há o restabelecimento da ludicidade e do prazer do jogo. (Itens 14, 16, 18, 22).

Enfim, determinismo, burocratismo, autoritarismo, individualismo, rendimento atlético, ordem, desprazer, descompromisso com a ação educativa, valorização da "filosofia do levar vantagem" e até cumplicidade (tanto nas ausências por ocasião das chuvas quanto nas combinações anteriores do não comparecimento às aulas), são valores presentes no cotidiano do Professor em sua relação com os alunos. (Itens 1, 10, 13, 14, 20, 21, 24).

Professor 02

01) "Bom, hoje é nosso primeiro dia de aula, por isso vou dar alguns

avisos importantes e mostrar o que pretendo fazer, bem como revelar qual é a minha forma de trabalho. Como eu sou o Professor de vocês, quero que vocês me vejam mais como um amigo do que como Professor. Também quero que vocês vejam que a Educação Física é importante porque trabalha a saúde e a higiene.”

O sujeito, iniciando o diálogo com as alunas, nesta que é a primeira oportunidade, procura adverti-las para o que é essencial na sua forma de ver o processo da aula, deixando claro seus desejos e seu jeito de ser no trabalho. Espera que as alunas o considerem um ser simpático, protetor, colega e que elas tenham o conhecimento de que Educação Física é fundamental em razão de ocupar-se com as funções orgânicas, com a conservação da saúde e com o asseio.

- 02) “É necessário estabelecer algumas regras importantes neste início de atividades. Lembro a vocês que o uniforme é calção vermelho, camiseta do colégio, tênis de qualquer cor e uso de meias.” “De hoje até daqui 15 dias, quem não estiver uniformizada não faz aula e vai ficar com falta.”

Afirma ser indispensável a determinação de uma fórmula que indique o modo correto de falar, pensar e agir em aula de Educação Física, bem como o padrão do vestuário. Estabelece um prazo para as alunas se enquadrarem no padrão, ameaçando com punição as que não seguirem o imposto.

- 03) Algumas alunas reclamam do uso da meia, ao que o Professor argumenta: “Eu também não gosto de algumas coisas na vida, mas tenho que fazer assim mesmo. Como Educação Física é higiene, o uso de meia revela essa higiene, pois o pé não fica em contato com a areia, terra, etc..., formando aquela situação anti-higiênica. Portanto, a utilização de meias nas aulas de Educação Física é a mesma higiene que escovar os dentes, lavar o rosto de manhã ou como as mães de vocês limpando os pratos e panelas. Com essa ação higiênica, vocês

não pegam o 'pé de atleta', que são aquelas cascas de peles nos pés. Agora, se vocês, fora da aula de Educação Física não quiserem usar meias, o problema não é meu. Mas continuo achando anti-estético."

As alunas reivindicam a possibilidade da não utilização de parte do uniforme nas aulas. O sujeito retruca argumentando que ele, da mesma forma, não sente prazer com algumas coisas em sua existência, mas tem, ainda assim, que se submeter a elas. Enfatiza a necessidade das meias em aula porque elas auxiliam na conservação da saúde e asseio. Associa o uso de meias ao mesmo asseio de escovar os dentes ou se alimentar através de utensílios bem lavados. As meias, portanto, têm caráter de prevenção contra males que possam prejudicar a saúde. Ressalva que se as alunas persistirem em não usar meias, fora da aula de Educação Física, aí a questão já não lhe pertence, mesmo considerando esse hábito desprovido de características de beleza.

- 04) "Outra regra importante a ser decidida neste início, é com respeito à disciplina. Todos nós temos nosso dia disciplinado. Temos disciplina na hora de levantar, na hora de chegar na aula, na hora de almoçar, na hora de dormir, o dia inteiro. Por isso a disciplina é importante, o que acontece também na Educação Física. Por exemplo, no vôlei, existem 3 na frente e 3 atrás, e se não for jogado assim vira bagunça, vira indisciplina. Por exemplo, se uma aluna começar a jogar no lugar da outra, o time perde. Essa disciplina não é punida pelo juiz, mas é uma indisciplina tática. Por isso, é importante na Educação Física a disciplina. Ainda no vôlei, se a gente ensina dar toque por cima flexionando as pernas e a aluna não faz isso, é indisciplina que no jogo vai refletir a perda, porque o juiz dá dois toques, prejudicando o time. Também aqui nas aulas, vamos ter disciplina para separar os times, não colocando só gente alta num time e baixa no outro, por exemplo."

Outra determinação essencial é o estabelecimento de uma fórmula correta para padronizar o comportamento dos alunos, obedecendo ao

princípio da ordem que convém ao bom funcionamento da aula. O sujeito lembra que as pessoas possuem seu dia-a-dia dentro da observância de preceitos ou normas estabelecidas. Conclui, após alguns exemplos, que é essencial ser disciplinado, pois a vida assim o exige e transpõe a argumentação para a área da Educação Física. Afirma que num jogo de voleibol, se o princípio da ordem estabelecida não for respeitado, aparece a baderna e a anarquia, transformando-se em desobediência. Deixa clara a importância de normas estabelecidas e do respeito ao regime de ordem que convém ao funcionamento da Educação Física Escolar, prevenindo que a ausência disto leva ao fracasso, ao deixar de vencer, à derrota enfim.

- 05) “Já que estamos falando em ordem, vou pedir uma coisa que, a partir de hoje, fica valendo. Do jeito que vocês estão sentadas aqui, eu preciso me virar para esquerda e para direita pra falar com vocês. Por isso, nós vamos melhorar essa distribuição e também porque se chegar alguém aqui e vê isso, dá idéia de bagunça, de falta de organização.”

Determina que, a partir desta aula, passa a vigorar uma forma de dispor as alunas na quadra, justificada no aperfeiçoamento dessa disposição, para não dar ao espectador que se aproxima a idéia de baderna ou desarranjo que transparece na atual formação.

- 06) “Olha, agora vou mostrar pra vocês como é uma formação organizada. Sempre que eu for iniciar as aulas, de hoje em diante, quero que vocês estejam nesta formação que vou ensinar. Quero as menores à frente, em coluna por quatro, por exemplo, onde a menina da frente, coluna da esquerda, levantará o braço esquerdo na vertical e se diz base. A partir dela, as demais cobrem, com o braço esquerdo, sendo que as da frente estendem o braço à lateral e as que estão atrás estendem o braço no ombro da colega da frente.” Aí o processo é demonstrado.

Chama a atenção das alunas e dá a conhecer, falando e demonstrando corporalmente, sua visão de como é que elas devem se ordenar ou se arranjar em linha adequadamente, em todo início de aula. Após as explicações, pratica os conceitos com as alunas.

- 07) “Também vocês vão obedecer aos comandos: Escola cobrir. Escola firme.”

Informa que as alunas deverão cumprir as ordens, dadas de forma impessoal, mantendo-se imperturbáveis, rijas e vigorosas, tal qual na formação militar.

- 08) “Vocês não acham que esta distribuição está melhor que a que vocês estavam?” Antes de qualquer resposta, pede às alunas para sentarem e anda entre elas para comprovar que a distribuição é melhor. “ Vocês vêem, agora eu posso passar entre vocês, pois vocês estão organizadas e disciplinadas. Aí o trabalho rende mais e melhor.”

Faz uma pergunta para fortalecer sua idéia e não para ser respondida. Aí percorre o espaço deixado entre as alunas e conclui que esta nova e melhor distribuição é conseqüência da disposição metódica imposta por ele. Nessas condições, a atividade nas aulas para realização das tarefas será mais vantajosa e útil.

- 09) “Vou utilizar com vocês uma metodologia de ensino de prática de esportes, começando pelo vôlei, que vocês sabem mais.” “Meu método de trabalho é o de incentivar para os esportes.” “Bem, já que a maioria joga vôlei, vou começar pelo vôlei e depois passarei por outros esportes. Vocês já estão na 8ª série e devem sair do 1º grau com o conhecimento e a bagagem em todos os esportes. Portanto, esta será a metodologia aplicada.”

Revela a intenção de lançar mão de uma técnica de ensino que privilegie o hábito do treinamento desportivo e o hábito de exercícios praticados com método, principiando pelo voleibol que é o esporte em que as alunas dominam o maior número de conhecimentos técnicos. Justifica essa ação pela necessidade de os alunos possuírem esse conhecimento até o término do 1ª grau.

- 10) “É importante lembrar que quando vocês fizerem os exercícios aqui, vocês devem fazer sem cansar demais, para não aparecer amanhã dores musculares. Mas não cansar demais não é levar a aula na moleza, né?”

Sujeito faz uma observação dúbia. Primeiro adverte que as alunas têm o dever de não se fatigarem na atividade física, para não surgir o sofrimento físico. Segundo, lembra que a não fadiga não é sinônimo de realizar aulas sem empenho, sem energia, de forma apática.

- 11) O Professor solicita que as alunas corram para o aquecimento, partindo da coluna da esquerda, em coluna por um, no sentido anti-horário. Após, comanda variações: “Vamos lá. Correndo normalmente. Agora batendo palmas quando o pé toca no solo. Vamos lá.”

É comandada a ação de correr ao redor da quadra, uma aluna atrás da outra, no sentido anti-horário. Sempre através de novos comandos rígidos, são executadas variações dessa ação mecânica.

- 12) “Pode andar e aproveitem para puxar o ar inspirando profundamente pelo nariz e expirando pela boca. Isto é importante para o coraçãozinho voltar ao lugar.”...“Na corrida normal, aproveitem e respirem muito mais pelo nariz e soltem pela boca.”

Através de explicações esdrúxulas, o sujeito recomenda que as alunas tirem vantagem dessa situação mais cômoda, sem correr, para con-

seguir a oxigenação necessária para a volta do organismo ao estado normal.

- 13) Professor separa uma dupla e diz: “Agora vocês duas vão correr e pegar quem vocês conseguirem, e à medida em que forem pegando alguém, irão aumentando essa corrente. Atenção: não vale desfazer a corrente para pegar as outras colegas. Todo mundo pode começar a correr, só na quadra de basquete. Vamos lá.” No final, três alunas não são pegadas e o Professor solicita uma salva de palmas a elas. Poucas aplaudem.

Agora comanda um jogo de pegador, estabelecendo todas as regras e formalizando a atividade. No final, valoriza as alunas que mais rendem, as mais aptas, exigindo que as menos aptas aprovelem e reverenciem as mais aptas.

- 14) “Atenção. Vamos fazer o seguinte: coloquem as mãos na cabeça e andem até o meio da quadra no passo agachado.” Várias alunas caem ou andam de joelhos ou ainda se levantam antes do meio da quadra, ao que o Professor observa: “É preciso andar certo até o meio da quadra. Algumas de vocês já causaram a indisciplina e a desordem.”

Adverte e propõe novo exercício de grande complexidade para as alunas. Estas realizam a atividade com grande dificuldade, cometendo erros, e o Professor interpreta essa atitude como desrespeito a sua proposta, como desobediência, como início de baderna ou anarquia.

- 15) “Vamos fazer agora um exercício que vai doer, mas é necessário, pois é para a barriga, onde não tem ossos nem costelas. Esse exercício é para os músculos da barriga, para segurar as vísceras.”

As alunas são alertadas no sentido de que a atividade ora proposta provocará sensação dolorosa e causará sofrimento, mas que ela é essencial para impedir a queda dos intestinos.

- 16) “Vamos mais uma vezinha?” O Professor pergunta. Apesar dos protestos, conta novamente até 10, de forma lenta.

A atividade física é repetida, num ritmo bem lento, administrado pelo sujeito, apesar dos protestos das alunas.

- 17) “Atenção para o novo exercício. Vocês vão deitar e executar o abdominal, durante 10 vezes, mantendo o ritmo da minha contagem.”

Sujeito alerta para a mudança da atividade, que deverá ser cumprida segundo o ritmo imposto por sua vontade.

- 18) Uma aluna baixa, magra e a única de óculos da turma, passa toda a aula sem jogar, anotando no chão os pontos das equipes que jogam. Interessante observar sua reação: todas as vezes que uma bola vem em sua direção, mesmo de forma lenta, ela sai de seu lugar até que outra aluna pegue a bola, após o que volta ao seu lugar. Em muitas oportunidades esse fato se repete, com essa aluna saindo correndo e após retornando lentamente ao seu canto, mas o Professor não observa o acontecido.

Uma aluna de pequena estatura e de pequeno volume corporal consome o tempo de aula anotando pontos das equipes que jogam. O comportamento dessa aluna prende nossa atenção; quando a bola vem para o seu lado, mesmo fracamente, ela se afasta de seu assento e só regressa após uma colega apanhar a bola. Em várias ocasiões esse acontecimento é repetido, mas o sujeito não atenta para essa ocorrência.

- 19) Com a saída do Professor, as alunas se manifestam na conquista do ponto com gritos e palmas, o que não acontecia na presença do mesmo. Também vão gritando umas com as outras para ir ao encontro da bola. O ambiente, parece, fica com nova feição, mais alegre.

As alunas, libertas do controle, tornam pública sua alegria, o que não ocorria diante do sujeito. Da mesma forma, soltam gritos alertando as colegas para o jogo. O recinto dá ares de mudança, havendo contentamento entre as alunas.

- 20) “Lembro que a disciplina é importante, como vocês vêem nos desfiles, se marcha durinho, direitinho. Isto é disciplina.” “No basquete, por exemplo, quando o Professor diz para jogar a bola com uma só mão e para uma determinada companheira, é isso que deve ser feito, senão nós perdemos a bola e o jogo.”

Mostra que é essencial ser disciplinado, pois assim se adquire o garbo dos desfiles militares. Outro exemplo da importância do ser disciplinado é relacionado com o basquete. A obediência disciplinada garante a vitória.

- 21) “Atenção, vamos fazer o exercício em 4 tempos. Flexionar o tronco à frente e tocar as mãos no chão 3 vezes, à frente, no meio das pernas e atrás das pernas.” “Mãos no quadril, pernas em afastamento lateral, exercício de insistência lateral à esquerda 3 tempos e à direita 3 tempos.” “Atenção, parou. Vocês não estão seguindo o ritmo. Façam o exercício e contem comigo. Agora, começar: 1, 2, 3, 4...”

O sujeito continua com advertências impessoais para a execução das atividades físicas bem definidas, segundo seu padrão de excelência, chamando a atenção quando o modelo não é seguido.

- 22) Todos os exercícios obedecem ao ritmo do Professor, que conta in-

sistentemente: "1, 2, 3, 4 ... 1, 2, 3, 4..."

As atividades físicas estão sujeitas à vontade e ao padrão de movimento imposto pelo sujeito.

- 23) No último exercício, enquanto o Professor demonstra o mesmo, uma aluna o executa de forma jocosa bem atrás do mestre.

Uma aluna reage à ação do sujeito, sem que este perceba, cumprindo sua atividade física de um modo que provoca risos nas colegas.

- 24) Nomeadas 3 alunas, estas começam a dividir as equipes. No processo de escolha, as alunas menores são as últimas a serem escolhidas. Duas equipes jogam e a terceira é orientada a executar o toque por cima no fundo da quadra. O jogo começa e o Professor aproveita a oportunidade para ir beber água.

Ordena que 3 alunas realizem as escolhas das equipes. Privilegiam-se aí os aspectos performance e tamanho corporal. Determinam-se quais as equipes que vão iniciar a atividade física e esta se inicia, propiciando ao sujeito tirar vantagem para se ausentar.

- 25) "Você sabe que é mais fácil trabalhar com as meninas do que com os meninos? Elas não afrontam, não são tão metidas, são mais tranquilas que os meninos."

Indaga se consigo reconhecer a maior vantagem de se dar aulas para meninas. Elas não incomodam ou perturbam tanto quanto os meninos, pois são mais calmas e ordeiras.

- 26) A aula se inicia em acelerado, coluna por um, correndo em volta da quadra descoberta, no sentido anti-horário e quando algumas alunas

começam a conversar o Professor repreende: “Vai lá gente, sem brincadeira, sem papo. Vocês já chegaram atrasadas e ainda começam a brincar. Tá vendo, vocês não fazem direitinho e quando a gente leva vocês para a ginástica vocês ainda reclamam.”

Administra as ordens que orientam as alunas, inicialmente, a uma atividade de corrida em coluna, ao redor da quadra, no sentido anti-horário, repreendendo o diálogo, pois isso desorganiza e faz cair o rendimento da atividade física. Adverte que se a ordem não for cumprida o castigo será a execução de exercícios ginásticos que causam desprazer.

- 27) “Viu como vocês conseguem fazer sozinhas? Só quero que contem alto para manter o ritmo e o grupo bem unido.”

Sujeito mostra que as alunas não necessitam de assistência para a realização da atividade proposta, mas adverte para a manutenção uníssona da execução.

- 28) “Vamos procurar dar o toque, procurando não deixar a bola cair e voltar rapidamente para o final da coluna.” “Atenção, se a bola vier ruim, segura a bola e toca direitinho na mão da colega da frente. É preferível dar o toque direitinho na mão da colega, que jogar a bola longe.” “Atenção, pra colega pegar a bola é preciso jogar a bola pra cima. A bola tem que ser tocada acima da cabeça. Vamos caprichar, flexionando a perna. Vamos lá!” Toda a orientação do Professor é para o toque correto, demonstrado por ele sempre que um grupo erra e a bola cai no chão.

É exigida a perfeição e a rapidez na execução da atividade física proposta. Adverte que é preferível a execução correta, mesmo que isto signifique iniciar novamente a jogada. O sujeito fornece, a seguir, detalhes da posição e ação corporal para se conseguir essa perfeição.

- 29) “Você aí que é grande, dá um saque aí.” “Vocês viram, a bola veio mas o saque foi fraco. No vôlei, o saque deve cair na quadra adversária. Se existir uma jogadora ruim na outra equipe é nela que vamos jogar. Por isso vamos treinar dar o saque no lugar que a gente quer.”

Procurando demonstrar o perfeito, indica uma aluna dentro desse padrão para executar o saque. Adverte para a importância de se treinar saque, pois ele, colocado na adversária mais fraca, garante o sucesso e a vitória.

- 30) Para encerrar a aula, o Professor reúne as alunas mais uma vez e ratifica a importância do saque dirigido com a argumentação que se segue: “Vocês vêm a importância do saque dirigido? Com ele nós ganhamos o jogo. Nós vamos treinar isso com vocês e pretendo avaliar vocês assim: coloco 4 meninas do outro lado e peço para vocês darem 4 saques, um em cada menina. Aí dou a nota.” Após essa informação, encerra a aula.

Revela às alunas seu processo de avaliação para esta fase do programa. Essa avaliação também está baseada na performance e na precisão. Justifica esse critério pela importância de se vencer em um jogo.

- 31) O Professor senta-se à mesa para a tarefa de atualizar suas cadernetas. No final da aula ele comenta com o pesquisador: “Você vê a nossa situação. Tenho que preencher caderneta desde fevereiro, quando as aulas começaram faz 15 dias. Tenho que dar conceitos a alunos que ainda nunca vi. O que faço: vejo com as alunas sobre esta ou aquela que não compareceu. Se elas dizem que não vem mais, coloco ‘E’ e faltas. Mas as que dão dúvida, coloco ‘C’ e algumas

faltas apenas. Você vê que burocracia temos de inventar e é ruim porque pode ser que eu coloque presença e conceito para uma aluna que em todas as outras disciplinas já não vem mais.”

Por imposição administrativa, o sujeito privilegia aspectos burocráticos de sua função de Professor e revela ao pesquisador todo seu conflito, não com o princípio em si, mas com a possibilidade de executar essa atividade de forma inadequada. Ele cria até um sistema mais “confiável” para evitar erros maiores.

- 32) “Hoje eu tenho um serviço para fazer, então vocês vão jogar à vontade. Vamos dividir vocês em equipes para vocês brincarem, procurando dar os três toques que já aprenderam.” Não sai jogo. Dificilmente a bola do saque ultrapassa a rede e quando passa, raramente ela é devolvida. As observações do Professor na tentativa de concretizar o jogo são: “Aí, força... Flexiona o tronco e balance o braço... Vocês erram porque não prestam atenção. O saque não é questão de ter força e sim de caparichar mais.”

Novamente o sujeito está às voltas com as questões burocráticas, que não podem ser atendidas pela “incapacidade” das alunas. Tentando melhorar a produção, ele primeiro incentiva as alunas, para após reclamar do insucesso, concluindo que isto ocorre porque elas não se aplicam às suas instruções.

- 33) Como o Professor não pode fazer seu “serviço” anunciado no início da aula, dispensa as alunas mais cedo para poder executar o preenchimento de suas cadernetas.

Como a preocupação latente do sujeito é com a necessidade das anotações em diários de classe, ele prescinde do convívio das alunas em ação de aula.

- 34) Está chovendo; 7 alunas comparecem mas o Professor não. Neste mesmo dia, na parte da tarde, encontro com o Professor e ele faz o seguinte comentário: “Estou com sorte hoje, pois tenho um tempinho livre por causa da chuva.”

Também aqui está institucionalizado o acordo de que quando chove não há aula. Mais tarde o sujeito revela a sua felicidade em não cumprir cum sua função principal, graças ao tempo chuvoso.

- 35) Não está chovendo, mas a quadra está molhada da chuva da noite anterior. As alunas chegam e o Professor informa: “Não vai haver aula hoje porque a quadra está molhada e perigosa para vocês, pois vocês podem se machucar, e além do mais estraga a bola. Eu não vou fazer chamada e aquelas que quiserem podem ir embora. Agora, se alguém quiser jogar, pode pegar a bola lá no quartinho. “Algumas alunas vão embora, mas um grupo de 8 meninas prefere ficar. Vão com o Professor à sala de materiais e pegam duas bolas e um rodinho para enxugar a quadra. O Professor vai tomar café e as alunas ficam brincando. Quando ele volta, uma das alunas mostra a blusa toda suja pela bola e o Professor comenta: “Eu avisei a vocês que não dava pra jogar, mas vocês são teimosas. Agora essa sujeira não é problema meu. Eu bem que avisei que não dava.”

O sujeito, alegando falta de condições para aula, dispensa as alunas. No entanto, ao mesmo tempo, permite que alunas exerçam atividade física no tempo da aula, mas não se responsabilizando por isso. As contradições continuam: não ministra aula, mas oferece material didático às alunas para que participem da aula. No final ainda rotula as alunas persistentes de teimosas, obstinadas, justificando sua decisão de não ministrar aula para não emporcalhar as alunas.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - Professor 02

Ações e reações deste Professor são atitudes formais e autoritárias, numa relação impessoal com as alunas, mesmo havendo afirmado no início de suas aulas que esperava das alunas ser reconhecido como um amigo, mais como um colega do que como um Professor. (Itens 7, 11, 13, 21, 22, 26).

Na gênese de seu relacionamento com as alunas, procura determinar regras precisas de conduta nas aulas de Educação Física, normas essas que deveriam ser válidas para todo o tempo. Fornece, além disso, uma série de conceitos dentre os quais destacamos: a). Educação Física tem por finalidade melhorar as funções orgânicas do corpo, acarretando, conseqüentemente, aquisição e conservação da saúde, bem como a valorização e desenvolvimento de hábitos higiênicos; b). Educação Física é eficiente quando está debaixo do princípio de ordem, entendida essa ordem como sinônimo da observância de preceitos ou normas pré-estabelecidas pelo Professor em aula; c). Educação Física deve ser trabalhada de forma disciplinada, através da prática desportiva, pois assim agindo estaremos chegando à vitória e derrotando os adversários; o professor chega, inclusive, em várias oportunidades, a sugerir a exploração do mais fraco para se chegar ao sucesso; d). Educação Física é aprimorada pela repetição ou hábito do treinamento físico praticado com "método", num ritmo padronizado, devem haver punições para aquelas alunas que não se enquadram no modelo. (Itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 14, 20, 25).

Em alguns momentos o Professor alerta para a realização de atividades físicas que causam constrangimento e dor, mas justifica essa ação em nome da perfeição da estética corporal. (Itens 10, 11, 12, 15).

Nesta situação também identificamos a "filosofia do levar vantagem", justificada em função da essencialidade da vitória. Agora, o que mais chamou a nossa atenção foi a forma pela qual o Professor vê o corpo das alunas; sua ótica está na estética perfeita, do corpo atlético, não fazendo parte de suas preocupações o corpo de dimensões menores. Esse corpo-objeto incapaz, deve, se possível, não atrapalhar a ação do desenvolvimento dos corpos capazes. (Itens 3, 4, 8, 12, 18, 20, 24, 25, 28, 29, 30).

Na descrição dos exercícios, na demonstração das ações e nas

correções dos erros, são exigidas a perfeição do movimento e a rapidez na execução da atividade física, sempre num ritmo padronizado e imposto pelo Professor. (Itens 14, 16, 17, 21, 22, 26, 27).

Tal qual o retrato perspectival do Professor mencionado anteriormente, vemos: a). a ação burocrática, muitas vezes, como o objetivo principal de seu trabalho, chegando a dispensar os alunos de aulas para atingir esse fim; b). o conteúdo da Educação Física escravizado às condições atmosféricas; c) o desprazer no exercício de sua profissão, revelado em alguns momentos, quando preferia estar livre para exercer outras atividades. (Itens 25, 31, 32, 33, 34, 35).

Melhoria da saúde, com bons hábitos higiênicos; eficiência na prática desportiva, visando derrotar os adversários mais fracos ou desprevenidos, através da ordem, da disciplina e do ritmo padronizado; situações administrativas e atmosféricas precedendo ao desenvolvimento do conteúdo em Educação Física e o sentido do desprazer são presenças irrefutáveis na relação entre Professor e Alunos nas aulas de Educação Física presenciadas. (Itens 19, 23).

Professor 03

- 01) Professor chama os alunos da 6ª Série junto à sala de materiais e faz a chamada pelos números "1, 2, 3..." e após ordena que corram em volta da quadra no sentido anti-horário. Em cada canto da quadra determina uma estação de exercícios, a saber: 1) polichinelo; 2) flexão e extensão de braços; 3) abdominal, deitado em decúbito dorsal e pernas estendidas e 4) novamente polichinelo.

Sujeito realiza o controle da presença dos alunos de forma impessoal e ordena o deslocamento acelerado na forma habitual e determina a execução de exercícios em pequenos grupos nas extremidades da quadra.

- 02) "Agora vocês vão fazer o seguinte: corram meia quadra e andem na outra metade da volta." É mantida a formação em coluna por

um, e quando os alunos andam ou começam a conversar o professor reage com o comentário: "Sem conversa, senão vamos direto para a ginástica."

Modificam-se as ordens sem diminuir a intensidade dos exercícios. Alunos começam a trocar informações sendo contestados pelo sujeito com a ameaça de realização de exercícios físicos fatigantes.

- 03) Alunos divididos em dois círculos, um com a bola de handebol e outro com a bola de basquete. Professor demonstra exercícios e faz recomendações: "Agora vocês vão fazer o passe de ombro." "Tem gente passando a bola muito mole." "Flexiona o tronco para o passe; tem que dar um passo a frente para o passe." "Olha para o pé para ver se está certo."

Nova formação para outras atividades físicas, demonstradas pelo sujeito e com recomendações de: praticar o passe de ombro; observar a existência de alunos que estão executando a atividade de forma lenta, frouxa, sem energia; corrigir os detalhes corporais para o acerto do passe.

- 04) Professor segura as bolas e indica 3 alunos para a escolha das equipes e decide qual time vai ficar de fora. Após, determina a uma equipe que tire a camisa. Dois alunos tiram parcialmente as camisas e o Professor ordena a retirada completa com o seguinte comentário, que provoca risos entre as crianças: "Os meninos não querem mostrar os peitinhos, é?"

É comandada a separação dos alunos em 3 grupos e determinado o grupo que irá esperar para jogar. O sujeito ordena aos alunos de uma equipe que se dispam das camisetas, o que constrange dois alunos. Esse constrangimento é ridicularizado perante os colegas, com o sujeito impelindo os dois garotos a se despirem de suas camisetas.

- 05) “Hoje vamos jogar handebol. Relembrando as principais regras: a área é só do goleiro e se a defesa entrar nela é pênalti. Ao cobrar a falta, não pode com a bola andando, como vimos na aula passada.”

É determinada a prática de handebol, com recapitulações da regra do jogo.

- 06) “Atenção. Você e você devem marcar na frente da defesa” - aponta para 2 alunos da equipe sem camisa. “E você deve marcar na frente” - recomenda para um aluno da equipe com camisa. “O resto de vocês, os mais altos devem ficar na marcação no meio da defesa enquanto os mais baixos devem marcar na lateral. Entenderam?”

Alguns alunos são advertidos para que não dêem liberdade aos adversários, com o sujeito indicando os locais de resistência aos ataques da equipe oponente. Aos alunos remanescentes, ordena que os de porte atlético protejam o gol postando-se no centro da quadra e que os de pequena estatura realizem essa missão nas laterais da quadra.

- 07) “Fulano, perca a mania de ficar batendo a bola e passe. Levante a cabeça e passe... Parou, parou. Eu não disse para marcar na sua quadra?”

Dirigindo-se a um aluno recomenda que este fique privado do hábito prejudicial de manipular a bola e, olhando os companheiros, arremesse a bola em direção deles. Outra vez suspende o jogo para posicionar os alunos na marcação correta.

- 08) Uma das equipes consegue um gol e o Professor comenta: “Viu, a culpa é de vocês que não fazem a barreira no lugar certo. Aí leva o gol mesmo.”

O sucesso de uma equipe em conseguir o gol é referenciado pelo Professor em crítica à equipe que sofreu o gol, acusando seus componentes de conduta negligente na construção do obstáculo ao gol.

- 09) “Atenção, na cobrança da falta quero os braços erguidos. Já avisei que não pode levar bolada no rosto e no escroto, né? Se isso acontecer o juiz apita falta e desclassifica quem fez o arremesso. Portanto, braços erguidos bem acima da cabeça, entenderam?”

Sujeito adverte os alunos sobre a proibição de arremessar a bola na direção de partes sensíveis do corpo, motivo pelo qual os alunos devem perder o receio e levantar os braços para dificultar a ação de jogo da equipe adversária.

- 10) “Brigaram, né? Pois eu vou cumprir a lei do jogo em vocês. Dois minutos para fora.”

O combate entre 2 alunos é identificado e penalizado com a aplicação legal.

- 11) “Atenção. Vou colocar uma nova regra. Agora não pode mais bater a bola. Só vale bater a bola na hora de fazer o gol.”

É imposto um novo procedimento de jogo, que ao mesmo tempo impede o aluno de reter a bola e favorece o passe aos colegas.

- 12) “Parou. Levante a sua cabeça e passe a bola para quem estiver perto e livre. O jogo é de equipe e todos devem jogar. Os piores só vão melhorar se jogarem mais.”

Nova suspensão do jogo para a recomendação do passe de bola. O argumento utilizado é que o passe favorece a melhoria daqueles que

são inferiores aos demais.

- 13) “Parou. Não adianta falar, né? Onde faz a barreira? Quem marca lá em cima? Os dois aí querem mudar de time? Querem jogar contra e atacar para o outro lado?”

Indignado, o sujeito suspende o jogo criticando os alunos pelo não cumprimento de suas instruções, indagando a dois alunos se estes querem passar para a equipe adversária.

- 14) “Agora quero que os goleiros, quando defenderem a bola, olhem para a quadra toda e lancem rápido a bola para ser mais esperto que a outra equipe e lançar o contra-ataque. Às vezes a gente vai ganhar o jogo com uma equipe mais inteligente, mesmo sendo inferior tecnicamente. É importante ser inteligente nesse jogo. Vocês viram quando coloquei para fora por dois minutos os dois ali. Isso é ruim, pois a equipe indisciplinada sempre fica prejudicada e pode perder o jogo que poderia ser até fácil de ganhar. Portanto, a equipe indisciplinada fica sempre prejudicada, por esse motivo não quero mais indisciplinada aqui na aula.”

Sujeito volta sua atenção para a eficiência da ação dos goleiros, exigindo deles a malícia, condição necessária para se vencer no jogo. Mostra que é essencial no jogo a capacidade de adaptação e de cumprimento disciplinar do planejado, alertando que não permitirá mais atos indisciplinados dos alunos.

- 15) “Classe: posição fundamental. Fora de forma - marche.” Os alunos gritam e saem de forma.

Com advertências impessoais de comando, a aula é encerrada.

- 16) “Vocês trouxeram a bola de futebol de salão? Pois eu falei pra vocês que não tinha bola aqui, né? Se querem futebol, tem que trazer a bola.”

É indagado aos alunos se eles possuem a bola de futebol de salão, pois se eles desejam praticar esse esporte terão que possuir a bola.

- 17) “Na quadra não pode jogar com a bola de futebol. É como se a gente jogasse vôlei com a bola de medicine-ball.”

Com um exemplo esdrúxulo, o sujeito não permite a prática de futebol de salão a não ser debaixo das regras pré-estipuladas.

- 18) “Hoje nós vamos jogar um basquetão.” Os alunos mais uma vez solicitam futebol com sua bola, mas não há resposta. E, na realidade, é o handebol o jogo que será vivenciado.

O desejo expresso pelos alunos não é considerado. Estes são informados que a prática será de basquetebol e, paradoxalmente, a aula é desenvolvida através do jogo de handebol.

- 19) “Atenção, quanto mais a gente conversa, menos tempo a gente joga. Agora quero 4 goleiros para a escolha dos times.” Dois alunos logo se apresentam e um terceiro aparece mais ou menos um minuto após. Não surge o quarto voluntário para o gol e após esperar um pouco o Professor propõe: “Moçada, cada um num quadradinho da quadra e vamos começar a ginástica, já que não temos outro goleiro.”

É exigido silêncio para a seleção dos integrantes das 4 equipes. Penalizando o não aparecimento imediato de 4 “voluntários” para a posição de goleiro, o sujeito ameaça com a punição da realização de exercícios ginásticos.

- 20) “Atenção. Este time tira a camisa. Hoje vamos aplicar as regras de handebol. Indisciplina ou falta grave, ou agressão, o aluno será expulso e não jogará na próxima aula.”

Advertências enérgicas são administradas aos alunos na exigência de total disciplina. Os que contrariarem esse proceder serão punidos em aula futura.

- 21) “Na outra escola trabalho diferente, dando todos os esportes, mas organizo também os alunos em função das competições dos Jogos Estudantis.”

Sujeito revela que o objetivo principal de seu trabalho é preparar alunos para as competições, em todas as modalidades dos esportes olímpicos.

- 22) “Atenção. Vamos ficar aqui em frente à tabela. Nós vamos arremessar a bola com uma mão. Arremessa tentando fazer a cesta e depois volta para o final da turma.”

A atividade proposta resume-se em um movimento mecânico do arremesso à cesta e a espera, em coluna, para um novo momento de arremesso.

- 23) “Estende mais o braço... Para segurar a bola, abre bem os dedos, pois a bola não é quadrada, né?” O Professor auxilia um aluno arrumando sua mão na bola e pede que arremesse novamente. O garoto executa e erra, ouvindo do mestre: “ Isso, viu como melhorou?”

Observações técnicas são feitas visando aprimorar o ato mecânico do arremesso. Em alguns casos, o sujeito define o movimento correto aos alunos com sua ação corporal, interferindo na ação corporal

do aluno.

- 24) “A turminha é legal, faz certinho e não reclama. O único recalcado é o fulano. Esse é fogo. Ele é lento, recalcado e a gente sabe que se falar muito com ele, ele pode reagir e aí fica difícil.”

O grupo é elogiado em função da passividade, pois nunca há protestos. Há uma exceção, um aluno que é tido como indolente, que foge ao trabalho, de difícil controle.

- 25) “Parou. Fulano, tira o relógio. Eu avisei que relógio, brinco, bracelete, correntinha não pode na hora de jogar.”

O jogo é interrompido com a ordem para que os alunos se dispam dos utensílios de adorno, que são incompatíveis com as regras do jogo.

- 26) “Escolham o time logo; é um jogo de homens e não é para ficar escolhendo time bonito.”

Sujeito exige rapidez na divisão das equipes com um argumento estético que privilegia a rudeza em detrimento do belo.

- 27) Como o Professor fica cronometrando o exercício no centro da quadra, os alunos que estão às suas costas não executam a atividade. Eles só se movimentam quando o Professor vira na direção deles.

A aula é ministrada mecanicamente através do controle de tempo. Os alunos, fora da área de visão do sujeito, não cumprem as ordens estabelecidas.

- 28) “Vocês viram o jogo de seleção na semana passada? Quando perde a bola todas voltam correndo para a marcação. É assim que se ganha jogo.”

É enfatizado o argumento de que a vitória só é possível com a determinação de impedir a liberdade ao atleta adversário, criando obstáculos para isso.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - Professor 03

A interpretação do discurso e das ações deste Professor evidencia uma postura educacional baseada na transmissão de ordens pré-estabelecidas de forma impessoal; os alunos devem cumprir, com rigor e automaticamente, as mesmas tarefas, os mesmos exercícios. (Itens 1, 2, 15, 19, 22).

As observações feitas nas correções dos exercícios evidenciam a preocupação com os detalhes em função da perfeição do movimento, segundo um padrão advogado pelo rendimento atlético ou de performance, e não com o respeito às possibilidades de cada indivíduo, o que traduz uma visão de corpo-objeto, corpo-função, corpo-utilidade. (Itens 3, 6, 9, 14, 23, 28).

Interessante é observar a reação do Professor quando suas ordens não são cumpridas, pois, ele sempre determina a interrupção da aula e ratifica sua postura observando detalhes negativos que levaram ou levarão ao insucesso no objetivo de vencer o jogo. Não se trabalha a idéia de que o jogo é entre pessoas, mas sim a de que a equipe com quem se joga é composta de adversários que devem ser vencidos a qualquer preço. (Itens 6, 7, 8, 11, 12, 13)

Educação Física, neste contexto, é vista como “coisa séria”, o que significa desprazer, ausência de participação alegre, ausência de conversa e troca de opiniões, em aulas que se arrastam mecanicamente, sem ludicidade. Também lembramos que todo o conteúdo de jogo apresentado tem como característica básica o padrão do desporto regulado segundo os critérios olímpicos e em nenhuma hipótese isto pode ser mudado. Vivencia-se, desta maneira, o conceito de esporte como produto pronto e acabado,

perdendo-se a oportunidade de usufruir do jogo como processo de criação. (Itens 2, 5, 10, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 25).

Vemos então um Professor que: busca, em suas aulas, o rendimento atlético; despreza os corpos frágeis; entende que o jogo deve ser disciplinado e vivenciado nas bases legais; não está sensível à manifestação corporal do aluno; não identifica a insatisfação produzida no aluno por essa forma de ação. Essas características permeiam a ação do Professor em seu dia-a-dia junto aos seus alunos. (Itens 4, 8, 9, 10, 19, 21, 24, 26, 27).

Professor 04

- 01) "Moçada, na semana que vem todas têm que vir de uniforme, heim!"

É chamada a atenção das alunas, de forma impessoal, pela ausência do vestuário confeccionado segundo modelo oficial.

- 02) "Vamos sair em acelerado e ao meu comando vocês devem trocar de coluna, sem parar, correndo normalmente."... "Agora, andando normalmente, com braços acima da cabeça, esticados e andando nas pontas dos pés."

A ação de deslocamento é orientada através de comandos precisos, detalhando a posição correta de vários segmentos do corpo.

- 03) "Mãos na cintura, afastamento lateral, flexão de uma perna e extensão de outra a lateral, sem tirar a sola do pé do chão."... "Agora forçar os braços atrás das costas, um por cima da cabeça e outro por trás, à altura da cintura e após inverte as posições. Vamos lá, quem não está conseguindo?"

Prosseguem os comandos e as demonstrações para a realização de exercícios localizados. Há o incentivo através do desafio, na per-

gunta sobre qual a aluna que não está obtendo sucesso.

- 04) “Vamos lá que dá, força mais um pouquinho” - incentiva a Professora. Todos os exercícios são demonstrados por ela.

Há o incentivo para que as alunas dominem a vontade para realizar algo que não lhes causa prazer.

- 05) “Agora sentadas. Primeiro exercício: pernas unidas, bem estendidas, segura as pontas dos pés com as mãos, colocando a cabeça no joelho. Vamos lá, dá um jeitinho que vai.”

Novos exercícios são demonstrados e comandados, com a Professora sugerindo que as alunas encontrem uma solução para resolver situações constrangedoras.

- 06) “Atenção, quem tem problemas de coluna não força.”

A Professora adverte as alunas para os cuidados com os exercícios, sem definir o que é “problema de coluna”.

- 07) “O exercício é o seguinte: vamos correndo com a companheira e trocando passes. Vejam, as pernas não se cruzam, pois se isto acontecer vocês caem.”

Nova atividade é demonstrada, com o alerta para detalhes no deslocamento, evitando a perda de equilíbrio.

- 08) Quando há acerto, a Professora incentiva batendo palmas e falando: “É isso aí fulana, muito bom!” Todas as vezes que a Professora corrige um movimento de qualquer aluna, chama essa aluna pelo seu

nome.

A Professora, através de menções pessoais, ora incentiva, ora corrige o movimento corporal das alunas.

- 09) As alunas têm dificuldades para jogar a bola na mão da companheira e a Professora pára o exercício e demonstra novamente como se faz. Nas duas primeiras vezes que tenta demonstrar ela também não consegue êxito, com a bola caindo ao chão.

Uma atividade proposta é de grande complexidade para as alunas. A Professora também passa por essa situação embaraçosa na demonstração do exercício.

- 10) “Atenção para o passe e na hora do arremesso. Não pisem na linha da área, senão o gol não vai valer.”... “Atenção, saindo cada coluna de uma vez para não jogar as duas bolas ao mesmo tempo na goleira.”

É determinada uma atividade, dentro dos padrões legais, que tem por objetivo a consecução do gol. É chamada a atenção para que os arremessos não sejam concomitantes.

- 11) “Na hora do arremesso vocês lembre-se do que a gente dizia no ano passado. Olha para um lado e joga no outro. A gente com isso engana o goleiro adversário e faz o gol. Não se esqueçam, certo?”

A Professora, referindo-se a instruções anteriores, relembra que o êxito no jogo depende da esperteza em iludir o goleiro adversário.

- 12) Como as duas colunas estão grandes, as meninas ficam algum tempo esperando para participar da ação. Uma delas senta-se num toco de

madeira, ao lado da quadra e a Professora, chamando-a pelo nome diz: "Fulana, vamos ficando em pé. Já tá com preguiça é?"

Dirigindo-se pessoalmente a uma aluna, a Professora admoesta-a, exigindo que deixe de ser negligente e não reconhece que o desinteresse está ligado à forma com que o trabalho se desenvolve.

- 13) Num novo grupo a turma está conversando e rindo, ao que recebe o comentário da Professora: "Onde há conversa e riso não há trabalho."

O silêncio é exigido como condição fundamental para a eficiência do trabalho em Educação Física.

- 14) Os exercícios são os mesmos dos grupos anteriores e a última observação da Professora é: "Vamos lá, capricha porque senão depois na hora do jogo não sai nada."

Repetem-se as atividades e mais uma vez a obstinação é colocada como fundamental para o sucesso no jogo.

- 15) É interessante notar que nos jogos em nenhum momento foi utilizado o passe lateral reverso, durante tanto tempo treinado. Também é importante ressaltar que a Professora deixa o jogo correr sem a excessiva preocupação com detalhes da regra.

Nos jogos a Professora não se atém à rigidez legal, e neles não aparece a atividade estratégica de passe exaustivamente vivenciada durante a aula até aqui.

- 16) Duas meninas, as menores da turma, têm dificuldade de executar o movimento. A Professora troca essa dupla, colocando duas meninas

maiores com elas. Pouco tempo depois, uma das meninas maiores solicita se pode voltar à dupla anterior, ao que é respondido: "Daqui a pouco pode. Primeiro vamos deixar as baixinhas mais firmes."

A Professora identifica e procura resolver o problema da inadequação da relação entre atividade proposta e a pequena estatura e coordenação de algumas alunas. Solicita para isso a colaboração das mais altas e experientes.

- 17) "Agora vamos fazer uma competiçãozinha. Vamos ver o grupo que não deixa a bola cair no chão. Atenção, tá valendo." Nessa competição a menina menor recebe o passe, mas depois de passar errado duas vezes, não executa mais o passe. Ela se limita a receber a bola e dar a outra aluna para que execute o passe.

O incentivo para a participação é apresentado em forma de competição, o que amplia o problema da aluna menor. Ela resolve o impasse deixando de cumprir o exercício, passando a responsabilidade do acerto para outra colega.

- 18) "Agora vamos fazer outro joguinho, para ver qual o grupo mais esperto. A gente vai passar a bola bem depressa e contar até 30. Vamos ver quem chega primeiro ao 30." O grupo onde estão as "baixinhas", na primeira vez não conta e na segunda vez chega até o número 14 quando os outros já terminaram, o que provoca a reclamação de uma aluna do grupo: "Dona, aqui a gente vai ser sempre o último." A Professora faz nova redistribuição das "baixinhas" nos grupos.

Há a proposta de uma competição cujo objetivo é detetar a melhor habilidade dos componentes dos grupos. O grupo onde estão as alunas menores e mais novas protesta, pois a habilidade dessas alunas não está no padrão exigido. A Professora tenta minimizar o pro-

blema redistribuindo as alunas menores.

- 19) “Não troco minha profissão por nada deste mundo. Você sabe, eu tenho pedagogia e já fui convidada para assumir a assistência de direção. Mas não aceitei, pois não troco esta liberdade, este sol por nada. Sabe, eu prefiro trabalhar com esta idade, as alunas da quinta série, pois acho o trabalho mais gratificante.”

A Professora revela seu contentamento com sua carreira profissional, mencionando haver abdicado de vantagens para não permutar ou alterar sua opção. Revela mais, a sua predileção em trabalhar com essa faixa etária, por ser prazeroso.

- 20) “Olha de um lado e joga do outro... Chega rápido na área e arremessa rápido... Não dêem tempo para a goleira defender... Não pode pisar na risca para arremessar; assim o gol não vale.”

Novamente a ênfase em procurar levar vantagem e em obedecer os padrões legais para se vencer no jogo.

- 21) “Incrível, antigamente só davam queimada. Agora, isto está também sendo esquecido. As crianças não sabem nem jogar queimada. Isso significa que os nossos colegas nem queimada dão mais.”

Há um comentário de censura à atuação dos colegas de profissão, que ao longo do tempo têm depreciado sua ação profissional.

- 22) Uma aluna chega atrasada e a Professora brinca: “Oi fulana, veio dar a honra de sua presença? Que satisfação!”

Uma aluna que se apresenta após o início da aula é recepcionada com um comentário jocoso.

- 23) “Agora bem lá atrás, na risca preta. Bate a bola no chão, conta 1/2/3 dando 3 passadas e passa pra colega da frente. Lembrem-se: bola na mão direita, que pé começa?” - as alunas respondem que é pé esquerdo, e vice-versa.

Prosseguem as instruções da técnica desportiva e sua relação com s detalhes do movimento corporal.

- 24) “Vamos tomar cuidado com esses passos. Tem muita gente jogando a bola, pegando e dando 4 passos. No jogo, se isto é feito, o lance é invalidado. Atenção: Quem não está conseguindo faz devagar mas faz certo.”

Novas observações técnicas sobre a atividade a ser realizada, com a recomendação da predominância do acerto em detrimento da velocidade.

- 25) “Atenção. Vocês que estão atacando estão em vantagem, 3 contra 3. Por isso é para sair o arremesso certo. No jogo isto é uma grande coisa, quando se está 3 contra 3, e portanto não tenham pressa de arremessar.”

A Professora observa a importância de se estar em superioridade na situação de ataque em um jogo e que isto deve resultar em acerto da jogada com a consecução do gol.

- 26) A atividade parece estar agradável às alunas, pois elas fazem uma espécie de competição entre os trios para ver quem fez o gol.

As alunas demonstram alegria e prazer na atividade que se desenvolve.

- 27) “Presta atenção. Eu vou jogar a bola para a coleguinha no centro e vou no lugar dela e assim por diante.” Essa atividade no início não sai, mas logo depois se acerta. “Vocês perceberam que primeiro eu joga a bola e depois vou correndo atrás dela.” Algumas meninas ainda saem correndo com a bola na mão.

Utilizando uma linguagem adequada à idade das alunas, a Professora propõe um exercício de passe e deslocamento que causa problemas de entendimento e execução em seu início.

- 28) “Vamos lá, rapidinho. Vamos fazer o mesmo exercício. Vamos ver qual a turma que faz mais depressa. É um joguinho que tem que contar até 30. Quem chegar primeiro ganha. Cada vez que passa a bola conta. Está ok?” Como prêmio a Professora diz: “Esse grupo que ganhou pode ir tomar água primeiro.”

A Professora propõe nova competição para que as alunas fiquem motivadas. As vencedoras recebem como recompensa o direito de serem as primeiras na fila da água.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - Professor 04

Vemos neste quarto sujeito de nossa pesquisa algumas características interessantes para esta fase de interpretação. A Professora, por exemplo, mostra uma ação contraditória, pois em várias ocasiões, dirige-se às alunas com uma grande dose de carinho, de afeição, mencionando os nomes das crianças, e, em outras ocasiões, passa ordens determinadas e de forma impessoal. Mas isto, em relação aos sujeitos anteriores é uma novidade, pois eles se caracterizaram pela impessoalidade autoritária. (Itens 1, 8, 22).

A Professora também foi a primeira profissional, dentre os pesquisados, que reafirma seu prazer em trabalhar a Educação Física Escolar,

preferencialmente com alunas da quinta série, tendo até recusado outras propostas para continuar em sua ação pedagógica. Ao mesmo tempo ela tece críticas ao desempenho profissional de alguns colegas, identificando uma perda de qualidade no trabalho em Educação Física Escolar. (Itens 19, 21).

Já outros conceitos, como as relações entre Educação Física e as idéias de: mecanicismo, desporto competitivo, levar vantagem, rendimento atlético, e outras, repetem os valores já vivenciados e levantados nos relatos e ações dos demais sujeitos. (Itens 2, 3, 77, 9, 10, 11, 14, 17, 20, 24, 25, 27, 28).

Duas outras observações são necessárias: a primeira, é no que se refere aos conceitos de prazer e desprazer ligados à figura e ao corpo das alunas. Em algumas oportunidades aparece um e em outras aparece o outro. A segunda, é que a Professora parece não identificar a inadequação das dificuldades de algumas propostas de exercícios, pois, prefere alterar a composição dos grupos (a posição dos corpos das crianças nos diversos grupos) e até a velocidade da realização das tarefas, que modificar a proposta do exercício. (Itens 4, 5, 6, 12, 15, 16, 18, 23, 24, 26).

Detalhe final que chamou a atenção: também aqui a Educação Física é tida como séria, seriedade essa que cria obstáculos à ludicidade. (Itens 12, 13).

Daí a síntese perspectival que (embora em menor tendência se comparada com os modelos anteriores) privilegia valores como: desprazer, seriedade, disciplina corporal, obediência ao desporto oficial, corpo útil e que deve ser adestrado para o rendimento atlético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (62) MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. - *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Ed. Moraes/Ed. PUC-SP, 1989, pp. 91-110.
- (63) MARTINS, op. cit., p. 99.
- (64) MARTINS, op. cit., p. 91.

CAPÍTULO V

A PERSPECTIVA METODOLÓGICA: ANÁLISE NOMOTÉTICA

A ciência empírica possui a tradição de se utilizar do termo nomotético, pois em última análise, esse termo indica a elaboração de leis, de normas gerais ou princípios de generalizações, tão necessários a uma vertente científica que trabalha calcada em fatos, na relação causa-efeito.

No entanto, não é este o valor de “Análise Nomotética” em uma pesquisa qualitativa, baseada na análise do fenômeno situado. Como vimos até aqui, chegamos à análise nomotética após trilharmos os caminhos da análise ideográfica ou da análise da estrutura psicológica individual (fases essas desprezadas pela ciência empírica), e por isso mesmo o termo nomotético ganha o significado de um movimento de passagem da reflexão individual para o geral. Ou mais corretamente nas palavras de Martins:

“É preciso notar que este movimento de passagem do individual para o geral, agora, nesta fase, não corresponde àquele movimento realizado na análise ideográfica da descrição ingênua do cotidiano para chegar-se à estrutura psicológica mostrada na descrição. A estrutura psicológica já foi compreendida e expressa em linguagem do pesquisador.

Conseqüentemente, esta quarta fase da pesquisa baseia-se nas realizações conseguidas na análise ideográfica e no trabalho feito no psicológico. Isto é, nela há o movimento da Psicologia individual para o aspecto psicológico geral presente na manifestação do fenômeno estudado. O objeto ou fim a chegar nesta análise nomotética é a estrutural geral psicológica. Esse empreendimento envolve uma compreensão dos diversos casos individuais como exemplos de algo mais geral e a articulação desses casos individuais, como exemplos particulares, em algo mais geral. A estrutura psicológica geral é a resultante da compreensão das convergências e das divergências que se mostram nos casos individuais.” (65)

A análise nomotética apresenta momentos, que são indicações para a realização deste tipo de análise, que ocorrem durante todo o processo desse movimento em direção à generalidade. Martins(66) destaca quatro desses momentos:

- A busca dos *insights* gerais, ou seja, das evidências de que a estrutura psicológica individual pode, como um todo, pertencer a vários outros indivíduos. Aqui, o pesquisador necessita determinar que aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral e quais não o fazem. Por isso ele relê as estruturas psicológicas individuais e considera essas afirmações como referentes a todos os casos. Assim agindo, ele vê que algumas proposições podem ser tomadas como verdadeiras no contexto geral e outras não.
- A comparação de sujeitos, com o propósito de buscar evidências nas análises já realizadas. Nesta ação, o pesquisador tem a necessidade de comparar as análises psicológicas individuais obtidas, umas com as outras, procurando divergências e convergências. Aqui, uma observação essencial, para a qual recorremos novamente a Martins:

“É importante notar que alguns aspectos poder ser genuinamente comuns a todas as descrições, ainda que não tenham (ou que não sejam) sido descritas por todos os sujeitos, pois podem estar simplesmente implícitos. Sendo assim, não é necessário que todos os aspectos, presentes na convergência, já tenham sido explícitos em fases prévias, mas que possam ser encontrados em reflexões que ocorram posteriormente. Isso significa que a análise nomotética não é somente: verificação cruzada de correspondências a afirmações reais, análise de conteúdo ou análise fatorial. Mas significa que ela é ação profundamente reflexiva sobre a estrutura psicológica à luz de outras descrições para encontrar aspectos comuns que estão algumas vezes implícitos.”(67)

- A variação imaginativa, empregada para se chegar a uma generalidade que vá além dos casos reais aos quais as descrições ingênuas individuais permitem acesso, pois nesta fase da pesquisa os parâmetros da variação são mais abertos que os utilizados na fase da análise ideográfica. Neste momento, podem ser imaginadas todas as variações possíveis para o fenômeno, para se chegar a um insight da generalidade essencial.
- Por fim, a formulação explícita de generalidades, onde se expressam as verdades gerais encontradas pelo pesquisador, sempre dentro da perspectiva analisada.

Nos caminhos da análise nomotética, deparamo-nos com a construção da Matriz Nomotética, onde as unidades de significado individual, nesta pesquisa retiradas da análise ideográfica, são comparadas para a obtenção das convergências ou divergências. No caso do presente estudo, ela ficou assim representada:

MATRIZ NOMOTÉTICA

Unidades de Significado Individual	Sujeitos				Porcentagens de Convergência
	01	02	03	04	
01) Atitudes formais e autoritárias na relação com os alunos.	X	X	X	X	100%
02) Ed. Fís. como cumprimento mecânico e rigoroso do exercício.	X	X	X	X	100%
03) Corpo: objeto a ser melhorado em seu rendimento.	X	X	X	X	100%
04) Atividades físicas não adequadas aos corpos dos alunos.	X	X	X	X	100%
05) Aula= desporto competitivo praticado rigorosa/ em suas leis.	X	X	X	X	100%
06) Atividade burocrática prevalece sobre o aspecto biológico.	X	X	X		75%
07) Competição: sentido individualista prevalece sobre a cooperação.	X	X	X	X	100%
08) Professor não tem prazer em sua atividade profissional.	X	X	X		75%
09) Ausência de ludicidade e prazer junto ao corpo discente.	X	X	X	X	100%
10) Relação impessoal no contacto professor-aluno.	X	X	X		75%
11) Ed. Fís.= produto acabado e não processo educativo.	X	X	X	X	100%
12) Ed. Fís. como símbolo de desenvolvimento de saúde.	X	X			50%
13) Ed. Fís. como símbolo de desenvolvimento de hábitos higiênicos		X			-
14) Ed. Fís.= desporto p/ vitória a qualquer custo.	X	X	X	X	100%
15) Ed. Fís.= exercícios padronizados em ritmo uniforme.	X	X	X	X	100%
16) Ed. Fís.= aulas que dependem de fatores atmosféricos.	X	X	X	X	100%

CONSTRUÇÃO DE RESULTADOS

Interpretando os elementos analisados deste fenômeno, à luz das convergências detetadas na matriz nomotética e no sentido descrito da variação imaginativa mencionada anteriormente, podemos levantar algumas considerações.

As Questões de Forma e Ritmo

O elevado grau de convergência passa a idéia de que a formação profissional em Educação Física é realizada em série, como por exemplo, uma eficiente montadora de automóveis, onde no final da linha de produção temos um produto acabado, pronto para ser lançado no mercado e com um padrão de comportamento único. Se considerarmos que a pesquisa trabalhou com 4 sujeitos provenientes de 4 diferentes escolas de formação profissional, esse quadro fica ainda mais preocupante.

De outra maneira, também é preocupante que se essa formação profissional exigiu de seus alunos tais condutas e atitudes, o agora professor cumpre o mesmo propósito, exigindo o mesmo comportamento de seus alunos, porque:

- Mantém atitudes formais e autoritárias na relação com os alunos. (Unidade 01)
- Explicita que a aula de Educação Física é sinônimo de cumprimento mecânico e rigoroso dos exercícios. (Unidade 02)
- Mostra a Educação Física como um produto acabado, conseguido através da ordem estabelecida, e não como um processo a ser descoberto e desenvolvido. (Unidade 11)
- A Educação Física é simbolizada pela uniformidade do ritmo na realização de exercícios. (Unidade 15)

As ações dos profissionais aqui interpretadas, em nenhum momento se preocuparam em legitimar o espaço da Educação Física e do

Esporte na escola. Santin(68) no objetivo de refletir sobre a legitimidade da Educação Física e do Esporte para o ser humano em sua existência, fixa quatro pontos julgados fundamentais.

Primeiro, o homem é um ser uno, e não apenas um ser racional. O homem é um ser vivo e a vida é um todo orgânico, o que, voltando ao pensamento fenomenológico, significa afirmar que o homem é um ser-no-mundo.

Segundo, o homem é um ser que se move, e seu movimento ultrapassa os limites das simples atividades mecânicas. O movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos padronizados, ritmados ou a gesticulações produtivas, pois a visão mecanicista reduz os movimentos do homem a simples atividades motoras, desprovidas de sentido humano. Diz mais Santin que a compreensão do movimento abre caminho para a atuação da Educação Física, agora liberta da tacanha visão mecânica do movimento. Sugere ainda que, no esforço de redimensionar a Educação Física e o Esporte nas escolas, sejam dados quatro passos que garantiriam a efetivação de mudança:

1º Desenvolver estudos para uma ampla compreensão da mobilidade humana em todas as dimensões em que ela pode ser articulada.

2º Possibilitar a todos os indivíduos a prática de exercício que se adequem ao seu biótipo, para um crescimento e manutenção orgânica de maneira equilibrada.

3º Estudar tipos de exercícios compensatórios a todos os que sofrem desgastes devido à rotina de movimentos imposta pelas atividades profissionais.

4º Criar exercícios corretivos aplicáveis, caso por caso, às que possuem deficiências físicas ou se encontram em situações especiais.”(69)

Terceiro, o homem é um ser que brinca, aliás, condição essencial para se tornar completamente humano. É necessário que recuperemos o

valor do homo ludens para que a Educação Física não esteja mais uma vez a serviço da técnica e do ritmo do homo faber. É necessário redimensionar o conceito de brincar, que hoje tornou-se o reverso do trabalho, de seriedade, sendo considerado desrespeito, inutilidade. Será que o medo de brincar não está ligado ao medo da descoberta, das perdas das “certezas” e do controle?

Quarto, o homem é um ser que sente, e a sensibilidade, segundo a racionalidade e a eficiência produtiva, é um obstáculo para a funcionalidade e eficiência científica e tecnológica do mundo de hoje. Na Educação Física da forma e do ritmo não há lugar para a sensibilidade.

Qual a relação desse pensar de Santin com as unidades pesquisadas e relatadas anteriormente? A resposta é simples: a relação é de puro antagonismo, de total oposição de valores.

O cumprimento formal de ordem, a obediência inquestionável da realização de exercícios através de um ritmo padronizado e único, em nenhum momento privilegia a ação educativa que se preocupa com a sensibilidade.

“O cultivo desta sensibilidade nas escolas provavelmente não contribuirá para construir grandes fábricas, nem produzir grandes lucros. Da mesma maneira não contribuirá para construir arsenais de armas, nem revelará muitos atletas para as olimpíadas e para os pódios de coroamento, outras grandes renúncias de vitórias e triunfos em rendimentos e em campeões. Mas poderá contribuir para criar uma paisagem mais humana, com mais paz e bem-estar. O professor de educação física e das práticas esportivas, mais do que saber técnicas e estratégias, precisará saber brincar. Mais do que assumir a fisionomia de um comandante ou treinador, precisará inspirar-se na arte e nas orquestras.” (70)

Estamos, também via aulas de Educação Física nas escolas, preparando peças com bom formato e bem lubrificadas, no ritmo da engrenagem

da máquina racional operante.

A Questão do Esporte de Alto Rendimento

Aqui encontramos outro valor convergente, extraído das ações dos sujeitos constantes desta pesquisa. As aulas de Educação Física, nas escolas, estruturam-se na prática esportiva com características de:

- Um esporte competitivo, determinado pela obediência fiel às leis que o regulamentam. (Unidade 05)
- Um esporte competitivo onde há a ausência da cooperação e a prevalência do individualismo. (Unidade 07)
- Um esporte que visa à vitória, onde se permite explorar e até se incentiva a idéia de tirar vantagem do mais fraco. (Unidade 14)

Alguns meses atrás, redigimos um artigo(71) que refletia sobre o fenômeno esporte e afirmávamos que ele é dependente dos valores praticados pelos sujeitos em sociedade. Portanto, para a sociedade que valoriza a competição, o individualismo, a “filosofia” de que o certo é levar vantagem, o esporte objetivado pelos indivíduos dessa sociedade terá conotação dogmática, onde o lema será vencer ou morrer. Isto, parece, está sendo vivenciado nas aulas de Educação Física na escola. Estas idéias não contemplam, por exemplo, a preocupação de Lima:

“Há que saber se a prática do desporto tende a ser uma actividade social aberta a todos os homens que, lutando pelos seus direitos, nela podem viver sem grande complexidade uma oportunidade de expressar o seu desejo de dominar a natureza, de se ultrapassar, de se aperfeiçoar e de aprofundar os conhecimentos sobre si próprio e sobre os outros homens - procurando, em suma, a valorização da sua personalidade e promovendo o desenvolvimento de sua personalidade social.” (72)

Vemos que ao trabalhar o esporte escolar da forma que foi observado, preparamos terreno para a ideologia esportiva, que, segundo Adam(73), nos países capitalistas transforma as atividades esportivas em, ao mesmo, tempo, privilégio, mercadoria e diversão social.

“Privilégio, porque as camadas populares exploradas não têm muitas vezes nem tempo nem disponibilidade psicológica para se entregarem aos exercícios.(...) Mercadoria, porque o mundo dos Anegócios encontrou aqui nova fonte de lucros, quer seja pela exploração do espetáculo esportivo, quer pela utilização publicitária do campeão sobre os benefícios realizados nos investimentos em equipamentos e na venda de material esportivo.(...) Diversão social, porque um desporto, essencialmente virado para uma elite artificial, submetido aos imperativos do mercado do espetáculo pode ser facilmente desnaturado e utilizado como meio de evasão, com todo o chauvinismo que isso comporta.” (74)

Essa interpretação não descarta a afirmação de que a ação dos profissionais de Educação Física relatada nesta pesquisa não educa. Como revela Bracht(75), essa forma de transmitir o esporte educa, se educação aqui significa levar o aluno a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitará se adaptar à sociedade vigente. É uma educação que leva ao acomodamento e ao fatalismo e não ao questionamento; uma educação que ofusca ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da nossa sociedade. Uma educação que não leva à formação de um aluno crítico, consciente e sensível à realidade que o envolve.

A Questão do Corpo

Refletimos, na gênese deste trabalho, sobre a visão de Merleau-Ponty a respeito da prevalência do corpo-objeto, da coisificação do corpo que leva, invariavelmente, à não consciência corporal. Associando aque-

las preocupações iniciais com a interpretação desvelada do fenômeno, preocupa-nos uma Educação Física onde:

- O corpo do aluno é visto como um objeto a ser manipulado e melhorado em seu rendimento. (Unidade 03)
- As atividades físicas não são adequadas aos corpos dos alunos, e o corpo não atlético é ridicularizado ou desprezado. (Unidade 04)
- A exploração de corpos "menos aptos" é incentivada. (Unidade 14)

Dizemos que esta ação é preocupante porque, em nenhuma oportunidade, pudemos presenciar um trabalho que levasse o aluno a refletir sobre o seu corpo ou tivesse como objetivo a consciência corporal. No entanto, na área da Educação Física, vários intelectuais professores já se preocuparam com estas questões e há muito tempo elaboram trabalhos e pesquisas que, pelo observado, não chegam aos professores da rede escolar.

João Freire, escrevendo sobre o universo do corpo (76), deixa claro seu desejo de que a Educação Física deveria deixar de ser técnica de adestrar homens para transformar-se em técnica que possibilitasse ao ser humano realizar o movimento com arte. Correr, andar, saltar e jogar são coisas executadas com arte, quando os meios utilizados para estas ações são compreendidos.

“Quando a consciência está presente ao ato, o gesto é feito com arte. Só dessa forma pode ser entendida a Educação Física como prática de educação corporal. Tudo o que ela faz, atualmente voltado para o rendimento a atingir, teria que ser invertido. Ao invés de fins, deveria se preocupar com os meios.

Quanta diferença há em correr para bater um recorde e correr observando a beleza de cada passo, sentindo as tensões e os relaxamentos de cada músculo, ou percebendo que o ar que, entrando pelos pulmões, renova a vida. Quanta diferença existe entre jogar para vencer a qualquer custo e jogar sem nem saber qual foi o placar, apenas para festejar, para se divertir, para estar com os amigos!”(77)

Manuel Sérgio, dissertando acerca dos valores ético-políticos do corpo(78), insiste na tese de que o homem não pode conhecer nem conhecer-se afrontando ou desprezando o corpo. A partir desta premissa, ele enumera esses valores ético-políticos, dentre os quais destacamos: 1) pelo corpo é que podemos atingir uma concepção global do Homem; 2) pela linguagem corporal é que o Homem ganha um meio extraordinário de comunicação e diálogo; 3) o corpo constitui, tanto interior como exteriormente, o primeiro e mais importante ponto de referência e de relação; 4) o corpo revela uma personalidade, uma cultura e, por decorrência, uma sociedade; 5) o corpo não pode ser concebido como simples máquina ao serviço do espírito, porque sem ele o espírito é impensável; 6) é através do corpo que o Homem capta seus limites, tanto os de ordem biológica como psicológica; 7) é pelo corpo que a cultura deixa de ser platônica e tenta realizar a unidade humana com o nascimento da idéia onde está presente o homem integral; 8) as atividades corporais podem e devem estimular o senso estético e dessa forma, contribuir para a valorização da educação e do lazer; 9) as atividades corporais podem e devem, através do jogo e do desporto, exercitar a criatividade, a liberdade, a alegria e o bem estar. (79)

Como vemos, há pessoas da área da Educação Física falando sobre o corpo, refletindo sobre a questão do corpo, propondo opções educativas a partir do trabalho da consciência corporal, que, no entanto, passam totalmente despercebidas no dia-a-dia da vida da Educação Física Escolar. E quando enfocamos aqui a importância deste refletir, lembramos:

“A reflexão não é, absolutamente, a observação de um fato, é um esforço para compreender; não é a passividade de um sujeito que contempla sua vivência e, sim, o esforço de um sujeito que aprende a significação de sua experiência.”
(80)

As Questões das Ausências de Prazer e Ludicidade

Publicamos um artigo(81) há algum tempo onde a tese central era questionar a ordem da atual estrutura escolar, sugerindo inclusive que implantássemos uma “desordem”. Nele mencionávamos o quanto é visível o valor da disciplina corporal na escola, que a educação premiada era a da não criatividade, a da passividade, a do silêncio e a do desprazer. Alertávamos que o critério básico dessa educação era a palavra NÃO: Nada é permitido. Não pode conversar (educação sem diálogo?); não pode rir (educação sem ludicidade?); não pode sair da carteira (educação sem movimento?). A educação é “coisa séria”, seriedade essa confundida com obediência disciplinar às ordens autoritárias; seriedade confundida com desprazer; seriedade sinônimo de aceitação do que é imposto, sem discussão, sem reflexão, apenas para caminhar na ordem estabelecida. Questionávamos mais nesse trabalho: Que escola é essa, onde não se pode ter prazer? Que educação é essa, onde é permitido proibir e proibido permitir? Que estrutura é essa, montada em números, em processos estatísticos, onde encontramos a ansiedade, a frustração, o desprazer e o desamor?

Voltando à atual pesquisa, relacionando-a com as preocupações detalhadas no esboço do artigo mencionado, preocupa-nos a situação da Educação Física Escolar quando interpretamos as unidades significativas, encontrando nelas a exagerada sensação de desprazer, tanto por parte dos alunos como dos professores, ambos os segmentos incomodados em suas relações. Assim é que na convergência expressa na análise do geral encontramos:

- Professor não tem prazer em sua ação profissional. (Unidade 08)
- Educação Física como coisa “séria”, levando à ausência de ludi-

cidade e prazer nas manifestações do corpo discente. (Unidade 09)

- Relação impessoal e de distanciamento entre professor e aluno. (Unidade 10)

Manifesta-se então, via aulas de Educação Física Escolar, a preocupação de Marcellino com a possibilidade de a criança, hoje em dia, perder o direito ao lúdico.

“A análise da criança inserida na sociedade demonstra que, de uma perspectiva mais geral, o que vem se verificando, de modo crescente, é o furto da possibilidade da vivência do lúdico na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo, do brinquedo, da festa, ou mesmo através do consumo obrigatório de determinados bens e serviços oferecidos como um grande supermercado.(...) Na nossa sociedade, e particularmente nas grandes cidades, ainda que por razões bem diferentes, as crianças não têm tempo e espaço para a vivência da infância, como produtora de uma cultura infantil, e isso independe de sexo, ou de classes sociais.” (82)

Diz ainda Marcellino:

“Para que a Escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário, antes de tudo, que se saiba quem se está educando. É preciso considerar que não existe uma criança, mas várias crianças, com repertórios variados, entre outros fatores, pelo tipo de aquisições verificadas na vivência, ou na não vivência do lúdico. (...) Contudo, a negação do lúdico na Escola, também pode ser entendida de uma perspectiva geral. E deste ponto de vista está diretamente relacionada com a negação que a Escola faz da criança, ou a seu desrespeito, ou ainda o desrespeito a sua cultura.” (83)

É, portanto, de se lamentar a constatação do desrespeito ao prazer e da perda de espaço para a vivência do lúdico, prejuízos inalienáveis aos direitos da criança e do aluno na escola.

A Questão do Conteúdo Programático da Educação Física

Uma última observação a ser mencionada nesta análise e construção de resultados diz respeito ao conteúdo programático, da Disciplina Educação Física Curricular e à sua importância. Genericamente confrontando com outras disciplinas curriculares, vemos algumas discrepâncias, mesmo sem entrarmos no mérito dos programas e forma de desenvolvimento dos mesmos.

A primeira constatação é que todas as propostas curriculares na escola possuem sequencialidade, que acompanha o desenvolvimento da atividade curricular do aluno nas diversas séries. Em Educação Física isto não ocorre, pois o mesmo "conteúdo", os mesmos "procedimentos de ensino", os mesmos "objetivos" propostos, são vivenciados por alunos de diferentes faixas etárias, de diferentes séries, de diferentes conhecimentos ou experiências nessa Disciplina curricular. Aí, um pensamento imediato: ou a Educação Física, ou os demais componentes curriculares (ou os dois), estão inadequados no que diz respeito a essa estrutura pedagógica do processo de aprendizagem.

A segunda observação diz respeito à possível importância que o Professor de Educação Física e a Administração da Escola dão ao desenvolvimento do conteúdo programático dessa Disciplina. Submeter o conteúdo da Educação Física às exigências burocráticas e meramente legais, é, no mínimo, perpetuar a ilegitimidade dessa Disciplina no interior da escola; é transformar os meios em fins e estes em meios, estabelecendo uma recíproca que não traduz a verdade; é, no momento em que se busca afirmar uma educação com características holísticas, perpetuar a Educação Física como atividade periférica do contexto educativo escolar.

A terceira evidência é a constatação de que a Educação Física, enquanto componente curricular, é apenas prática de atividades e estas,

ainda, subjugadas por condições atmosféricas. Essas observações ficaram delineadas na matriz nomotética em:

- Atividade burocrática prevalece sobre o aspecto pedagógico. (Unidade 06)
- Educação Física sinônimo de prática de atividade física, dependente de fatores atmosféricos. (Unidade 16)

Importante, mais uma vez, lembrar que a construção dos resultados na análise nomotética, tal qual todo o processo de interpretação numa abordagem de pesquisa qualitativa do fenômeno situado, é perspectival, e está diretamente na dependência do pesquisador, que, no entanto, a desenvolve com rigor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (65) MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V.- *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos*. São Paulo: Ed. Moraes/Ed. PUC-SP, 1989, p. 106.
- (66) MARTINS, op. cit., pp. 107-110.
- (67) MARTINS, op. cit., p. 108.
- (68) SANTIN, S. - Educação física e esportes no 3º grau: perspectivas filosóficas e antropológicas. In: *PASSOS, S. (Org.) - Educação física e esportes na universidade*. Brasília: SEED/MEC, 1988, pp. 51-74.
- (69) SANTIN, op. cit., p. 66.
- (70) SANTIN, op. cit., p. 70.
- (71) MOREIRA, W.W.- Esporíte: preservação da vida ou prática de morte? *Motrivivência*. Sergipe, Ano I, nº 2: 119, junho de 1989.
- (72) LIMA, T. - *Alta competição: desporto de dimensões humanas?* Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 21.
- (73) ADAM, Y. - O desporto, objecto de lutas ideológicas e políticas. In: LÉONTIEV, A. et alii. *Desporto e desenvolvimento humano*. Trad. Maria da Graça M. Sarmento. Lisboa: Seara Nova, 1979, pp. 261-280.
- (74) ADAM, op. cit., pp. 266-267.
- (75) BRACHT, V.- A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. *Rev. Brasileira de Ciências do Esporte*, Vol 7, nº 2: 62-68, janeiro 1986.
- (76) FREIRE, J.B.- Rumo ao universo...do corpo. In: OLIVEIRA, V.M. (Org.). *Fundamentos pedagógicos: educação física 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro

Técnico, 1987, pp. 48-54.

(77) FREIRE, op. cit., p. 54.

(78) SÉRGIO, M.- *Filosofia das actividades corporais*. Lisboa: Ed. Compendium, s.d., pp. 21-56.

(79) SÉRGIO, op. cit., pp. 33-34.

(80) MERLEAU-PONTY, M. - *Ciências do homem e fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973, p. 40.

(81) MOREIRA, W.W.- Educação e desordem: um binômio a ser alcançado. *Rev. Impulso*. Unimep, Piracicaba, Ano 2, nº 3: 13-19, 1º semestre 1988.

(82) MARCELLINO, N.C.- *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990, pp. 54-55.

(83) MARCELLINO, op. cit., p. 78.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES...

Uma pesquisa desenvolvida sob a ótica qualitativa, com abordagem centrada no fenômeno situado, não recomenda conclusões, pois isto dá idéia de produto, de algo acabado, o que é incompatível com a interpretação perspectival. No entanto, optamos por manter o título deste capítulo, menos para cumprir o ritual de um trabalho científico e mais para, aproveitando o impacto do título "Conclusões", chamar a atenção de alguns setores ligados à Educação Física para as questões formuladas na Construção dos Resultados, observadas no capítulo anterior.

O pesquisador e o educador, ao redigir um trabalho ou publicar o resultado de sua pesquisa, é possuído de algumas pretensões, sentimento este não apenas válido, mas justo, pois caso contrário todo seu empenho, dedicação e tempo destinados ao trabalho ou à pesquisa seriam inúteis.

Então, qual seria a utopia do ser-pesquisador, do ser-professor de Educação Física que viveu todos os momentos do desenrolar desta tese que agora é dada a conhecer para análise e julgamento dos colegas pesquisadores? Essas pretensões, que também são preocupações, podem ser sintetizadas em três pontos básicos.

Primeira Pretensão/Preocupação.

Os profissionais da área da educação em geral e da Educação Física em especial devem procurar ler este trabalho sob a perspectiva da

ética profissional, tão ausente de nosso cotidiano, pois os valores encontrados no desvelar da ação dos sujeitos participantes da pesquisa não são exclusivos deles, mas estão, certamente, difundidos entre os que se acercam da Educação Física em particular ou da educação no sentido mais amplo. Padronizar comportamentos, exigir silêncio e ordem em nome do processo educativo ou mesmo encarar o corpo do aluno como um objeto a ser adestrado e disciplinado não é, em hipótese alguma, privilégio de uma Disciplina curricular da escola ou de alguns poucos representantes desta área.

Nunca é demais enfatizar que os Professores que participaram desta pesquisa se dispuseram a isto e se deixaram revelar, o que por si só denota virtude e desprendimento. Eles transcenderam a atitude de uma parcela significativa de seus pares que são ávidos em apontar erros de colegas, mas, ao mesmo tempo, se fecham em seus casulos, numa atitude de apatia, de comodismo, de auto-defesa, de medo em se expor e errar, como se a ação educativa fosse a perpetuação de acertos das "mágicas fórmulas" descobertas no passado.

Queremos com isso, além do alerta ético, deixar registrado o nosso respeito e o nosso agradecimento aos quatro Professores que tiveram a coragem e o desprendimento de participar, em colaborar, numa demonstração de cooperação efetiva, diferentemente daqueles que discursam cooperativismo mas praticam individualismos, ou, no máximo, corporativismo.

Penetrar nos discursos, nas unidades de significado, nas análises ideográfica e nomotética e interpretar a construção dos resultados na perspectiva de um ser-ético, são condições fundamentais para a leitura desta tese e pretensão/preocupação de quem a elaborou.

Segunda Pretensão/Preocupação.

Na matriz nomotética notamos que as unidades de significado individual apresentaram uma porcentagem de convergência muito acentuada. Como os sujeitos da pesquisa são oriundos de diferentes escolas de formação, é passada a idéia, na interpretação desse resultado, de que os Professores de Educação Física saem dos cursos de graduação,

como mencionamos anteriormente, tal qual produtos moldados por uma mesma forma, igual a linha de produção em série. Isto remete nossa pretensão/preocupação aos mais de cem cursos de formação profissional em Educação Física espalhados pelo Brasil, mais precisamente, para os que trabalham como agentes dessa formação.

Estamos, a nível nacional, no que concerne à formação profissional em Educação Física, numa fase de mudanças, alterações essas forçadas inclusive por imposição legal de redefinição curricular na área. É a primeira vez, na história da Educação Física, que não são definidas disciplinas para um "currículo" mínimo, e sim, áreas de conhecimento. Esse período de transformações também se explicita nos escritos em Educação Física, onde a preocupação de identificar o objeto de estudo dessa área está presente, nas análises e discussões sobre o movimento humano ou a motricidade humana, respeitando a perspectiva histórica e humana.

Mesmo diante desses sinais positivos, nossa pretensão/preocupação persiste, pois: a) Quantos cursos de formação profissional em Educação Física aproveitarão essa oportunidade legítima e legal para desmontar suas linhas de produção em série e implantar, crítica e conscientemente, uma proposta curricular que entenda mais e explique menos, que interprete mais e defina menos, que relacione mais e justifique menos as questões relativas ao corpo-sujeito do ser-no-mundo? Estarão nossos professores universitários dispostos a discutir a "subjetividade" dessas incertezas, ao invés de continuarem cartesianamente defendendo a "objetividade" das certezas estabelecidas ou recebidas ao longo do tempo? Estariam esses professores, mestres e doutores disponíveis para rever atitudes, ou vamos, mais uma vez, realizar apenas uma reforma de conteúdos para atendimento das exigências do mercado de consumo? b) Como poderíamos agilizar a discussão e difundir as preocupações desse momento, fazendo com que as informações produzidas na academia cheguem aos colegas já formados e que atuam na rede oficial de ensino? Não os cursos de formação profissional comprometidos com essa ação e não seria sua obrigação promover especialização, ou ainda encontrar outra forma que facilitasse o contato entre o Professor da rede escolar e a reflexão dos temas atuais em Educação Física?

Vimos, no capítulo anterior, que o movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos padronizados, ritmados, ou a ges-

ticulações produtivas, pois a visão mecanicista é desprovida do sentido humano. Será possível desenvolver um Curso de Educação Física que procure valorizar o sentido humano em detrimento do movimento mecânico? Nossa pretensão/preocupação lança esse desafio a todos os cursos e a cada um dos professores universitários.

Terceira Pretensão/Preocupação.

Enquanto nós, professores universitários, realizamos nossas pesquisas ou elaboramos nossas teses, a criança e o adolescente na idade escolar passam por essa Disciplina curricular chamada Educação Física nas escolas de primeiro e segundo graus, cujos valores são assunto deste trabalho.

Aqui, a pretensão/preocupação se insere no âmbito da escola: pretensão de que o assunto seja discutido entre alunos, entre professores de Educação Física e professores das demais disciplinas curriculares, entre pessoal administrativo e da direção da escola, entre todos enfim, pois, está patente, que a visão de corpo identificada nesta tese não é privilégio de poucos; e preocupação de como empreender isto.

Numa perspectiva mais profunda de análise, a preocupação está ligada a fatos concretos, tais: Como estabelecer, na escola, o direito da criança e do adolescente se movimentar por vontade própria? Como estabelecer, na escola, que educação séria não é sinônimo de silêncio, de imobilidade, de respostas cognitivas e motoras padronizadas? Como propiciar, na escola, o direito da criança ser criança e não ser tratada como um adulto precoce? Como propiciar, na escola, o direito da criança produzir movimentos e participar de atividades motoras que não a desprezem em função da busca do alto rendimento? Como conjugar uma escola séria com a presença da ludicidade e do prazer, direitos inalienáveis do ser-criança-no-mundo?

Como se vê, esta tese não pode ser concluída, mas deve ser continuada, ampliada, revista... (e tantos outros termos que poderíamos agregar aqui que transmitissem a idéia de processo, de dinâmica, de movimento). Aos colegas, Professores de Educação Física da Rede Escolar, lançamos o desafio desse trabalho que é participativo e cooperativo.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALVES, R. - *A gestação de futuro*. Campinas: Papirus, 1986.
- ADAM, Y. - O desporto, objecto de lutas ideológicas e políticas. In: LÉONTIEV, A. et alii. *Desporto e desenvolvimento humano*. Trad. Maria da Graça M. Sarmento. Lisboa: Seara Nova, 1977.
- ALTHUSSER, L. - *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3ª edição. Trad. Joaquim J. Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- BARBUY, H. - *O problema do ser e outros ensaios*. São Paulo: Convívio/Ed. Univ. São Paulo, 1984.
- BELBENOIT, G. - *O desporto na escola*. Trad. Antônio Pescada. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- BRODY, N. e OPPENHEIM, P. - Methodological difference between behaviorism and phenomenology. *Psychologi Rev.*, 74: 330-334, 1967.
- BRITO, M.R.F. de - *Uma análise fenomenológica da avaliação*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984.
- BONOMI, A. - *Fenomenologia e estruturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRACHT, V. - A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo...capitalista. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. Vol. 7, nº 2: 62-68, janeiro 86.
- BRUAIRE, C. - *A filosofia do corpo*. Trad. Benedito Eliseu L. Cintra. Hilton F. Japiassú, Pedro Paulo S. Madureira. São Paulo: Helder, 1972.
- CAPRA, F. - *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1987.

- CÓRIA-SABINI, M.A. - *Psicologia aplicada à educação*. São Paulo: EPU, 1986.
- DARTIGUES, A. - *O que é fenomenologia*. Trad. Maria José J.G. Almeida. 2ª edição. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DEMO, P. - *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1986.
- DE WAELHENS, A. - *Phénoménologie et vérité*. 3º édition. Louvain: Éditions Nauwelaerts, 1969.
- DIECKERT, J.; KURZ, D. e BRODTMANN, D. - *Elementos e princípios da educação física: uma antologia*. Trad. Profa. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- FERRAN, P.; MARIET, F. e PORCHER, L. - *Na escola do jogo*. Trad. Maria da Assunção Santos. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- FORGHIERI, Y.C. (Org.) - *Fenomenologia e psicologia*. São Paulo: Cortez, 1984.
- FOUCAULT, M. - *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRANÇA, C.A.V. - *O discurso de formandos em pedagogia - Faculdade de Educação Unicamp*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1986.
- FREIRE, J.B. - Rumo ao universo...do corpo. In: OLIVEIRA, V.M. (Org.). *Fundamentos pedagógicos: educação física 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- GADOTTI, M. - *A educação contra a educação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GIORGI, A. - Convergences and divergences between phenomenological psychology and behaviorism: a beginning dialogue. *Behaviorism*. Vol. 3, nº

2, Fall, 1975, 200-212.

GIORGI, A. - *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Trad. Riva S. Schwartzman. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

GIORGI, A. - *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University, 1985.

GIORGI, A. - Status of qualitative research in the human sciences: a limited interdisciplinary and international perspective. *Methods*, 1: 29-62, 1986.

HEIDEGGER, M. - *Todos nós...ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. Trad. Dulce Mara Critelli. São Paulo: Moraes, 1981.

HEIDEGGER, M. - *Ser e tempo: parte I*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. - *Ser e tempo: parte II*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

HUIZINGA, J. - *Homo ludens: o jogo como elemento da cultural*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KEEN, E. - *Introdução à psicologia fenomenológica*. Trad. Heliana de Barros C. Rodrigues. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

LEIF, J. e BRUNELLE, L. - *O jogo pelo jogo: a atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes*. Trad. Júlio César C. Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LIMA, T. - *Alta competição: desporto de dimensões humanas?* Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, E.D.A. - *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

- LUIJPEN, W.A.M. - *Introdução à fenomenologia existencial*. Trad. Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU/Ed. Univers. S.Paulo, 1973.
- MARCELLINO, N.C. - *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990.
- MARCELLINO, N.C. - *Lazer e educação*. 2ª edição. Campinas: Papirus, 1990.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. - *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V. - *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/ Ed. PUCC-SP, 1989.
- MARTINS, J. e CELANI, M.A.A. - *Subsídio para redação de tese de mestrado e de doutoramento*. 2a. edição. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- MARTINS, J. e DICHTCHEKENIAN, M.F. - *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984.
- MERLEAU-PONTY, M. - *Ciências do homem e fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.
- MERLEAU-PONTY, M. - *Fenomenología de la percepción*. Trad. Jem Cabanes. Barcelona: Ediciones Península, 1975.
- MOREIRA, W.W. - Educação e desordem: um binômio a ser alcançado. *Rev. Impulso*. Unimep-Piracicaba, Ano 2, nº 3: 13-19, 1º semestre de 1988.
- MOREIRA, W.W. - Esporte: preservação da vida ou prática de morte? *Motrivivência*. Aracajú, Ano I, nº 2: 119, junho 89.
- MORIN, E. - *Ciência com consciência*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publ. Europa-América, 1982 c.
- NOVASKI, A.J.C. - *Fenomenologia da ação: proposta de uma filosofia da*

educação al partir da fenomenologia de Paul Ricour. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1984.

OLIVEIRA, V.M. (Org.) - *Fundamentos pedagógicos: educação física 2.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

PASSOS, S.C.E. (Org.) - *Educação física e esportes na universidade.* Brasília: SEED-MEC, 1988.

POPPER, K.R. - *A lógica da pesquisa científica.* Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1985.

REZENDE, A.M.de - *Educação e ser-no-mundo: um projeto de fenomenologia da educação.* Tese de Livre-Docência. Universidade Estadual de Campinas, 1978.

RIBEIRO, D. - *A universidade necessária.* 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RICOEUR, P. - *História e verdade.* Trad. F.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

SANTIN, S. - Educação física e esportes no 3º grau: perspectivas filosóficas e antropológicas. In: PASSOS, S. (Org.) - *Educação física e esportes na universidade.* Brasília: SEED/MEC, 1988.

SAVIANI, D. - *Educação: do senso comum à consciência filosófica.* 2a. edição. São Paulo: Cortez Editora/Aut. Associados, 1982.

SÉRGIO, M. - *A prática e a educação física.* 2ª edição. Lisboa: Editorial Compendium, 1982.

SÉRGIO, M. - *Filosofia das actividades corporais.* Lisboa: Editorial Compendium, 1982.

SÉRGIO, M. - *Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos*

a uma nova ciência do homem. Lisboa: Editorial Compendium, 1987.

STRASSER, S. - *Phenomenology and the human sciences*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1963.

VIGOTSKII, L.S.; LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. - *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/Ed. Universidade São Paulo, 1988.

ANEXO I

FICHA CADASTRO DE PROFESSORES - PIRACICABA

1.0 - IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Sexo [] F. [] M.

Nome _____
 Endereço _____ nº _____
 Apto _____ Bairro _____ CEP _____
 Cidade _____ Estado _____
 Telef. Res. _____ Telef. Serviço _____

2.0 - FORMAÇÃO ESCOLAR

2.1 - CURSO DE GRADUAÇÃO

Nome Escola _____
 Cidade _____ Estado _____ Ano Conclusão _____
 Possui outro Curso de Graduação? Sim [] Não [] Qual?
 Curso _____
 Nome Escola _____
 Cidade _____ Estado _____ Ano Conclusão _____

2.2 - CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

- Informar a Situação (ST) = 01 - completo 02 - cursando

- Informar Nível (NV) = TD - Técnico Desportivo OE - Especialização
 OM - Mestrado OD - Doutorado

NV Nome do(s) Curso(s) ST Ano Conclusão

3.0 - INTERESSES EM CURSOS

- Indique títulos de cursos que seriam importantes para seu desempenho profissional na escola.

- Informar tipo de curso(TC) Extensão(EX) Especialização(OE)
TC Título(s) do(s) Curso(s) ou Área de Interesse

Disponibilidade para Frequentar Cursos

Dias da Semana _____ / _____ / _____ / _____
Horários _____ às _____ / _____ às _____ / _____ às _____ / _____ às _____

4.0 - IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Nome Escola _____

Endereço _____ nº _____

Bairro _____

Número de Turmas Semanais na EF por Série no 1º Grau

5ª Série [] 6ª Série [] 7ª Série [] 8ª Série []

Número de Turmas Semanais na EF por Série no 2º Grau

1º Col. [] 2º Col. [] 3º Col. [] 3º Col. []

Situação Funcional

Prof. Efetivo [] Prof. ACT [] Prof. CLT []

Tempo de Professor na Rede Oficial: [] anos e [] meses.

Ano que Assumiu por Concurso: []

Carga Horária Semanal Nessa Escola: [] horas.

Leciona em Outra Escola? Sim [] Não []

Nome Escola _____ Carga Hor. _____

Nome Escola _____ Carga Hor. _____

Nome Escola _____ Carga Hor. _____

Possui outra atividade profissional? Sim [] Não []

Quais atividades e carga horária semana?

Atividade _____ Carga Hor. _____

Atividade _____ Carga Hor. _____

Atividade _____ Carga Hor. _____

Data ____/____/____

Assinatura